UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

LEYLLYANNE BEZERRA DE SOUZA

"QUANDO NÃO TEM BEBIDA, MORGA LOGO!": UM ESTUDO INTERSECCIONAL SOBRE JUVENTUDE E CONSUMO DE ÁLCOOL

RECIFE
2015

LEYLLYANNE BEZERRA DE SOUZA

“QUANDO NÃO TEM BEBIDA, MORGA LOGO!”: UM ESTUDO INTERSECCIONAL SOBRE JUVENTUDE E CONSUMO DE ÁLCOOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profª. Drª. Jaileila de Araújo Menezes.

RECIFE
2015

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

S729q Souza, Leyllyanne Bezerra de.
"Quando não tem bebida, morga logo" : um estudo interseccional sobre juventude e consumo de álcool / Leyllyanne Bezerra de Souza. – 2015.
154 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Profª. Drª. Jaileila de Araújo Menezes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2015.
Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Psicologia. 2. Psicologia social. 3. Juventude. 4. Jovens – Uso de álcool. 5. Interseccionalidade. 6. Pesquisa-intervenção. I. Menezes, Jaileila de Araújo (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.) UFPE (BCFCH2017-112)

LEYLLYANNE BEZERRA DE SOUZA

"QUANDO NÃO TEM BEBIDA, MORGA LOGO!": UM ESTUDO INTERSECCIONAL SOBRE JUVENTUDE E CONSUMO DE ÁLCOOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 24/02/2015

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Jaileila de Araújo Menezes
(Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

_____

Profª. Drª. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez
(Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba

_____

Profº. Drº. Luís Felipe Rios do Nascimento
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esta produção às e aos jovens da região Suape, em especial àquelas/àqueles que foram minhas interlocutoras e meus interlocutores nessa construção.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui, momento de “finalização” deste trabalho, só foi possível diante de encontros. Encontrar pessoas e, com estas, conhecer outros mundos possíveis: eis aí movimentos de vida que, com certeza, marcaram as reflexões que ora apresento. Encontros com diferentes vozes que, de alguma forma, ecoam nesse texto, às quais eu venho agradecer.

À Lindaura, minha mãe, pelo apoio que me permitiu/permite trilhar esse caminho. Pela dedicação diária e pela confiança, minha total gratidão!

Às/Aos jovens, interlocutoras e interlocutores desta pesquisa, que toparam, junto comigo, esse empreendimento. Agradeço imensamente o desejo, a disponibilidade e o entusiasmo em nossos Diálogos! Obrigada pelos encontros, pelas parcerias e pelos aprendizados que, com certeza, levarei para sempre comigo. Espero também ter deixado algo com vocês!

À professora Jaileila Menezes, minha querida orientadora, pelo encontro no mestrado. Pela simplicidade e cuidado na arte de “orientar para a vida”. Pelo competente e delicado acompanhamento em meus ensaios na pesquisa e na docência. Por ser uma inspiração diária para mim: um exemplo de pessoa e profissional, com quem aprendo cotidianamente. Minha admiração e gratidão!

Ao professor Luís Felipe Rios, meu supervisor de estágio em psicologia clínica, quem me mostrou “o social na clínica” e a “clínica no social”. Pelo acompanhamento em meu percurso de formação, no desenvolvimento de uma escuta clínica, e no “fazer psicologia” em Diálogos, para além de “caixinhas disciplinares”. Minha admiração e gratidão!

À professora Karla Galvão, com certeza uma eterna inspiração para mim. Pela arte de ensinar com afeto. Pelo encontro com as discussões feministas e de gênero. Por me fazer sentir os efeitos subjetivantes que pode ter o currículo. Por me mostrar que ciência e política são “faces da mesma moeda”. Pelas experiências de ter sido sua aluna e monitora, por reavivar em mim o desejo pela docência. Minha admiração e gratidão!

À professora Maria de Fátima Santos, pelo encontro com a psicologia social. Pelas oportunidades na pesquisa, pelo desenvolvimento de uma “vontade de saber”. Com certeza, foi a partir desses encontros durante a graduação que emergiu o desejo em pesquisar. Minha admiração e gratidão!

Aos fortuitos e lindos encontros, ao longo de cinco anos, que possibilitaram a concretização de um projeto: a Encontrarte, clínica psicológica. Às sócias Juliana Lucchesi, Mayara Lacerda, Maria Eduarda Barbosa e Raissa Falcão, pela competência e determinação, pelos afetos e pela parceria no projeto de "fazer uma clínica" pautada no *sentir com* o outro. Minha admiração por e gratidão a cada uma! Mais um agradecimento à Mayara, pela leitura atenta deste trabalho. Obrigada!

Ao Ação Juvenil, grupo que me acolheu e me acompanhou em processos de mudanças: da graduação ao mestrado; de estagiária à assistente de pesquisa. Agradeço pelos encontros e amizades construídas, pelas parcerias e comprometimento em um projeto de pesquisa-intervenção-pesquisa, pela militância na academia, pelos aprendizados institucionais, epistemológicos, teóricos, metodológicos e ético-políticos no trabalho com juventude e direitos sociais. Minha admiração gratidão às pessoas que fizeram parte desse empreendimento: Jaileila Menezes, Karla Galvão, Fernanda Gomes, Tacinara Queiroz, Vanessa Benevides, Laís Rodrigues, Raissa Falcão, Diego, Isabella Bastos, José Mário, Basílio Queiroz, Maria Eduarda Santos, Jucinara Rodrigues e Ruan Paiva.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPCOL), pelos encontros sempre instigantes, pelas parcerias na construção de conhecimentos. Pela inspiração e por alimentar o desejo de fazer parte da academia, de seguir sempre buscando saber. Agradeço em especial à Kátia Lacerda, Emília Miranda, Juliana Barbosa e Dandara Onilari pelas leituras cuidadosas e contribuições a este trabalho. Muito obrigada!

Agradeço em especial à Raissa Falcão, pelas parcerias na vida, pela escuta sempre incondicional. Pela sensibilidade e intervenções certeiras. Pela força e por sempre acreditar em mim. Pelas parcerias acadêmicas, por pensar, escrever e aprender junto comigo. Minha enorme admiração e gratidão!

Às/Aos amigas/os, que contribuíram, cada uma/um a sua maneira, para a concretização desta etapa em minha vida. Pelas parcerias nas construções, elaborações, tensões e diversões deste trabalho. Agradeço em especial às/aos colegas de graduação pelo "dia do fico", pelo carinho e a apoio quando Recife ainda era uma cidade muito difícil, "fria" e triste. Agradeço às/aos amigas/os de Caruaru, Recife, Petrolina, Rio de Janeiro e Florianópolis, pelos encontros e mensagens constantes, agora também no Whatsapp!

À FACEPE pela bolsa concedida, que me permitiu dedicação exclusiva ao mestrado.

“Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.”

Manoel de Barros, *In:* O apanhador de desperdícios.

RESUMO

Este trabalho buscou compreender significados atribuídos por jovens ao consumo de bebidas alcoólicas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de inspiração feminista, inserida na Psicologia Social. Assumiu como perspectivas a pesquisa-intervenção e a interseccionalidade de marcadores sociais para a compreensão/intervenção de/em posicionamentos das/os jovens interlocutoras/es relativamente ao consumo de álcool. Estas/Estes, jovens habitantes da região Suape-PE, estudantes do ensino médio da rede pública de ensino em território que tem vivenciado um intenso processo de desenvolvimento econômico. Desenvolveu-se a partir do trabalho com grupo em três rodas de conversa – videogravadas e transcritas – nas quais o uso de álcool foi abordado, respectivamente, segundo os vieses da sociabilidade, do lazer, e de discursos de riscos e prazeres envolvidos em práticas de consumo. Foi possível perceber o álcool como um importante elemento relacionado à sociabilidade das/os jovens. O tensionamento público-privado caracterizou diferentes experiências com as bebidas, de modo que os significados atribuídos ao beber variaram de acordo com o contexto relacional em que se bebe. O beber em família foi referido como uma experiência menos prazerosa em relação ao beber no grupo de amigos, por se caracterizar como um espaço de regulações segundo uma hierarquia geracional, que circunscreve o ato de beber em códigos de moralização, normatização e inibição. De outro modo, beber no grupo de amigos parece caracterizar um contexto em que se sente mais livre para se experimentar: quanto aos limites e possibilidades do próprio corpo; em experiências afetivo-sexuais; e ainda, quanto aos prazeres e riscos potencialmente envolvidos em práticas de consumo. O ato de beber, no contexto do grupo de pares, parece funcionar como um extensor do tempo em que se está junto, como potencializador da sociabilidade. Ressalta-se que os significados do beber se distinguem quanto aos marcadores de gênero, sobretudo quando articulados às vivências e posicionamentos sexuais. A mulher que bebe, sobretudo no espaço público, se vê como alvo de críticas e regulações; além disso, a experiência de embriaguez para mulheres jovens é fortemente associada ao risco de violência sexual. Por outro lado, o homem que bebe pode se sentir mais desinibido, e assim, colocar-se de forma mais ativa em situações de paquera, o que lhe é esperado e valorizado. Há uma fronteira tênue entre prazeres e riscos nas experiências de consumo de álcool, os quais as/os jovens precisam aprender a gerir. Como via de controle do corpo, o marcador religião emergiu como forma de gestão de riscos e prazeres através da restrição ou mesmo prescrição do não uso de bebidas, para mulheres e homens. O marcador território pareceu delinear uma associação

entre bebidas e violência quando o consumo de álcool é pensado em relação ao *outro*, sobretudo os ditos “baianos”, homens de outros estados que estão na região Suape trabalhar em empresas de construção civil.

Palavras-chave: Psicologia. Psicologia social. Juventude. Uso de álcool. Sociabilidade. Interseccionalidade. Pesquisa-intervenção.

ABSTRACT

This study aimed to understand the meanings attributed by young people to alcohol consumption. This is a qualitative study of feminist inspiration, inserted in social psychology. It took over as prospects for intervention research and the intersectionality of social markers for understanding /intervention in positions of young interlocutors in relation to alcohol consumption. These are young inhabitants of Suape, Pernambuco region, high school students from public schools, in territory that has experienced an intense process of economic development. It was developed from work with group, in three rounds of conversation – recorded in video and transcribed - in which the use of alcohol was addressed, respectively, according to the biases of sociability, leisure, and risk and pleasures discourses and involved in practices consumption. We could perceive alcohol as an important element related to sociability of young people. The public-private tensioning featured different experiences with the drinks, so that the meanings attributed to drinking varied according to the relational context. Drinking in family was referred as a less pleasurable experience regarding drinking in the group of friends, because it is characterized as a space setting according to a generational hierarchy, which limited the act of drinking in moralization codes, regulation and inhibition. Otherwise, drinking in the group of friends seems to characterize a context where young people feel freer to experiment: as the limits and possibilities of one's body; in sexual experiences; and pleasures and potential risks involved in consumption practices. Drinking in the context of peer group, appears to be a time extender in which young people are together, facilitating sociability. It is noteworthy that the meanings of drinking differ as to gender markers, especially when articulated to the experiences and sexual positions. Women who drink, especially in the public space, are seen as the target of criticism and regulations; furthermore, intoxication experience for young women is strongly associated with risk of sexual violence. On the other hand, men who drink can feel more uninhibited, and thus put themselves more actively in dating situations, what is expected and valued related to him. There is a fine line between pleasure and risks on the experiences of alcohol consumption, which young people need to learn to manage. The religion marker emerged as a form of risk and pleasures management by restricting or even prescription of nonuse of drinks for women and men. The territory marker seemed to delineate an association between beverages and violence when alcohol consumption is thought to the

other, especially those called "Bahia", men from other states that are in Suape region, working in construction companies.

Keywords: Psychology. Social Psychology. Youth. Alcohol use. Sociability. Intersectionality. Intervention research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1 e 2 – Peças em barro produzidas por artesãos caruaruenses..... 20
Figura 3 – Mapa da região de Suape, com destaque para os municípios 53
Figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9 – Cartazes produzidos sobre os espaços sociabilidade das/os jovens. 73
Figura 10 – Imagem ilustrativa de jogo “Verdade ou consequência” 87
Figuras 11 e 12 – Imagens ilustrativas de jogo de palitinhos..... 89
Figuras 13 e 14 – Imagens do videoclipe, produzido de forma independente, para a música “Ela tá beba, doida”, Gaby Amarantos 107
Figuras 15 e 16 – Imagens do videoclipe da música “Eu só vou beber mais hoje”, interpretada por Humberto e Ronaldo..... 118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese da caracterização das/os jovens participantes das rodas de conversa 64
Quadro 2 – Significados relativos ao *beber*, segundo as respostas das/os interlocutoras/es à técnica de associação de palavras 102
Quadro 3 – Prazeres e riscos relacionados a práticas de consumo de álcool, para mulheres e homens 124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DST – Doenças Sexualmente Trasmissíveis

AIDS – Acquired Immune Deficiency Syndrome

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

HIV – Human Immuno Deficiency Virus

LGBTTI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersex

PE – Pernambuco

TCLE – Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

CAPS ad – Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

PNDR – Política Nacional de Desenvolvimento Regional

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

1.1 Das experiências de outrora… 19

1.2 Das experiências de ontem e hoje…. 20

2 JUVENTUDE E CONSUMO DE ÁLCOOL: TECENDO PROBLEMATIZAÇÕES 27

2.1 Revisão de literatura: discursos científicos sobre "jovens" e "álcool" 27

2.2 Discursos de prazer e de risco na relação entre juventude e substâncias psicoativas 33

2.3 Por uma abordagem do prazer: ensaiando possibilidades 38

2.4 Juventude(s) e álcool: questões de tempo livre, lazer e sociabilidade 40

3 TECENDO O TRABALHO E SUAS "AMARRAÇÕES": A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA E A PERSPECTIVA INTERSECCIONAL 44

3.1 Encontros com o(s) feminismo(s) e pesquisas de inspiração feminista: por um fazer científico que me faça sentido 44

3.2 O encontro com a perspectiva Interseccional 47

3.3 Território, sexualidade/posicionamentos sexuais e gênero: articulando categorias para pensar o consumo de bebidas alcoólicas por jovens 50

3.3.1 Sobre o território 51

3.3.2 Sobre sexualidade e posicionamentos sexuais 55

3.3.3 Sobre gênero 58

3.4 A pesquisa em foco: entre escolhas e estratégias 60

3.4.1 Conhecendo as/os interlocutoras/es, coprodutoras/es desta pesquisa 60

3.4.2 Procedimentos em campo: uma pesquisa-intervenção-pesquisa em rodas de conversa 64

3.4.3 Sobre as rodas de conversa. Do planejamento à realização: a flexibilidade no trabalho *com* grupos 66

3.4.4 Procedimentos de análise 68

3.4.5 Aspectos éticos, estéticos e políticos da pesquisa 68

4 SOCIABILIDADE, LAZER E CONSUMO DE ÁLCOOL POR JOVENS DE SUAPE 71
4.1 Caracterizando espaços de sociabilidade das/os jovens interlocutoras/es 71
4.2 Lugares de consumo de bebidas alcoólicas 76
4.3 Motivações para beber 84
4.4 Polissemias do (não) beber e a questão do controle 90
5 ENTRE PRAZERES E RISCOS: O CONSUMO DE ÁLCOOL EM CENAS ... 100
5.1 Cena 1: "Beber é..." 100
5.2 Cena 2: "Ela tá beba! Tá doida?" – A mulher na "cena do copo" 105
5.3 Cena 3: "Amanhã eu vou parar" – O homem autorizado a beber 117
5.4 Entre a busca por prazeres e a vivência de desprazeres: a conviência com o risco 124
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 131
REFERÊNCIAS 135
APÊNDICE A – 1ª Roda de Conversa 146
APÊNDICE B – 2º Roda de Conversa 149
APÊNDICE C – Carta de Anuência 151
ANEXO A – Termo de Consentimento livre e esclarecido 152
ANEXO B – Termo de Autorização 154

1 INTRODUÇÃO

"Não dá pé/ Não tem pé, nem cabeça/ Não tem ninguém que mereça/ Não tem coração que esqueça/ Não tem jeito mesmo/Não tem dó do peito/ Não tem nem talvez/ Ter feito o que você me fez/ Desapareça/ Cresça e desapareça/ Não foi nada/ Eu não fiz nada disso/ E você fez um bicho de sete cabeças"

Renato Rocha

Como afirma Peter Kevin Spink (2003, p.26) "a pesquisa nasce da curiosidade e da experiência tomados como processos sociais intersubjetivos de fazer uma experiência ou refletir sobre uma experiência". Segundo o autor, faz parte do processo de pesquisa contar histórias, à medida que as contamos, tornamo-nos aquelas mesmas. Inspirada nesse autor, traço aqui um breve percurso de minha trajetória como forma de introduzir minha questão de pesquisa, bem como delinear como esta foi sendo construída.

Trago algumas experiências relativas a diferentes momentos de minha vida para tanto. Dialogando com Joan Scott (1999), compreendo *experiência* como um *evento linguístico*, o qual não é possível fora dos significados estabelecidos, tampouco presa a uma ordem fixa de significados. Historicizada em seus processos de condição de possibilidades e constituição de subjetividades, a experiência é aquilo sobre o qual produzimos conhecimento; "é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação" (SCOTT, 1999, p.52).

Para começar, trago a epígrafe desta seção: o trecho de Renato Rocha, parte da música *Bicho de sete cabeças* interpretada pelo pernambucano Geraldo Azevedo. Canção esta que nomeou um filme[1] de drama brasileiro. Inicio este trabalho com essa canção para falar de como a mesma, também sob influência do filme mencionado, toca(ram)-me (desde o curso de graduação) como pessoa e psicóloga, para pensar o outro e minha relação com este.

Ouvir essa música é sempre ser invadida por pensamentos que dizem sobre riscos e vulnerabilidades potencialmente colocados nos encontros humanos. É o caso, por exemplo, das

[1] O filme *Bicho de sete cabeças*, lançado no ano 2000, foi baseado no livro *Canto dos Malditos*, em que Austregésilo Bueno denuncia violências sofridas na sua experiência em hospitais psiquiátricos. O filme narra a história de Neto, jovem que teve um cigarro de machonha descoberto em seu casaco por seu pai, fato que culminou com sua internação em um hospital psiquiátrico. Sua experiência neste último foi marcada por várias situações abusivas e violentas, caracteríticas de instituições disciplinares asilares.

violências vivenciadas no filme por Neto, desde suas relações familiares até as relações institucionais. Violências relativas ao uso[2] de substâncias psicoativas, às concepções de *saúde mental* e *loucura*, por exemplo. Ouvir essa música é, para mim, pensar sobre a Psicologia que, como ciência e profissão, enuncia saberes dotados de valor de "verdade científica" sobre o outro, sobre sua saúde e seus possíveis rótulos de "problemas", sobre os quais este mesmo saber prevê intervenções, supostamente necessárias, eficientes e eficazes.

Ouvir essa canção é, por outro lado, pensar no exercício sempre necessário de flexibilização do olhar. Afinal, poderia o outro *ser outro* desde a exclusividade dos meus próprios referenciais? Conceitos tão caros ao saber psicológico, alteridade e singularidade fariam sentido em sistemas únicos normativos de modos de ser? Olhar o outro e vê-lo, de fato, como sujeito singular e, portanto, diferente implica em descentramento: lançar-se em tentativas de "sair" do lugar onde se está para viabilizar a construção de diálogos com o outro, sobre/com/a partir do lugar deste último.

Tentando sistematizar, poderia dizer que é da minha imersão na Psicologia Social, ainda como estudante do curso de graduação, assim como da prática clínica exercitada no estágio obrigatório desse mesmo curso e, posteriomente, dos meus diálogos com a Antropologia de onde vem minha curiosidade em relação ao *outro*. Curiosidade quanto ao seu lugar de diferença e sua verdade singular. Desejo por contato e diáologo com o que se apresenta como diferente de mim. Este, que me leva a pensar sobre outros referenciais, significados e maneiras de pensar o mundo, de viver; e que, como consequência necessária, gera reflexões sobre mim mesma e meus próprios modos de ser. Afinal, como diria Miriam Grossi (1992), na busca do "outro", encontra-se a "si mesmo".

A partir de experiências, inspirações e motivações como essas fui construindo também meu olhar em relação às ditas "drogas", ou substâncias psicoativas, e, mais especificamente, em relação ao álcool. Em tentativas, algumas vezes mais intuitivas e outras mais posicionadas teoricamente, de familiarizar o estranho e estranhar o familiar (VELHO, 1978), eis como se delinevam meus interesses de pesquisa. "Embriagada" de curiosidade por uma "droga" – ou

[2] Ao longo deste trabalho, usarei o termo 'uso' como sinônimo de 'consumo' de substâncias psicoativas. Reconheço as classificações quanto aos padrões de consumo de drogas, que distingue *uso (moderado)*, *abuso* e *dependência*. Nesse caso, o uso moderado poderia ser entendido como o "consumo com limites em que prejuízos não são esperados tanto para o indivíduo quanto para a sociedade", como menciona Camila Magalhães Silveira (2013, p.81). No entanto, minha questão de pesquisa, *a priori*, não parte dessas distinções. Pretendo pensar o consumo de álcool de maneira ampla, na sua pluralidade de formas, não partindo de antemão de uma distinção entre "maneiras mais ou menos nocivas" de usos.

não seria "droga"? – que possui forte presença na cultura, sobretudo em momentos de festividade, congraçamento e alegria.

Assim eu olhava para o álcool, tentando pensá-lo da "felicidade ao problema", e do "problema à felicidade". Dizendo de outra maneira, pensar sobre o álcool envolvia estranhá-lo como ingrediente naturalizado de relações sociais, uma espécie de "combustível da felicidade", assim como, considerar sua importância enquanto substância psicoativa associada a elevados índices de problemas e gastos em saúde pública, como descreveram Cecília Minayo e Suely Deslandes (1998). Por outro lado, era preciso estranhar os problemas para falar sobre os possíveis prazeres envolvidos no seu consumo, dada sua signitificava presença social e importância cultural. Assim, nos cursos das "experiências etílicas", pensava eu: o que se fala e o que se invisibiliza em relação ao álcool? Às voltas com essas questões, eu tentava pensar o álcool entre possibilidades de "problemas", mas também de "prazeres".

Desde já anuncio de onde inevitavelmente parto para desenvolver as reflexões que ora ensaio neste trabalho: jovem branca de classe média, natural de Caruaru, cidade pernambucana, moradora da capital do estado, Recife. Esses marcadores me constituem e me situam, permitindo-me falar do lugar de pesquisadora no campo da Psicologia e, ao mesmo tempo, marcando como situadas minhas enunciações. A partir dessas localizações, trago meu lugar de origem para circunscrever alguns dos elementos que me instigaram a pensar sobre o álcool desde o referente da cultura.

1.1 Das experiências de outrora...

Crescer em Caruaru, cidade conhecida como "Capital do forró", foi inevitavelmente ouvir sempre esse gênero musical. A partir dessas lembranças, percebo o que tendo a compreender como mudanças em letras de músicas. Algumas mais recentes têm trazido o álcool como um importante elemento, ao contrário do que eu costumava ouvir em canções mais antigas[3], que tocavam nas rádios da cidade na década de 1990 e início dos anos 2000. Os trechos que seguem indicam essa presença de modo mais enfático: "O meu bolso é minha guia, **a bebida é a razão**/ Sou um cara apaixonado por mulher e boi no chão" (Banda Calcinha Preta);

[3] Alguns trechos de músicas as quais chamei de "mais antigas": "Que falta eu sinto de um bem, que falta me faz um xodó" (Luiz Gonzaga); "O senhor tá dançando armado, e agora vamos dizer pro delegado" (Trio Nordestino); "Já vem montado em seu alazão, chapéu de couro, laço na mão, seu belo charme me faz cantar" (Banda Mastruz com Leite).

"**Hoje é cachaça**, mulher e gaia/ Aumenta o som, quem não guentar que saia" (Banda Cavaleiros do Forró); "É meu defeito, **eu bebo mesmo**, beijo mesmo, pego mesmo! E no outro dia nem me lembro" (Fernando e Sorocaba).

Não dá para deixar de falar do lugar conferido à mulher nessas letras, possível de ser percebido a partir dos trechos referidos. Em associação ao "boi no chão", à "gaia" e ao fato de ser *algo* que o homem "pega, beija e esquece", à mulher é conferida uma posição de submissão em relação ao seu parceiro, segundo referência normativa a um arranjo heterossexual. Também como produção de desigualdades de gênero, peças em barro produzidas por artesãos da região (Figuras 1 e 2), (re)tratam de maneira diferente a imagem do homem bêbado e da mulher bêbada. Esta última, segurando uma garrafa e um copo, usando vestido, caída no chão com as pernas abertas, de modo que seu genital fica à mostra; aquele, por sua vez, usando calça e camisa, também caído no chão, segurando uma garrafa e um copo, junto a um cachorro. A condição de bêbada, para a mulher, coloca-se de modo a associado à sexualidade, caracterizada a partir de uma situação de vulnerabilidade, como sugerem as pernas abertas, em uma espécie de publicização e disponibilidade sexual irrestrita.

Figuras 1 e 2. Peças em barro produzidas por artesãos caruaruenses

1.2 Das experiências de ontem e hoje...

Permeado por esses cenários, o interesse pelo estudo do álcool me acompanha desde o ano de 2009, quando curiosamente o crack se fez um elemento de grande importância na mídia pernambucana e para o cotidiano da população em geral. Tal substância psicoativa passou a ser objeto de propagandas televisivas, *outdoors* e matérias em jornais, a exemplo de uma série de

reportagens do Jornal do Commercio, intitulada “A epidemia do tráfico”. De modo geral, este movimento construía um lugar de problema para o crack, desenhando-o como uma patologia que se alastrava pelo estado de Pernambuco, criando uma atmosfera de terror e medo, e, dessa forma, atraindo os olhares, esforços e orçamentos das gestões municipal e estadual para o enfrentamento desta questão.

Esse cenário me motivou a procurar informações sobre drogas e sobre como a Psicologia poderia pensar esse fenômeno. Aí, deparei-me com o álcool como a substância psicoativa mais consumida no Brasil e de maior estimativa de dependência, sobretudo entre jovens nas idades entre 16 e 19 anos; além da sua articulação com diferentes formas de violência (MINAYO; DESLANDES, 1998), estando relacionada a grandes gastos dispendidos pela saúde pública neste país. Na interface com a juventude, por sua vez, os estudos têm indicado elevadas taxas de consumo em padrão regular[4] dessa substância, e de experiências de embriaguez, as quais, muitas vezes, associam-se a diversos problemas, tais como físicos, familiares, acidentes de trânsito e violências (DUARTE et al., 2009; BRASIL, 2009).

No entanto, me chamava atenção o fato de, apesar disso, eu pouco ouvir falar, comparativamente ao que acontecia com o crack, sobre preocupações e intervenções sobre o cenário relativo ao álcool. Ao contrário, este continuava sendo abordado pela mídia em propagandas a partir de elementos como erotização, diversão, liberdade, lazer e poder. Ou seja, um objeto cujo consumo continuava (e continua) sendo reafirmado e estimulado a despeito dos conhecidos dados empíricos, como os trabalhados por Minayo e Deslandes (1998), e da própria Política Nacional sobre Álcool (BRASIL, 2007).

Em meio a essas sensações e percepções, minhas experiências no contexto universitário também me possibilitavam estranhar o álcool e, ao mesmo tempo, alimentar minhas curiosidades em relação àquele. A entrada na Universidade trouxe consigo inserções em contextos de sociabilidade universitária, os quais compreendiam sobremaneira os bares do entorno da UFPE. O *Bar da Kelly*, o *Bigode* e o *Cavanhaque* eram uns dos mais populares, cada um agregando públicos, estilos de músicas e “modos de estar” diferentes, delimitando em alguma medida, espaços de interação entre estudantes dos cursos de Ciências da Saúde e Biológicas – concentradas/os em maior número “na *Kelly*” – e dos cursos de Ciências Humanas, Ciências Sociais, Filosofia, Educação e Artes, nos outros dois – *Bigode* e *Cavanhaque*.

[4] Essa expressão se refere ao que se concebe como uso moderado do álcool, conceituado na nota de rodapé nº 2.

Eu, que apesar de já ter experimentado vários tipos de bebidas alcoólicas, não costumava beber nessa época, estranhava a assiduidade de colegas nesses espaços. O *Bigode* e o *Cavanhaque* eram "concorrentes" das aulas durante as manhãs e as tardes, de tal modo que, muitas vezes, só encontrava algumas/uns colegas se fosse até esses espaços. A vivência da Universidade parecia ser marcada para muitas/muitos delas/es pelo espaço-tempo do bar: a cerveja, as conversas com amigas/os, sobre a Psicologia e tantos outros assuntos. Parecia que minha experiência da Universidade era outra, muito menos marcada pelos bares e demais elementos e relações que caracterizavam esses cenários. Essas distinções me faziam pensar no poder de atração do álcool, que, quer por objetivo final, elemento mediador ou mera contingência, agregava pessoas – inclusive quem não bebia, como eu, que fiz parte dessas cenas em muitos momentos.

Essas experiências na Universidade me motivaram a desenvolver um subprojeto de pesquisa no Programa Institucional em Educação Científica (PIBIC), intitulado "A representação social do álcool entre adolescentes", que esteve articulado ao projeto "Representações sociais de adolescência: processo e conteúdo", desenvolvido pela professora Maria de Fátima Santos. Neste, busquei trabalhar as representações que estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) compartilhavam relativamente ao álcool. A partir desse estudo foi possível perceber a bebida alcoólica fortemente associada aos finais de semana, tendo bares, faculdade, praia e férias como cenários e contextos de maior destaque; sendo consumido principalmente cerveja, vodca e uísque; estando, finalmente, relacionada em alguma medida a elementos como alegria, diversão, ressaca, jovens, irresponsabilidade, lei seca, drogas e morte (SOUZA; SANTOS, 2011).

Outra experiência contribuiu para o meu desejo em realizar este trabalho. Esta se refere à minha participação como estagiária no projeto Ação Juvenil, integrante do Programa Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape. Este consistiu em um programa de pesquisa-intervenção desenvolvido pela UFPE nos municípios de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, cidades que integram o território estratégico de Suape[5], componente da região metropolitana de Recife-PE. Este programa consistiu em um conjunto de diversas ações que buscaram

[5] É importante destacar que o território estratégico de Suape compreende, atualmente, as cidades pernambucanas de Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão dos Guararapes, Ipojuca, Escada, Moreno, Ribeirão, Rio Formoso e Sirinhaém. No entanto, neste trabalho, sempre que me referir à região Suape, estarei falando em específicos de duas cidades: Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, onde se desenvolveu o Programa Diálogos, ao qual este trabalho este articulado.

compreender o impacto da instalação dos empreendimentos de um complexo industrial para as populações locais.

Minha experiência, como estagiária e posteriormente como assistente de pesquisa, no Ação Juvenil consistiu no trabalho com grupos[6] de jovens da referida região. Através de oficinas, trabalhávamos questões relacionadas a diferentes temas: sexualidade e gravidez na adolescência, prevenção das DSTs e HIV-Aids, exploração sexual de crianças e adolescentes, violência contra as mulheres e uso abusivo de álcool e outras drogas. Nesse trabalho, vivenciamos desafios quanto ao manejo de situações em que o álcool se fez presente enquanto objeto de consumo entre as/os jovens, o que gerou em mim questionamentos acerca do seu lugar na sociedade e na vida daquelas/daqueles.

Como exemplo, cito uma situação em que o álcool foi protagonista, talvez nas fronteiras entre o prazer e o problema: o encerramento do *Curso de Mídias Móveis*[7], um trabalho realizado pelo Ação Juvenil durante dez dias em Nossa Senhora do Ó (Ipojuca) em 2012. Ao longo deste, trabalhamos com 73 jovens da região Suape através de oficinas e da construção de vídeos curtas-metragens acerca das temáticas relativas à saúde e direitos sociais. Para o último dia do curso estava programada uma mostra de todos os vídeos produzidos, que seria seguida por uma festa de encerramento. Para nossa surpresa – da equipe responsável pelo planejamento e realização do curso – as coisas não aconteceram como estavam previstas. Isso porque as/os jovens beberam no ônibus do projeto que as/os conduzia até a escola onde aconteciam as oficinas, tendo algumas/alguns chegado ao local alcoolizadas/os e uma jovem precisou ser levada ao hospital. As/Os jovens participantes do curso pretendiam esconder da equipe o fato de terem bebido.

Essa situação nos mobilizou bastante e gerou repercussões para o grupo, tendo em vista que a temática do uso (abusivo) de álcool e outras drogas havia sido trabalhada, tendo ficado, para muitas/muitos de nós, uma sensação de frustração diante do ocorrido. Era como se entre o

6 O Ação Juvenil realizou trabalhos com distintos grupos de jovens, no entanto todos compostos por estudantes do ensino médio de escolas da rede pública da região Suape.

7 O Curso de Mídias Móveis se caracterizou como o primeiro trabalho desenvolvido em campo pelo projeto Ação Juvenil. Foi um curso voltado a jovens estudantes do ensino médio de escolas públicas das cidades de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, cujo objetivo consistiu em sensibilizar o público alvo nas seguintes temáticas: sexualidade e gravidez na adolescência, prevenção das DSTs e HIV/Aids, exploração sexual de crianças e adolescentes, violência contra as mulheres e uso abusivo de álcool e outras drogas. Utilizou as mídias móveis como ferramentas para o desenvolvimento do trabalho, as quais em dispositivos para captação de imagens e gravação de vídeos, tais como câmeras de vídeo digitais e dispositivos móveis que possuem câmeras acopladas, como é caso de aparelhos celulares.

trabalho construído com as/os jovens e esse episódio final se estabelece uma espécie de "incoerência", ou falhas[8]. Desse modo, ao invés da programação de encerramento, foi preciso trabalharmos com as/os jovens o que havia acontecido no ônibus, bem como a postura de esconder o fato de terem feito uso de álcool – o que colocava em risco a saúde da jovem que precisou ser encaminhada ao hospital, visto terem alegado que a mesma estaria apenas tonta porque não havia se alimentado.

Passada a mobilização do momento, pude refletir sobre a saia justa que esse episódio nos colocou, construindo muito mais perguntas do que chegando necessariamente a respostas e conclusões. Então, era *festa* no curso de Mídias Móveis! Sim, a tão esperada festa de encerramento; comentada ao longo da semana pelas/os jovens, programada, esquematizada. Roupas que usariam, músicas que seriam tocadas, uma partida de futebol estava programada, bem como a mostra dos vídeos, sobre os quais as/os jovens haviam trabalhado durante todo o curso, além das expectativas de se verem na tela.

Jovens e festa. A bebida entraria, ou não? Festas seriam contextos propícios ao consumo de bebidas alcoólicas? Por quê? Haveria uma espécie de naturalização nessa relação? E a articulação com a juventude? São jovens, que conforme compreensão de condição juvenil, estariam vivendo uma *fase da vida* marcada por uma autorização social para a diversão. Nesse caso, o álcool entraria na diversão? Se sim, quando, onde, de que forma?

Substância psicoativa de ampla inserção social, pela permissividade relativa ao status de "droga lícita", o álcool tem presença garantida em variados eventos sociais, tais como festas, esportes, comemorações e celebrações, rituais religiosos, dentre outros. Dessa maneira, coloca-se uma ambiguidade na questão do álcool: ora afirmado como uma "droga" sobretudo pelo discurso científico, ora negado, diante de sua aceitação social e livre circulação, comércio e consumo, fazendo parte das relações sociais.

Essa dupla caracterização – seu status de substância psicoativa lícita e sua importância sociocultural – delineia o álcool como uma espécie de "fermento" social, o que tende a se

[8] A sensação de "Onde foi que eu errei?" perpassou em alguma medida esse momento vivido com as/os jovens do Curso de Mídias Móveis, caracterizando um sentimento de frustração, como trabalhado por Dara Andrade Felipe e por mim em texto sobre a experiência do trabalho (no prelo) sobre drogas com esse grupo de jovens, intitulado "Trabalhando com Jovens sobre drogas a partir do dispositivo das tecnologias das mídias móveis: o desafio em redimensionar olhares e práticas em torno da relação juventude e drogas". Importante sinalizar que a sensação de "frustração" não estava relacionada ao fato em si, das/os jovens terem bebido, mas à "quebra" da proposta de construirmos com elas/eles relações pautadas na confiança e no respeito. Para nós, o "problema" esteve relacionado à forma como o grupo conduziu a situação, escondendo e se desresponsabilizando pelo ocorrido, culpando a jovem por ter "estragado a festa".

colocar apesar e a despeito das marcações etárias de regulamentações que teriam por princípio fixar suas possibilidades e restrições ao consumo. No entanto, outras vias de regulações parecem atuar de modo mais enfático na relação que jovens estabelecem com o consumo de álcool, tais como códigos morais de gênero e de geração, além de códigos específicos do lugar onde se vive, que delineiam diferentes experiências de ser jovem. A estas se associam também diferentes experiências em torno do consumo etílico. Por exemplo, como o álcool se articula em termos de um espectro de atividades – onde entra e onde não entra – e em termos de diferenças situacionais – quando seu consumo pode ser uma experiência de prazer e quando pode ser uma experiência de risco.

A partir dessas indagações e inspirações é que esse trabalho foi ganhando a forma escrita que ora apresento. Para o primeiro capítulo, desenvolvi uma reflexão sobre a relação juventude-álcool, trazendo uma revisão de literatura científica para problematizar discursos, que chamei de hegemônicos, sobre tal relação. Para tanto, à luz de elaborações foucaultianas sobre biopoder e governamentalidade, trouxe reflexões sobre discursos de prazer e de risco que tendem a perpassar a associação entre juventude e o consumo de substâncias psicoativas, trazendo o álcool de modo específico. Diante disso, ensaiei possibilidades de pensar o consumo de álcool a partir de uma abordagem do prazer, tecendo, para tanto, diálogos com autores/as das Ciências Sociais e da Antropologia para refletir acerca da dimensão simbólica do consumo. Finalmente, concluo com a proposição de, a partir do referente do prazer, abordar o consumo de bebidas alcoólicas mediante questões de tempo livre, lazer e sociabilidade.

No segundo capítulo, apresentei os caminhos pelos quais foi sendo tecido este trabalho. Abordei meus encontros com a epistemologia feminista e com pesquisas de inspiração feminista: as perspectivas da pesquisa-intervenção e da interseccionalidade. A primeira, orientadora do trabalho que desenvolvi em campo, nas rodas de conversa realizadas com o grupo de jovens, e a segunda, que, por sua vez, guiou a construção das reflexões analíticas ensaiadas, mediante intersecção de diferentes marcadores sociais para pensar as experiências juvenis (geracionais) na relação com o álcool, no caso território, sexualidade/posicionamento sexual e gênero.

Organizei os dois capítulos seguintes a partir de reflexões tecidas nas três rodas de conversa. O capítulo três tematizou o consumo de álcool a partir de questões relativas ao tempo livre, ao lazer e à sociabilidade. No quarto e último capítulo, discuti o beber a partir de significados de risco e prazer atribuídos pelas/pelos jovens às experiências de consumo. Na sequência, finalizei apresentando algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido,

sistematizando as intersecções visíveis entre os marcadores sociais considerados e indicando possíveis questões que apontam para novos caminhos de investigação.

2 JUVENTUDE E CONSUMO DE ÁLCOOL: TECENDO PROBLEMATIZAÇÕES

2.1 Revisão de literatura: discursos científicos sobre "jovens" e "álcool"

Apresento aqui um exercício realizado por mim como forma de tentar mapear produções científicas relativas à relação juventude-álcool. Este foi um importante movimento neste trabalho, uma vez que me permitiu uma aproximação desse campo de pesquisa, tecer vias de compreensão e questionamentos e, assim, delinear minhas inquietações, meus propósitos e possíveis caminhos para a construção da proposta deste trabalho e sua efetiva realização. Não se trata *da* revisão de literatura relativa ao campo das produções sobre juventude *e* álcool, mas de *uma* revisão, possível a partir de recortes, como as escolhas por quais bases de dados seriam consultadas, bem como a partir de quais descritores. Nesse sentido, tratei aqui de abordar alguns discursos, que me foram possíveis de serem enxergados e visibilizados, relativos à relação entre juventude e consumo de álcool no cenário científico.

Consultei três bases de dados para a realização desta revisão de literatura, as quais foram Scielo, Periódicos Capes e Banco de Teses e Dissertações da Capes. A revisão foi realizada em duas etapas: a primeira, em junho de 2013; e a segunda, que buscou atualizá-la, realizada em janeiro de 2015.

A pesquisa no Scielo, com os descritores "juventude" *and* "álcool" permitiu o acesso a 3 trabalhos em português. Com a utilização dos descritores "juventude" *and* "drogas", foram localizados 7 artigos em língua portuguesa. Diante do pequeno número de trabalhos localizados, dei sequência à pesquisa, dessa vez utilizando os descritores "jovens" *e* "álcool" simultaneamente, o que me permitiu acessar 116 artigos. Destes, foram selecionados os trabalhos em língua portuguesa, e descartados aqueles cujas áreas do conhecimento se distanciavam do foco do meu interesse neste trabalho, restando 57 trabalhos.

Ao todo, essas buscas compreenderam trabalhos publicados desde 1992 até 2013, tendo havido um aumento significativo de publicações a partir de 2007. Além disso, 2011 foi o ano que somou o maior número de publicações: 12 artigos em português. Todos esses trabalhos encontrados se inserem em diferentes áreas de conhecimento, tais como Psicologia (7), Enfermagem (5) e Medicina (2), dentre outras. No entanto, algumas se destacam como campo dessa produção: Saúde Coletiva (10), Psiquiatria (15) e Saúde Pública (22).

Para a pesquisa no Portal de Periódicos Capes, foram utilizados os descritores "juventude" *e* "álcool" simultaneamente, acessando 41 artigos revisados por pares. Excluindo-

se alguns já acessados previamente na pesquisa no Scielo, e outros destoantes em relação ao objeto de pesquisa, restaram 19 artigos, publicados a partir do ano 2008 até o presente. Novamente, a área da Saúde Coletiva concentrou a maior parte das publicações (10), seguida pela Psicologia (5), periódicos interdisciplinares (3), e Ciências Sociais (1).

Por sua vez, no Banco de Teses e Dissertações da Capes também foram utilizados os descritores "juventude" *e* "álcool" para a busca, que resultou em 29 trabalhos, sendo 23 dissertações e 6 teses. Destas, 1 dissertação foi descartada por se inserir na área de farmacologia e não dialogar diretamente com o objeto em questão. Algumas áreas expressivas de produção foram: Educação (6), Psicologia (4), Enfermagem (4), Saúde Coletiva (4) e Saúde Pública (2). Foram encontradas produções de 1998 a 2012, sendo este último o ano de maior concentração de trabalhos (9). No entanto, de 1999 a 2000, e de 2002 a 2004 não foram encontradas produções de teses ou dissertações relacionadas aos descritores utilizados.

De modo geral, a partir das buscas realizadas nas referidas bases de dados e com os descritores mencionados, percebe-se o álcool geralmente abordado como um objeto cujo consumo constitui prática nociva à saúde, estando potencialmente associado à violência, acidentes, agressão, comportamentos sexuais de risco e vulnerabilidade social. Grande parte das produções, sobretudo dos artigos, trabalham o consumo do álcool como um comportamento bastante associado (assim como o consumo de drogas de modo geral) à adolescência, sendo caracterizado a partir de um enfoque das consequências negativas decorrentes do ato de beber (CASTRO; CUNHA; SOUZA, 2011; SILVEIRA et al., 2008; LEMOS et al., 2007; MORENO; VENTURA; BRÊTAS, 2010; PINSKY; LABOUVIE; LARANJEIRA, 2004; PECHANSKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004; MALTA et al., 2011). Assim, é abordado, sobretudo, por seu uso abusivo e/ou dependência; ou seja, como um problema de saúde e, portanto, alvo de estratégias de prevenção, intervenção e políticas públicas.

Ainda sob a ótica do risco, algumas produções abordam o álcool a partir de propagandas, sobretudo da mídia televisiva, a exemplo das propagandas de cerveja (PINSKY; JUNDI, 2008; VENDRAME et al., 2009). Esses trabalhos analisam desde as representações dos expectadores e usuários em relação ao material midiático, até os impactos da exposição das pessoas aos mesmos em termos de expectativas, idades de início do uso e quantidades de consumo.

Além disso, também observei, ainda que em menor quantidade, trabalhos que fazem uma abordagem a partir da Saúde Mental (SANTANA, 2009; SILVA et al. 2010; CAMPOS, 2010; ANDRADE et al., 2011; JANSEN et al., 2011), propondo reflexões acerca dos serviços de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas, o Centro de Atenção Psicossocial

álcool e outras drogas (CAPSad). Modalidades e condições de atendimentos oferecidos em tais serviços e perfil de seus usuários foram questões tematizadas. Alguns trabalhos, por sua vez, também associam o álcool ao consumo de outras substâncias psicoativas, como o tabaco e a maconha, trabalhando com a noção de escalada das drogas: início do consumo por substâncias lícitas e, em seguida, a passagem ao consumo das ilícitas (SANCHEZ; NAPPO, 2002).

Finalmente, um número reduzido de trabalhos aborda o álcool e o seu consumo a partir de um viés histórico, social e cultural. Alguns artigos o fazem, especialmente com populações indígenas, a partir de um aporte etnográfico aos estudos (SOUZA; GARNELO, 2007; SOUZA; DESLANDES; GARNELO, 2010). De modo semelhante, algumas dissertações e teses trabalham o álcool a partir das relações cotidianas de consumo (tais como práticas de frequentação de bares, dentre outros), de modo a buscar elementos das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e do grupo de pares para pensar o consumo (ROMERA, 2008; MALHEIROS, 2012).

Essa descrição permanece semelhante no cenário das produções no campo da Psicologia. A maior parte dos estudos sobre jovens e consumo de álcool tem se voltado para as discussões da avaliação do seu consumo (GOLVEIA et al., 2009; TEIXEIRA et al., 2009; RODRIGUES et al., 2012), da vulnerabilidade social (ARAUJO DE MORAIS; RAFFAELLI; KOLLER, 2012), e sobre fatores de risco e proteção (RODRIGUES et al., 2012; PALUDO; SCHIRÒ, 2012). Além disso, também são significativos os estudos de correlação entre uso do álcool e problemas relacionados, a exemplo da exploração sexual de crianças e adolescentes (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2012).

O estudo de Andréa Teixeira et al. (2009) avaliou o uso de substâncias psicoativas entre estudantes do ensino público, fundamental e médio, em Gioaná-MG. Identificou o álcool como a substância mais utilizada entre jovens, tendo uso inicial precoce, em acordo com os dados de levantamentos nacionais sobre o tema. Identificou também que as mulheres, nessa região, consumiram mais substâncias psicoativas na vida, no ano e no mês, indicando para a necessidade de se pensarem políticas públicas a partir das particularidades locais. Em estudo sobre fatores de risco e de proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos no âmbito familiar e comunitário, Simone Paludo e Eva Schirò (2012), identificaram que ser menina e consumir álcool se constituíram como variáveis de risco para a violência em ambos os domínios. Ademais, ter caso de alcoolismo na família foi uma variável de risco no âmbito familiar.

Normanda Araujo de Morais, Marcela Raffaelli e Silvia Koller (2012) trabalharam a ideia de um contínuo de vulnerabilidade social relacionado à forma como fatores de risco e proteção interagem de modo particular na vida de adolescentes. Nesse contexto, ainda que tenha sido foco de problematização nesse estudo, o maior uso de álcool e outras drogas foi trabalhado como um possível indicador de mau ajustamento do adolescente, em sua relação como potencial fator de risco, precisando ser considerado e avaliado na interação com o contexto social e a história de vida de cada sujeito.

Além desses trabalhos, outros foram localizados no campo de produção científica psicológica. É o caso do trabalho de Valdiney Golveia et al. (2009), que buscou conhecer evidências de validade e consistência interna da Escala de Atitudes Frente ao Uso de Álcool (EAFUA), identificando-a como instrumento favorável para conhecer o grau de favorabilidade entre adultos jovens ao uso de álcool. Já o trabalho de Francisco Leonel Fernandes (2014) teceu uma crítica à produção institucionalizada, tanto de políticas, quanto de pesquisas científicas, de jovens enquanto "fora da lei", cujas trajetórias remetem a problemas com a Lei por uso e tráfico de drogas, inclusive de álcool. Como contraponto, o autor relata uma experiência de trabalho clínico a partir da psicanálise, amparada por uma reflexão sobre a institucionalidade, para pensar os adolescentes a partir de sua própria palavra, como via de deslocamentos desses mecanismos institucionais.

Também no campo da Psicologia, o trabalho de mestrado de Letícia Graziela da Costa (2009) investigou a família, a escola, os pares e a comunidade enquanto rede de apoio de jovens brasileiros. A autora avaliou que os apoios se correlacionaram com o não uso de drogas, incluindo aí o álcool, ainda que não se possa compreender essa informação a partir da relação causa-consequência, como ressaltou. A dissertação de Nadir Ferreira Boa Sorte (1998) tratou do imaginário do adolescente sobre o consumo do álcool na relação com o processo de construção de identidades. O autor indicou que os adolescentes associam as bebidas a cenários de agregação social e que relacionam a constituição e a manutenção do comportamento de beber a uma imagem social vinculado ao desenvolvimento de uma identidade: o comportamento de beber simbolizaria o novo status relativo à assunção de papeis da vida adulta.

É importante salientar que os trabalhos mapeados por esta revisão, incluindo aqueles da Psicologia, em sua maioria, trazem os jovens na relação com uso de álcool como sujeitos empíricos, os quais, em geral, participaram das investigações como sujeitos respondentes. Em poucos estudos encontram-se reflexões em torno das questões inerentes ao campo-tema juventude. Da mesma forma, pouco se percebe o uso do álcool sendo refletido a partir de

marcadores sociais, tais como gênero e situação socioeconômica, por exemplo. Por sua vez, articulações com raça-etnia não foram percebidas na literatura localizada.

Uma exceção é o trabalho de mestrado de João Carlos de Menezes Malheiros (2012), no qual o autor apresenta questões tocantes às categorias de gênero e geração ao abordar a prática de frequentação de bares, no tempo livre para o lazer, entre jovens estudantes de cursos técnicos profissionalizantes. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, o autor se propôs a compreender como esses jovens se relacionam com os espaços de lazer no entorno da escola. Para tanto, Malheiros realizou um estudo etnográfico, que lhe permitiu compreender fatores geracionais de fundo nesse cenário de frequentação de bares. Identificou que, para esses jovens, a ação de beber representa um dos ritos de passagem da cultura juvenil. Os motivos para estar no bar, bebendo ou não, foram para descontrair, conversar e jogar sinuca, entre outros. O bar, como um território predominantemente masculino, foi caracterizado como um espaço de sedução e perigo pelos jovens, mas também como um ambiente onde acontecem importantes vivências, segundo suas opiniões.

Quanto às abordagens metodológicas ao objeto, os estudos no campo da Psicologia variam entre enfoques quantitativos (MARÍN-LÉON; OLIVEIRA; BOTEGA, 2007; GOLVEIA et al., 2009; RODRIGUES et al., 2012) e qualitativos (PEREIRA; SUDBRACK, 2008; BRASIL ARAUJO; DE ALENCAR OLIVEIRA; CEMI, 2011; NASCIMENTO et al., 2011). Têm utilizado, sobretudo, questionários fechados e entrevistas estruturadas e semiestruturadas como instrumentos de construção de "dados". Uma menor parcela das produções traz outras possibilidades, tais como etnografia (MALHEIROS, 2012), técnicas de autoquestionamento (SORTE, 1998), grupos focais (BRASIL; DE ALENCAR OLIVEIRA; CEMI, 2011) e estudos de casos (ARAUJO DE MORAIS; RAFFAELLI; KOLLER, 2012).

O aumento nas publicações científicas relativas ao uso do álcool na interface com a juventude pode ser compreendido a partir de mudanças na conjuntura política brasileira nos anos 2000, relativas às áreas das "drogas" e da juventude, demandadas por avanços científicos e transformações sociais. É possível citar a reformulação da Política Nacional, que deixou de ser Antidrogas para se afirmar *sobre Drogas*, o que trouxe mudanças de posicionamentos em relação à questão. Também foi construída a Lei nº 11.343/2006, que estabeleceu formas distintas para ações relativas ao uso e ao tráfico de substâncias psicoativas: a atenção ao usuário passou a ser voltada ao oferecimento de oportunidade de reflexão sobre o próprio consumo, ao invés de se voltar para o encarceramento (DUARTE; DALBOSCO, 2013).

Trata-se de um cenário de transformações de concepções e estratégias de ação relativas às "drogas". Aí, a perspectiva da Redução de Danos ganha lugar central como estratégia utilizada para a prevenção e o tratamento do uso de substâncias psicoativas, de acordo com a Política Nacional sobre Drogas. Consiste em uma abordagem dos problemas relacionados ao consumo de "drogas", em que a abstinência é reconhecida como um resultado ideal, mas não único; aceitam-se alternativas que reduzam danos e riscos às pessoas associados ao uso de tais substâncias (MARLATT, 1996).

As produções científicas têm sido desenvolvidas em paralelo com questões sociais e políticas que se impõem em um determinado momento histórico, na medida em que tais demandas implicam, em geral, a necessidade de produção de conhecimento para a atuação e intervenção. Assim, seria possível articular aí o aumento do interesse e das publicações de estudos relativos ao uso de álcool, como um tipo específico de droga, e sua interface com os estudos sobre jovens.

A partir do levantamento de literatura realizado, é possível perceber como o álcool vem sendo construído, sobretudo a partir do e no discurso da saúde[9], como um objeto delineado pelo risco, seja o seu consumo propriamente dito, em geral abordado a partir do abuso, concebido como conduta de risco, seja como um fator potencialmente associado a outras condutas de risco, como o "sexo desprotegido". Assim, caracteriza-se o álcool – e seus usuários/usuárias, sobretudo os/as jovens – como um problema de saúde pública e um problema social, tornando-se esta concepção um discurso, em certa medida hegemônico, que orienta a construção e a implementação de políticas públicas, bem como as ações de profissionais em serviços de saúde e assistência a tais sujeitos.

Percebo uma ambiguidade entre os campos discursivos da saúde e midiático. Ou seja, as tensões existentes entre o discurso relativo ao consumo de álcool pautado na ideia de risco/problema, e seu contraponto veiculado por propagandas[10], referente à ideia da substância como disparadora de relações – afetivo-sexuais e de amizade entre pares. Este último campo

[9] Por "discurso da saúde" estou denominando, em linhas gerais, os trabalhos dessa área de conhecimento localizados na revisão de literatura realizada. Não estou, com isso, querendo homogeneizar o campo, ou o discurso sobre álcool aí produzido.

[10] Como exemplos desses discursos, podem ser citadas algumas frases de efeito associadas a diferentes marcas de cervejas, veiculadas em meios televisivos em 2013: 1. "A vida manda quadrado, você devolve redondo", cerveja Skol; 2. "Todo mundo tem um lado devassa", cerveja Devassa; 3. "Cerveja 100% para amigo 100%", cerveja Itaipava; 3. "Nunca perca o respeito dos amigos", cerveja Skol.

tem veiculado discursos relativos aos ideais de prazer, diversão e poder, os quais estariam, por sua vez, imbuídos nas práticas de consumo.

Nesse sentido, pretendo, com este trabalho, contribuir com movimentos de deslocamento do álcool desse lugar já instituído de "problema social e de saúde", buscando abordá-lo para além de um reducionismo muitas vezes moralista, que dificulta, ou mesmo impede, possibilidades mais criativas e éticas de lidar com o tema/objeto/sujeitos. Não se trata de negar ou apagar a dimensão dos problemas e riscos relacionados ao beber, mas, de questionar a concepção instituída, unilateral, do álcool como um perigo, como algo problemático, que precisa de intervenção como estratégias de controle.

Busquei me movimentar no sentido de tentar ver além da lógica do problema, intuindo que, mesmo onde não há problemas expressivos em termos estatísticos, pode haver elementos interessantes para serem problematizados a partir da Psicologia. Assim, propus abordar o álcool a partir de suas práticas de consumo por jovens, socioculturalmente construídas, considerando, sobretudo, a dimensão do prazer que pode perpassá-las. Busquei, assim, movimentar-me "do problema à felicidade"; quer dizer, tentando estranhar o álcool como "problema" para compreendê-lo em sua articulação com a "felicidade", no entanto, não por uma via de "naturalização", mas de uma problematização.

2.2 Discursos de prazer e de risco na relação entre juventude e substâncias psicoativas

Entendo que considerar os discursos sobre prazeres e riscos é importante para pensar sobre os significados atribuídos ao consumo de álcool por jovens. Por quê? Buscando uma resposta, sinalizo que a discussão sobre risco perpassa tanto o campo das substâncias psicoativas, quanto o campo da juventude. Por outro lado, discursos sobre o prazer tendem a receber menor enfoque por ambos os campos, ou, quando considerados, parecem ser trabalhados a partir de um viés que o toma como armadilha para o risco. Nesse sentido, trago algumas considerações sobre discursos de prazeres e riscos no campo das substâncias psicoativas, assim como a ênfase dada sobre os últimos, os riscos.

Maurício Fiore (2008) discute o uso de substâncias psicoativas a partir do discurso médico, compreendendo este último como um conjunto de verdades "materializadas por um corpo de discursos e de práticas eficientes na resolução dos problemas que [são] instituídos pelos próprios saberes" (FIORE, 2008, p.142). Conforme o autor, saberes médicos produzem

regimes de verdade em relação às “drogas”, de modo a contribuir com sua instituição como questão social, justamente a partir das noções de prazer e risco, as quais se colocam como controversas.

O prazer derivado do consumo de psicoativos é definido como “portador de negatividades intrínsecas”, caracterizado a partir da ilusão e da artificialidade. Pelo discurso da *ilusão*, consumo de “drogas” e prazer, no sentido mais comum que se lhe atribui, estão desconectados, visto que o prazer recebe uma conotação de “prazer-isca”, como argumenta Fiore (2008). Trata-se de uma concepção ilusória de prazer, o qual esconderia uma armadilha: o potencial de dependência, suposto correlato necessário do consumo. Nesse sentido, o prazer estaria mais próximo à sensação de alívio. Por sua vez, pela via discursiva da artificialidade, a noção de prazer é colocada segundo uma concepção fisiológica/farmacológica, em que o psicoativo seria uma via de ativação “artificial” de funções fisiológicas responsáveis pela sensação de prazer. São maneiras de negativizar o consumo de substâncias psicoativas, mesmo pela via do prazer.

O álcool coloca em questão um exemplo de ambiguidade relativa aos saberes da medicalização, ao sinalizar que é possível escapar à armadilha da dependência posta pelo consumo de psicoativos. Quando usado segundo um “consumo regulado, socialmente legitimado e circunscrito a alguns momentos específicos de interrupção da vida cotidiana continua proporcionando a ilusão do prazer sem que, necessariamente, esse se torne apenas um alívio da evitação de sofrimentos” (FIROE, 2008, p.145).

Já no campo da juventude, a discussão sobre prazer tende a ser ofuscada pela tônica do “problema social”, seja em relação à própria condição juvenil, seja relativa aos ditos “problemas” a esta relacionados, tais como a “delinquência juvenil” (FERREIRA, 1997; PERALVA, 2000; ZALUAR; ALVITO, 2006), as “gangues juvenis” (VIANNA, 1997; ABRAMOVAY et al., 1999), a partir da relação juventude-violência, e o uso de “drogas”, para citar alguns dos objetos de investigações científicas nesse campo. Mesmo as discussões relativas à sexualidade tendem a enveredar por caminhos naturalizados enquanto problemas, como a dita “gravidez precoce” e infecções por DSTs e HIV, como criticam Marion Quadros e Josineide Menezes (2009).

Por outro lado, a noção de risco tem marcado as discussões de juventude, o que explica, por exemplo, o foco desta população como alvo de políticas públicas, questão trabalhada pela pedagoga Mariana Lins de Oliveira, mediante a discussão foucaultiana acerca do processo de governamento da vida, que se desenvolve a partir da noção do biopoder como “tomada de poder

sobre o homem enquanto ser vivo" (FOUCAULT, 2005 [1999], p.286). Este, segundo o autor, é caracterizado como um dos fenômenos fundamentais do século XIX.

Foucault distingue o que ele denominou como biopoder[11] em relação ao poder soberano, referente à teoria clássica da soberania. O poder soberano, característico dos séculos XVII e XVIII, consiste no poder de fazer morrer e deixar viver como efeito da vontade do soberano. É o que caracterizou como "um direito de espada". Como afirma, "o efeito do poder do soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar" (FOUCAULT, 2005 [1999], p.286). Esta tecnologia de poder atua mediante técnicas centradas no corpo individual, devendo exercer-se de maneira menos onerosa possível, por um sistema de vigilância e hierarquias.

O biopoder, por sua vez, consiste em uma outra tecnologia de poder, que, no entanto, não apaga nem substitui a primeira, o poder soberano. Pelo contrário, utiliza-a como forma de se implantar, "incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia" (FOUCAULT, 2005 [1999], p.289). Esta tecnologia, diferente da primeira, aplica-se à vida dos homens como homem-(ser)vivo, homem-espécie. Conforme as palavras do autor:

> a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige a multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, urna massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. Logo, depois de urna primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma "biopolítica" da espécie humana (FOUCAULT, 2005 [1999], p.289).

A biopolítica institui mecanismos sutis, economicamente racionais, a exemplo da medição estatística e do mapeamento dos fenômenos. A noção do corpo-espécie coloca a população como problema, ao estabelecer efeitos econômicos e políticos para os fenômenos coletivos. Mecanismos de previsões, medições globais, estimativas estatísticas tornam possível estabelecer constantes para/entre tais fenômenos, assim como possibilitam intervir em suas

[11] O poder para Foucault é concebido como condução de condutas, e exercido como "ações sobre ações possíveis" (OLIVEIRA, 2011, p.30). Segundo explica Foucault, "a 'conduta' é, ao mesmo tempo, o ato de 'conduzir' os outros [...] e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades. O exercício do poder consiste em 'conduzir condutas' e em ordenar a probabilidade" (FOUCAULT, 1995, apud OLIVEIRA, 2011, p.30).

determinações gerais, como analisa Foucault (2005 [1999]). Esse processo institui mecanismos reguladores, os quais fixam médias com a finalidade de otimizar um estado de vida; visa o equilíbrio global, como "a segurança do conjunto em relação a seus perigos internos" (FOUCAULT, 2005 [1999], p.297). Trata-se do poder da regulamentação, um poder científico e contínuo; o poder de "fazer viver".

Tem-se um mesmo e único processo de governamento, quer dizer de gestão social da vida. O biopoder, como poder que se incumbiu da vida, atua nesse jogo duplo de tecnologia: o pólo do corpo, o corpo individualizado; e, o pólo da população, o corpo-espécie. Tal jogo diz da relação recíproca entre instituição e Estado, disciplinas e mecanismos regulamentadores: dois conjuntos de mecanismos que não estão no mesmo nível, e que, justamente por isso, conseguem se articular com o objetivo de incitar a vida, "fazer viver". Como afirma Foucault,

> agora que o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no "como" da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como termo da vida, e evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder. Ela está do lado de fora, em relação ao poder: e o que cai fora de seu domínio, e sobre o que o poder só terá domínio de modo geral, global, estatístico (FOUCAULT, 2005 [1999], p. 295-296).

Nesse aspecto, relacionam-se os modos/estilos de vida, enquanto discursos que, a partir de certas racionalidades, estabelecem formas de viver em referência ao que se define como possibilidade de equilíbrio do indivíduo e, portanto, da população. Uma vez politizados, quer dizer, tornados preocupação política e objeto de governo, o corpo-indivíduo e o corpo-população tornam-se alvos de intervenções. Estas, por vias diferentes – como já exposto sobre as disciplinas e os mecanismos de regulamentação – buscam o objetivo de governar a vida; e o fazem mediante o estabelecimento da *norma* que, por sua vez, acaba por articular práticas sociais como "de risco" e as práticas de cuidado, como forma de evitá-los.

Aqui, é possível retornar à discussão da juventude enquanto "objeto" de investimentos políticos. Mariana L. de Oliveira (2011) afirma que a juventude tem sido alvo de governamentalidades por ser pensada sob a cifra da violência e da criminalidade, em que opera a noção de "juventude em situação de risco". Segundo afirma, a noção de risco tende a se colocar como definição prévia para pensar a juventude – leia-se a juventude pobre – e justificar a criação das chamadas políticas de inclusão, as quais atuam como forma de conter e disciplinar essa juventude específica, pensada em referência ao binômio pobreza-risco, associado, por sua vez, ao processo de criminalização da pobreza (OLIVEIRA, 2011).

Tecendo uma breve genealogia do risco, a autora o define como um mecanismo de poder; um dispositivo de segurança que, uma vez criado, legitima o próprio governo e suas ações via políticas sociais, como forma de ação do biopoder. A discussão sobre risco no campo da juventude vai gerar a categorização do que se entende por "condutas de risco", explicadas pelas noções de vulnerabilidade e segurança, dispositivos de normalização correlatos para o controle de situações ditas "de riscos". A vulnerabilidade, noção desenvolvida no bojo da epidemia da Aids para identificar sujeitos e grupos mais susceptíveis à infecção pelo HIV, permitiu, a partir de avanços na Epidemiologia, o desenvolvimento da noção mais específica de risco como a possibilidade de calcular a probabilidade de ocorrência de um agravo em determinados grupos populacionais a partir de suas características e condições (AYRES et al., 2006).

Como dispositivo de governo das populações, a noção de risco é acionada quando um grupo se distancia de padrões normativos vigentes, atuando no sentido de conformar pessoas a padrões construídos previamente e estabelecidos como norma. Nisso, atuam de modo articulado os mecanismos de *normação*, pelo qual se distingue o "normal" e o "anormal" a partir de uma norma estabelecida como ponto de partida; e de *normalização*, pelo qual ambos, o "normal" e o "anormal", interagem fazendo com que os mais "desfavoráveis" se assemelhem aos mais "favoráveis" (FOUCAULT, 2008).

Discursos relativos à promoção da saúde, mesmo como um campo polissêmico e de bastante tensões, tendem a trazer o imperativo da saúde como "dever de um e objetivo de todos" (FOUCAULT, 1979, apud FERREIRA NETO; KIND, 2010, p.49). Tais discursos, em alguma medida, estabelecem uma relação entre estilos de vida e práticas de autocuidado como via/estratégia de "políticas da vida". Por essa racionalidade, "maus estilos de vida", como variável individual e coletiva, potencialmente geradores de adoecimentos e morte traria consigo *riscos autoimputados* (FERREIRA NETO; KIND, 2010). Assim, estratégias do biopoder se focam nas capacidades de gerenciar aspectos vitais das pessoas. Nisto, tornam-se fundamentais procedimentos de (auto)vigilância e práticas (auto)disciplinares.

Relativamente ao campo das substâncias psicoativas, o discurso do risco ganha destaque como um eficiente operador no tema do consumo de "drogas". Caracterizando, sobretudo, as substâncias psicoativas classificadas como ilícitas, tal discurso imputa as construções culturais do perigo e da culpa. Como caracteriza Fiore (2008), o perigo pode ser entendido como o evento medido, sendo as variáveis que o explicam, as "culpadas" por sua ocorrência. De acordo com o autor,

> de alguma maneira, o debate público sobre uso de "drogas" incorporou a noção de risco como ameaça e perigo, mesmo quando esse debate seja prioritariamente medicalizado. Ainda que a noção de risco seja empregada nas pesquisas médicas de forma bem mais precisa – uma previsão lógico dedutiva, ou um cálculo estatístico ou, enfim, uma eleição arbitrária de variáveis estabilizadas que tornam possíveis buscar causas, medir efeitos e, de alguma maneira, prever eventos futuros – esse processo é obscurecido, tendo como conseqüências outros efeitos (FIORE, 2008, p.148).

Esses processos discursivos constroem o uso de "drogas" segundo a racionalidade do risco, tomado prioritariamente como um perigo. Na relação juventude-"drogas", tomando-se o álcool de modo específico, parece haver uma potencialização dos riscos, como uma espécie de "cálculo multiplicativo", em que os riscos seriam "elevados à dupla potência", referente, aos "riscos de ser jovem" associados aos "riscos de consumir psicoativos". Parto, no entanto, da noção de risco não como um *a priori* relativo à juventude, ao consumo de álcool e à relação entre ambos; ou, como a probabilidade de um evento negativo ocorrer. Entendo-o mais como valores e significados atribuídos aos resultados deste mesmo evento, como trabalhado por Leila Sollberger Jeolás (2007) e Mary Jane Spink (2000, 2012), ao que se relaciona com sua gestão, em termos de sentido de controle do futuro, a exemplo das estratégias biopolíticas de governamentalidade.

2.3 Por uma abordagem do prazer: ensaiando possibilidades

Uma abordagem ao álcool pela via do prazer só é possível se considerada na sua relação com os riscos, visto que beber consiste em atividade associada a estilos de vida destoantes do que apregoam discursos de promoção da saúde e, portanto, concebida como potencialmente concorrente à saúde e à qualidade de vida. No entanto, a economia política de produção e distribuição do álcool o distingue em relação a outras substâncias psicoativas, dotando-o de uma ampla aceitação e presença social. Trata-se de uma substância eminentemente social, simbolicamente identificada como parte constituinte da vida em sociedade, conforme descrevem Josefa Gómez Moya et al. (2010). Essa especificidade acaba por colocar as bebidas alcoólicas em situação ambígua relativamente a seu status como "droga" ou não, visto que estas são, em geral, compreendidas pelo senso comum a partir das ideias de proibição e criminalização: "drogas", por esse sentido, seriam as ditas substâncias psicoativas ilícitas.

Eduardo Zanella (2010, p.19) afirma que "a prática do consumo alcoólico está então inserida num conjunto de valores, representações e organizações sociais. Essas nunca são as únicas possíveis, cada sociedade vai elaborar momentos, bebidas, lugares propícios para o

consumo alcoólico", de modo que são delineados pólos, "positivo" e "negativo", de uma mesma "maneira de beber". Sobre isso, o autor destaca que é porque existem as prescrições, como vias valorizadas de modos de beber, que existem, por outro lado, as transgressões – estas, que vão qualificar modos socialmente considerados inadequados para o beber. As transgressões, assim como as referências que lhes servem de parâmetro, precisam ser consideradas contextualmente, atentando-se para as relações sócio-político-culturais mais amplas, assim como as relações interpessoais, e o lugar do álcool nesses sistemas relacionais.

É interessante considerar a dimensão simbólica envolvida no álcool, o que ajuda a pensar sobre sua importância sociocultural. Sobre isto, Deborah Lupton (2000) afirma que, assim como o tabaco, o álcool evoca emoções não só devido ao que *faz* quanto aos efeitos biofisiológicos, mas justamente pelo que *é* em termos simbólicos. Segundo a autora, as bebidas alcoólicas são marcadores simbólicos de relaxamento, capazes de preparar o corpo para o divertimento e a evocação de prazer, antes mesmo de seu efeito químico sobre o corpo. Salienta, no entanto, que entre estes efeitos e aqueles mais simbólicos há uma intrincada articulação.

Inspirando-me em trabalhos de Leila Jeolás sobre prazer e medo em práticas de risco (s/a, 2010), intuo que a relação excitação-desejo possivelmente envolvida no consumo de álcool – de onde parto para abordar esta questão – pode ser pensada a partir de diferentes possibilidades para experimentar tanto a busca, quanto a satisfação de excitação. Práticas de consumo alcoólico podem estar perpassadas por uma economia simbólica da excitação, e da satisfação do desejo. Apesar deste último poder assumir tantos objetos e vias de satisfação quanto possíveis, parece que o próprio imaginário de autorização do excitamento caracteriza o consumo de álcool, quer como motivações, quer como efeitos. Nesse sentido, práticas de consumo de bebidas alcoólicas podem ser palco ou compor cenários mais amplos para vivências de desejos e sentimentos, como um campo marcado por paixões, emoções, não só em um sentido sexual estrito. Um campo relativo ao Eros, a uma potência erótica, como "uma força que intensifica nosso esforço global de auto-realização", segundo palavras de Bell Hooks[12] (1999, s/p.).

[12] Para essas construções, de possibilidades a uma abordagem do prazer, inspirei-me no trabalho da feminista americana e ativista social Bell Hooks, intitulado "Eros, erotismo e processo pedagógico", que trabalha a partir da pedagogia feminista as dimensões do corpo e do erotismo nos processos de ensino-aprendizagem. Igualmente importantes foram as contribuições do antropólogo estadunidense Richard Parker sobre a cultura sexual no Brasil: "Corpos, prazeres e paixões". Ainda que em campos distintos e por vias de trabalho diferentes, esses trabalhos me ajudaram, como fonte de inspiração, para compor, de maneira ensaística, essas considerações sobre o prazer na relação juventude-bebidas alcoólicas.

O corpo se coloca como elemento de significativa importância nessa discussão, inserido no campo do prazer, do desejo, da excitação e satisfação. Consiste em objeto (fonte) do desejo e/ou fornecedor da satisfação, como discute Richard Parker (1991). Trata-se do corpo tomado, além de seus processos básicos, como processos simbólicos de significação, que, por sua vez, dizem da relação sujeito-cultura; o corpo considerado em seu potencial para o prazer. No diálogo com Parker (1991), construo, assim, um entendimento erótico do corpo e de suas práticas, como aquelas relativas ao consumo de álcool.

O prazer não é em si, mas significado como tal. Só é possível, portanto, mediante aprendizado, a partir de referentes culturais. Estes vão informar e qualificar os conteúdos, sentimentos e emoções da experiência, de modo a serem sentidos como agradáveis, ou desagradáveis, prazerosos ou desprazerosos, bons ou ruins. A "experiência do corpo está inevitavelmente fundida às representações culturais daquela experiência" (PARKER, 1991, p.168). Nesse sentido, o prazer poderia ser pensado também na sua dimensão do laço social. Como afirma Eduardo Zanella, a valoração do "social" consiste em uma noção fundamental para qualificar formas de beber. As interações sociais são um fim em si mesmas; "quando prejudicadas pelo beber, qualificam o consumo inadequado" (ZANELLA, 2010, p.38). Trata-se, portanto de uma lógica do "social" organizando possibilidades de prazeres das/nas práticas de jovens relativas ao beber. Assim, abordo o álcool a partir de condições de (des)desprazer em contextos de sociabilidade.

2.4 Juventude(s) e álcool: questões de tempo livre, lazer e sociabilidade

É a partir das discussões sobre tempo livre, lazer e sociabilidade que busco articular a temática do uso de álcool por jovens. Como argumenta Mónica Franch[13] (2000), no tempo livre, as possibilidades se abrem, assim como os caminhos para pensar sobre os diversos universos juvenis, no que diz respeito às suas significações, seus valores, às relações que estabelecem entre pares e demais pessoas, à sua presença e circulação no bairro e na cidade, dentre outros

[13] As relações entre tempo livre e lazer não estão bem definidas e diferenciadas, como já alertou Mônica Franch (2000). A definição desses termos muitas vezes se confunde, e os critérios para a demarcação de ambos encontram-se relacionados ao mundo do trabalho, sendo, portanto, exteriores a esses próprios objetos. Concordo com a autora quanto à defesa da importância de estudarmos a(s) juventude(s) a partir do tempo livre: "é nas horas passadas fora da escola, longe dos afazeres domésticos ou do trabalho remunerado que os jovens da modernidade (e da pós-modernidade) têm encontrado sua forma de estar-no-mundo, gerando práticas próprias, seguindo modas e padrões de consumo singulares, criando estilos ou culturas juvenis, bem como adotando valores diferentes aos dos adultos e crianças que com eles convivem.

fatores. Isto porque pelas práticas de tempo livre – entendidas como processos dinâmicos, orientados por lógicas internas – é possível acessar dinâmicas que vão além dessa dimensão. Citando a autora,

> São atividades que: a) acontecem em determinado lugar e em momentos do dia e da semana definidos; b) são mais ou menos rotineiras, a depender da sua forma e objetivos, e; c) cuja leitura é polissêmica, isto é, detêm vários sentidos para os diversos atores que nelas se entrecruzam, possibilitando a compreensão de aspectos do tecido sócio-cultural onde tais práticas se inserem (FRANCH, 2000, p.25).

Articuladamente a estas noções cabe pensar sobre o uso de álcool como possibilidade de uso do tempo livre, associando-se a elementos importantes para pensar as práticas de tempo livre e lazer de jovens, tais como: o final de semana, bares, casas de show, festas e encontros na comunidade, conforme identificados por Franch (2000).

Desse modo, a noção de sociabilidade emerge como potencialmente importante nessa discussão. Desenvolvida pelo sociólogo alemão Georg Simmel (1983), trata-se de um importante conceito para a compreensão da formação da vida social e das formas sociais. É definida como uma das formas básicas de interação entre indivíduos em sociedade, e se caracteriza a partir de mecanismos próprios, além do propósito exclusivo do convívio social.

Para Simmel (1983), a sociabilidade designa uma forma lúdica de "sociação"; não busca resultados práticos ou objetivos, mas sim a formação de uma unidade entre seus participantes. A sociação é "a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, formam a base das sociedades humanas" (SIMMEL, 1983, p. 166).

Justamente nisso Simmel aponta a importância e a riqueza de vida simbólica e lúdica envolvida na noção de sociabilidade como ele propôs: "quando os conteúdos se dissolvem no mero jogo da forma" (SIMMEL, 1983, p. 169). A sociabilidade vem a caracterizar a interação quando esta sai de conteúdos "formais" e entra no âmbito do jogo, da brincadeira, da conversa "despretensiosa", do coquetismo[14]. Como afirma José Alcântara Júnior (2005), resulta das qualidades das interações sociais e, ao mesmo tempo, viabiliza a fluidez da existência desses mesmos laços sociais.

[14] Conforme trabalhada por Simmel, a ideia de coqueteria diz respeito à forma lúdica do erotismo; ou seja, a questão erótica, de oferecimento e recusa, entre as pessoas. Nas palavras do autor, trata-se no "jogo galante, talvez irônico, no qual o erotismo liberou de seus materiais, conteúdos e traços pessoais, o simples contorno de suas interações" (SIMMEL, 1983, p. 175).

A interação social se delineia a partir de relações de sociabilidade, as quais, por sua vez, se dão entre diferentes instituições de socialização em determinados espaços (LACOMBE, 2010). Desse modo, torna-se necessário considerar a sociabilidade nas relações que estabelece com a cultura e com o contexto microssocial onde se desenvolve, na relação, portanto, com o território, com as questões de classe e de gênero, para citar alguns exemplos. Dessa maneira, articuladamente aos processos de apropriação de espaços e desenvolvimento de sociabilidades, cabe também pensar sobre os processos de subjetivação que aí se dão e viabilizam a constituição de sujeitos – a partir das regras de convivência tecidas pelos grupos, que estabelecem regularidades e lógicas primordiais de sociabilidade, além daquelas construídas nas brechas ou no trânsito entre esses padrões estabelecidos (LACOMBE, 2010).

Sabemos que "as práticas culturais constituem recursos importantes para que o jovem construa um projeto pessoal e um lugar de pertencimento à sociedade mais ampla" (CASTRO, 2008 apud MAYORGA; CASTRO; PRADO, 2012, p. 25). Desse modo, as práticas desenvolvidas por jovens em torno do consumo do álcool – pensadas como práticas coletivas e de sociabilidade – podem funcionar como forma de reconhecimento social e estratégias de pertencimento entre o grupo de pares, perpassando a produção subjetiva em termos de determinados comportamentos, atitudes e desempenhos individualizados. Assim, cabe pensar sobre as particularidades de ser mulher/homem jovem nos territórios de Suape, com todas as transformações econômicas e sociais pelas quais vem passando, bem como se, e de que forma, o consumo de álcool se coloca como prática neste contexto para essas/esses jovens.

As experiências juvenis assumem diferenças que vão compor diferentes trajetórias e modos de ser jovem, a depender, por exemplo, se é mulher ou homem no lugar onde se vive e por onde circula. Desse modo, neste trabalho, assumo uma perspectiva que questiona a possibilidade de discursos unívocos em relação ao que seria "a juventude" tendo em vista o caráter plural das experiências de jovens, constituindo o que se poderia chamar *juventudes*.

Tomo referência à juventude como contraponto à adolescência, com o propósito de questionar concepções naturalizadas em torno desta última, entendida, em geral, de modo descontextualizado, como uma mera etapa etária de transição, marcada por problemas e conflitos, a exemplo do uso de substâncias psicoativas. Questiona-se um modelo determinado de "ser jovem", marcado pela negatividade do que falta para chegar ao "ser adulto" (modelo de maturidade), e que, enquanto "não é", tenta, experimenta, erra, busca prazer e liberdade porque, afinal, estaria vivenciando uma *etapa da vida* marcada necessariamente por conflitos, crises e problemas, como critica Juarez Dayrell (2003).

Busco, ao contrário, afirmar o caráter construído e plural das juventudes, diante das diversas possibilidades de vivências do "ser jovem", pelas diferentes inserções sociais e distintas possibilidades no acesso a bens materiais e simbólicos (CASTRO, 2009; COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005; POCAHY; NARDI, 2007). Como afirma Geoffrey Pleyers (2012, p.11), "a experiência da juventude se traduz de maneira diferente em função do meio social e familiar, do meio escolar e do lugar em que se vive". E tal diversidade se reflete nas concepções de juventude, bem como nas práticas relacionadas, orientando interações e condutas, a partir de determinadas normas e valores específicos, relativos a contextos culturais, territoriais e grupais situados.

Considerando o fator geracional imbuído na discussão de juventude, convém assinalar a *condição juvenil*, "o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico geracional" (ABRAMO, 2005, p.42). A dimensão simbólica da condição juvenil se atualiza nas *situações juvenis*, quer dizer, justamente nessa pluralidade possível de experiências de "ser jovem", que diz respeito a aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, os quais vão delinear seus modos possíveis de vivência.

Neste trabalho, busquei tecer articulações entre o campo da(s) juventude(s) com as noções de sociabilidade e tempo livre para o lazer, de modo a vislumbrar o consumo de álcool como uma prática sociocultural, em geral desenvolvida em grupo, como uma das possibilidades de uso do tempo livre e modo de estabelecimento de relações entre pares.

Como objetivo geral, busquei compreender os significados atribuídos por jovens, de ambos os sexos, estudantes do ensino médio em escolas públicas na região Suape-PE, ao consumo de bebidas alcoólicas. De maneira mais específica, busquei identificar práticas relativas aos usos de bebidas alcoólicas, bem como os seus significados para as/os jovens. Além disso, estabeleci como objetivo analisar possíveis marcações de gênero envolvidas nas vivências de usos de bebidas alcoólicas, na interface com outros marcadores sociais, tais como geração, território e sexualidade/posicionamento sexual. Finalmente, propus-me a refletir sobre significados de prazer/risco atribuídos às práticas de consumo por jovens. Tomei como perspectiva teórico-metodológica a compreensão interseccional entre geração, território, gênero e sexualidade, como marcadores potencialmente envolvidos nas práticas de consumo de álcool por jovens da/na região Suape.

3 TECENDO O TRABALHO E SUAS "AMARRAÇÕES": A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA E A PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

Esta pesquisa se insere no campo da Psicologia Social, alinhada ao construcionismo social, perspectiva epistemológica de caráter antiessencialista e antirrealista. O construcionismo entende o mundo pela criação de significados que, como discursos, nomeiam-no e criam categorizações, como produtos de interrelações pessoais, marcados por especificidades do contexto histórico, cultural e político (GERGEN, 2008). Desenvolveu-se a partir de uma pesquisa-intervenção, de caráter qualitativo e inspiração feminista, junto a jovens da região Suape, caracterizando um trabalho *com* jovens a partir da tecnologia de rodas de conversa.

3.1 Encontros com o(s) feminismo(s) e pesquisas de inspiração feminista: por um fazer científico que me faça sentido

A partir dos encontros teóricos vivenciados na experiência do mestrado, afirmo-me como filiada a uma perspectiva feminista pós-estrutural de pesquisa, o que implicou em posicionamentos epistemológicos, teóricos, metodológicos, éticos e políticos bem delimitados neste trabalho. É, pois, nesse sentido que trago uma discussão acerca da epistemologia feminista como perspectiva para pensar a ciência.

O campo feminista, diverso e plural em sua constituição e existência, articula-se na interface movimento social-academia-políticas de governo, em um constante atravessamento de questões teóricas e políticas.

O debate feminista chega à academia situando uma crítica às ciências naturais e sociais, como questionamento a um modelo androcêntrico do fazer científico. Este caracterizou, e continua caracterizando, os saberes produzidos pela ciência, tomados como racionais, objetivos, imparciais e, portanto, verdadeiros, ainda que admitidos em seu caráter instável e temporal. Saberes esses "distorcidos pela visão masculina preconcebida na elaboração da problemática, nas teorias, nos conceitos, nos métodos de investigação, nas observações e nas interpretações dos resultados", conforme menciona Sandra Harding (1993, p. 13). A autora ainda destaca o fato do empreendimento científico ter sido desenvolvido hegemonicamente por homens brancos do norte do globo, Europa e Estados Unidos.

O feminismo assinala a importância de considerar a categoria gênero para pensar a/sobre a ciência, uma vez que, é notório o lugar sociocultural ocupado pelo conhecimento científico nas sociedades ocidentais, assim como são inquestionáveis os seus efeitos de poder sobre a vida, os sujeitos e as relações sociais. Desse modo, a ciência como lugar e empreendimento de homens precisa ser visibilizada e questionada quanto as suas implicações epistemológicas, teóricas, metodológicas, éticas e políticas. Falando em nome de um sujeito homogêneo e soberano, supondo-o deslocado ou suspenso de um tempo e espaço delimitados, a ciência tende a desconsiderar e não representar as experiências de mulheres.

Na mesma obra citada anteriormente, e considerando nossa sociedade, na qual as afirmações científicas colocam-se como modelos para as demais formas de conhecimento, Sandra Harding (1993) questiona suas/seus leitoras/leitores se seria o caso, então, de tentar eliminar ao máximo o caráter de gênero da produção científica. Isto porque, assim como a cultura, a ciência, enquanto integrante dos sistemas de valores desta última, estaria baseada em um androcentrismo, pautada na reprodução de uma associação patriarcal entre saber e poder, já que "as vantagens de gênero e raça advêm a despeito da vontade dos indivíduos que delas usufruem" (HARDING, 1993, p.21).

Sobre essa questão, a autora advoga por um fazer científico localizado, admitindo suas características de instabilidade, e dos correlatos, invenção e criatividade. Assim, não seria o caso de buscarmos eliminar o caráter gendrado do empreendimento científico, tendo em vista que o gênero é uma categoria sociocultural que nos constitui enquanto sujeitos, de grande relevância, portanto, para a compreensão dos processos de subjetivação e das relações sociais, orientando diferentes possibilidades de experiências e significações, inclusive teóricas.

Admitir o caráter localizado do conhecimento científico é admitir que a perspectiva de onde se observa determina a visão: o que podemos ver e falar sobre o mundo. Trata-se de afirmar, como argumenta Donna Haraway (1995), a natureza corpórea da visão como questionamento e crítica, por ela denominada uma "ideologia da visão direta". Nesta, a visão é apresentada discursivamente como infinita, suas mediações são tornadas transparentes, uma vez que não são trazidas ao discurso. Constrói-se uma suposta categoria não marcada, como é, em geral, (não) marcado o lugar de enunciação do Homem Branco – de onde se poderia ver "de cima", de lugar nenhum, sem ser visto, de maneira objetiva – aos moldes de uma perspectiva hegemônica de ciência, para a qual a objetividade, a neutralidade e o rigor metodológico consistem em elementos definidores de validação do conhecimento produzido.

Em oposição à ideologia da visão infinita, coloca-se a insistência na particularidade e na corporificação de toda visão, destacando-se que se trata somente de uma corporificação orgânica, mas também, e talvez sobretudo, da mediação tecnológica da visão. Em outras palavras, a visão é uma questão do *poder ver* e, aproveitando o trocadilho, do *poder de ver*, tendo em vista que nas nossas práticas de visualização podem estar presentes violências implícitas (HARAWAY, 1995). Dessa maneira, a *objetividade* na perspectiva feminista aqui trabalhada fala sobre o reconhecimento da mediação tecnológica da nossa visão, sobre a nomeação dos lugares onde nos encontramos em determinado momento de visualização e de fala – espaços físicos e mentais. Quando reconhecemos tais "lugares de fala", enunciamos não só a sentença, mas, juntamente, as condições de produção dessa sentença em contextos e momentos específicos de interação.

A objetividade feminista – entendida como este reconhecimento e afirmação da visão limitada e do conhecimento, como prática de visualização, localizado – implica na *responsabilidade* pela geração de conhecimento justamente pelo que aprendemos e que nos é possível ver. Com nossas práticas de visualização-enunciação, construímos modos de vida, cabendo-nos a tarefa de refletir sobre como operam os sistemas visuais, como sistemas ativos de percepção e construção de "traduções"/versões do mundo e de nós mesmas/mesmos (HARAWAY, 1995). Citando esta autora, "é na política e na epistemologia das perspectivas parciais que está a possibilidade de avaliação crítica objetiva, firme e racional" (HARAWAY, 1995, p.24).

Admitindo-se o caráter parcial e, justamente por isso, advogando-se pelas práticas de posicionamento – como reconhecimento e afirmação de produção de saberes que são necessariamente localizados – a política e a ética constituem as bases das lutas a respeito de projetos de conhecimento nas ciências; são elas as bases da objetividade. Nesse sentido é que, em diálogo com Donna Haraway, vejo o fazer científico a partir da ideia de projetos de conhecimento em ação, engajados com pautas e objetivos específicos, quer sirvam, declaradamente ou não, a interesses hegemônicos ou contra-hegemônicos.

Assim é que busco tensionar a forma como o álcool tem sido constituído como objeto de investigação científica, sobretudo na interface com o campo-tema juventude. Entendendo que os objetos não possuem leis internas de coerência, mas são, ao contrário, "traçados momentâneos focalizados por campos de forças", como argumenta Donna Haraway (1995, p.11), focalizar o consumo de álcool por jovens a partir de outro ângulo – que não mais, ou somente, aquele construído de maneira enfática pelo discurso da saúde, pautado nas noções de

risco e vulnerabilidade – consiste em um posicionamento e comprometimento com a produção de versões alternativas sobre a juventude e o uso de bebidas alcoólicas. Trata-se da crença em uma ciência politicamente engajada, que busca criar espaços textuais para narrativas que visibilizam e criticam desigualdades, narrativas comprometidas com o horizonte ético-político da justiça social.

3.2 O encontro com a perspectiva Interseccional

Dos encontros com o(s) feminismo(s) foi-me possível entrar em contato com construções teóricas feministas em torno da *diferença*. Pude, a partir daí, questioná-la enquanto fronteiras fixas e imutáveis entre grupos, com efeitos para a formação de relações de desigualdade e opressão, para pensá-la de modo relacional, contingente e variável, com efeitos à criação de formas de diversidade e agências políticas democráticas (BRAH, 2006 [1996]). Nesse percurso, a perspectiva interseccional nos estudos de gênero e sexualidade me tocou no sentido de viabilizar compreensões relativas às relações de poder e às consequentes e diversas desigualdades vivenciadas por sujeitos em sociedade.

Trata-se de uma perspectiva teórico-metodológica de longa trajetória no campo de estudos feministas, mas de popularização relativamente recente, estando atualmente em crescente expansão, tida como "um dos trunfos mais importantes do feminismo contemporâneo", como afirma Conceição Nogueira (2013) citando Leslie McCall (2005). Sua própria designação enquanto uma teoria, conceito, perspectiva ou paradigma é algo controverso, não existindo muitos consensos em torno dessa questão. Nesse sentido, María Luisa Jiménez Rodrigo e Raquel Guzmán Ordaz (2012) têm se referido à Interseccionalidade como um *campo de luta*, tendo em vista o caráter político do fazer científico, e do engajamento assumido por essa perspectiva de construção de conhecimento para visibilizar, pensar e questionar os efeitos do poder sobre a constituição de sujeitos a partir de suas experiências em relações sociais – considerando aí a necessária articulação entre os campos micro (processos de subjetivação e relações micropolíticas) e macro (componentes da organização social em termos de uma macropolítica).

A perspectiva da Interseccionalidade surge no bojo dos estudos de gênero como uma maneira de se buscar compreender *como se faz o gênero*. Entende-se, a partir do conceito de performatividade (BUTLER, 1999), que as subjetividades se constroem a partir de normas, pelas quais os sujeitos se tornam "pessoas viáveis", como um "corpo possível" no tocante ao

domínio de uma inteligibilidade cultural. É a partir do regime da heterossexualidade, como lei regulatória, que se dão os processos de subjetivação, segundo um esquema binário e dimórfico que estabelece, diferencia e categoriza o que é da ordem de "masculinos" e "femininos", produzindo sujeitos sexualmente diferenciados.

Pela repetição discursiva da norma é que nos constituímos como sujeitos e que, ao mesmo tempo, produzimos e enfatizamos esta mesma norma como tal – em seu caráter de lei – justamente pelo poder reiterativo do discurso. Em outras palavras, a norma, enquanto discurso, implica citações, ou seja, sua repetição em termos de nomeação; assim, repetem-se as convenções do que seria, a partir da matriz heterossexual, "ser homem" ou "ser mulher". No entanto, como afirma Scott (1995 [1988]), "o gênero é o primeiro exercício de poder sobre nossos corpos, mas não é o único exercício de poder que nos constitui".

Como afirma Conceição Nogueira (2013, p. 230), "como se faz o gênero está completamente associado à 'raça', à classe, à orientação sexual, à capacidade física, à nacionalidade, ao estatuto migratório, à religião e tantos outros ingredientes identitários que constroem quem as pessoas são". Nesse sentido, compartilho da compreensão desta e de outras autoras feministas, como Adriana Psicitelli (2008), Claudia Mayorga e Geíse Pinheiro (2013), que a produção de sujeitos é interseccional, e o gênero é um importante componente, mas não o único.

A proposta de articular categorias sociais, para além do gênero, surgiu como reivindicação dentro do próprio movimento feminista a partir da denominada terceira onda, desde a década de 1980, como forma de questionamento ao que se entendia como uma "agenda feminista liberal" da época (NOGUEIRA, 2013). Nesta agenda, a categoria *mulher*, tomada como uma ideia universal no campo dos estudos de gênero, não dava conta de representar politicamente, por exemplo, as experiências de mulheres negras. Assim, é a partir de críticas empreendidas pelo feminismo negro, lésbico e do Terceiro Mundo que emerge a preocupação quanto à articulação de múltiplas e simultâneas categorias de pertença como possibilidades de compreensão de formas particulares de subordinação.

A palavra *interseccionalidade* teria sido usada pela primeira vez nos anos 1980 por Kimberlé Crenshaw – mulher feminista, advogada e acadêmica da área do direito – para falar de como as opressões de gênero e de raça interagem na vida de mulheres negras. Conforme Mayorga e Pinto (2013), tal palavra deriva da "metáfora do tráfego" criada pela jurista, em que, em um cruzamento, os carros vão e vêm em diversas direções. Como descrevem tais autoras,

> a discriminação, assim como o tráfego, pode se dar em uma ou outra direção. Se ocorre algum acidente, nem sempre é tão fácil reconstituir de qual direção se deu o problema; da mesma forma, dirá a autora, se uma mulher negra sofre alguma violência ou é injuriada, as marcas causadas podem originar-se da discriminação racial ou da discriminação de gênero. Ou ainda de ambas, simultaneamente. A reconstrução dessas marcas, assim como de um acidente, exige uma análise aprofundada e cuidadosa, chamada por Crenshaw (1989) de análise interseccional (MAYORGA; PINTO, 2013, p.105-106).

Falar em *articulação de categorias* ou em *interseccionalidade* consiste em compreender as experiências vividas a partir de uma natureza relacional e multidimensional. Isto quer dizer que as várias categorias – social e culturalmente construídas – interagem em múltiplos níveis, e não como um simples somatório, na produção de desigualdade social, formando um sistema de opressão (NOGUEIRA, 2013). Nesse sentido, não se trata de compreender as categorias sociais a partir de uma lógica linear, somando seus efeitos em termos de desigualdades produzidas. Ao contrário, uma análise interseccional almeja compreender o que se cria e se experiencia na intersecção de diferentes eixos de opressão, numa espécie de "matriz de dominação", como argumentado pela feminista e cientista social Patrícia Hill Collins (1990 apud NOGUEIRA, 2013).

Pela natureza multiplicativa, relacional e multidimensional da perspectiva intersecional, o contexto se coloca como um componente imprescindível para compreender como diferentes categorias se articulam, em uma determinada situação, para produzir desigualdades e opressão. Dessa maneira, tem-se uma recusa desta perspectiva teórico-metodológica à essencialização. Entende-se que os membros de um mesmo grupo social não compartilham as mesmas experiências e, portanto, não são iguais, uma vez que especificidades, tais como data, local, histórias e localizações produzem diferenças nas experiências dos sujeitos e, portanto, nestes mesmos, enquanto sujeitos singulares, ainda que compartilhando de determinadas categorias sociais de pertencimento. Assim, as intersecções precisam ser consideradas em seu contexto, em termos de suas condições de possibilidades, bem como de seus efeitos de opressão e de privilégio.

Como discutido até aqui, é possível sistematizar alguns princípios fundamentais à perspectiva da Interseccionalidade (MAHALINGAM et al., 2008 apud RODRIGO; ORDAZ, 2012), os quais seriam: 1) a recusa à essencialização, visto que os grupos sociais não são tomados a partir de uma ideia de homogeneidade; 2) a possibilidade de localizações diversas dentro de estruturas sociais atravessadas pelo poder; 3) a existência de efeitos únicos nas intersecções, não aditivos. A partir destes, tem-se, como pressuposto teórico, metodológico e

político, um esforço de visibilizar, além do gênero, outros aspectos das experiências e lutas de mulheres.

3.3 Território, sexualidade/posicionamentos sexuais e gênero: articulando categorias para pensar o consumo de bebidas alcoólicas por jovens

Em acordo com uma perspectiva que questiona a possibilidade de discursos unívocos em relação ao que seria "a juventude" – uma vez que existiriam *juventudes* – pensar a relação jovens-álcool implica em um enfoque sobre o cotidiano e o particular, sendo necessário considerar tal relação a partir da e nas vicissitudes que esta assume em determinados territórios existenciais. Além das especificidades do território, é necessário pensar tal relação também a partir de outras diferenças que constituem os sujeitos em sociedade e que, portanto, atravessam as relações intersubjetivas, podendo implicar em diferenças nas próprias condutas, assim como nos significados que estas possam assumir para os sujeitos. Isto porque "'ser jovem' constitui um projeto a ser construído, discursivamente e nas práticas sociais, a partir da inscrição da diferença – racial, sexual, de classe social" (MAYORGA; CASTRO; PRADO, 2012, p.17).

Práticas relativas ao uso do álcool por jovens são atravessadas por marcadores sociais, desenhando um processo que constitui relações de poder, as quais, por sua vez, exercem efeitos concretos sobre as vidas desses sujeitos, a exemplo do seu acesso a bens e serviços, agravos à saúde e violação de direitos (RIOS, 2012). A partir de uma perspectiva interseccional, busco identificar práticas relativas ao beber desenvolvidas pelas/os jovens da sub-região Suape, no intuito de compreendê-las em seus significados a partir da articulação entre as categorias de gênero, sexualidade, território e geração, sem, no entanto, estabelecer nenhuma hierarquia entre estas, antes as considerando a partir de como emergiram em campo.

Como afirma Adriana Piscitelli (2008, p. 266), "a proposta do trabalho com essas categorias é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades". Trata-se de refletir sobre como diferentes marcadores sociais ou categorias existem em relação em um contexto específico. Assim, não consiste em analisar as categorias como se estas existissem isoladamente, ou simplesmente somá-las; mas, considerá-las em relações entre si, íntimas, recíprocas e contraditórias, contextuais e contingentes em termos históricos, como afirma a autora.

Dessa maneira, a perspectiva interseccional vem auxiliar a ampliar o olhar sobre a(s) juventude(s), reconhecendo distintas experiências juvenis, considerando-as em suas tensões e

hierarquias dentro do próprio campo da juventude – no caso em tela, experiências relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas. Assim, busco compreender como marcações de gênero, sexualidade e território insterseccionam-se na hierarquia geracional, na produção de diferentes experiências juvenis associadas ao uso de álcool, tendo em vista que tais experiências "consistem em efeitos de sistemas sociais e de poder distintos através de uma complexa dinâmica psicossocial" (MAYORGA; PINTO, 2013, p. 107) – não podendo ser tomadas como meras características identitárias e, assim, tidas como simples diferenças numa lógica estritamente "diferencialista", a qual impediria pensarmos a juventude como uma categorial transversal mais ampla, como argumentam as autoras.

A partir desses posicionamentos e compreensões, julgo pertinente argumentar acerca da eleição das referidas categorias em articulação – território, sexualidade/posicionamentos sexuais e gênero – para refletir sobre o uso de bebidas alcoólicas por jovens. Destaco que tais categorias estão sendo tratadas em articulação ao marcador de geração, tendo em vista que o campo-tema juventude é questão central neste trabalho.

3.3.1 Sobre o território

O marcador social do território se coloca de maneira significativa para pensar usos de álcool por jovens, tendo em vista que tais práticas se dão em um *lócus* específico: a região pernambucana de Suape, em sua realidade atual de desenvolvimento econômico e suas tensões com o desenvolvimento social.

Estou aqui compreendendo a noção de território como "o lugar onde se vive", de onde o sujeito vê e vive o mundo, como espaço de suas vivências (PAULO, 2013). Trata-se de uma forma de pensar o espaço não somente a partir de sua conotação territorial, geográfica, mas de entendê-lo a partir da forma como é praticado, vivenciado e significado pelos sujeitos, considerando formas particulares de relações que aí possam se dar. Portanto, estou pensando Suape como esse "lugar onde se vive", a partir da circulação, dos fluxos, das configurações espaciais e relacionais que aí são possíveis, em termos de suas implicações para a construção de experiências juvenis.

Vêm-se imbricadas na noção de território dimensões políticas, econômicas, sociais, culturais, como elementos que, "através da concentração espacial de técnicas disponíveis ao capital para a produção, a circulação e o consumo no urbano", conformam "arranjos políticos

de domínio dos corpos dos sujeitos", como argumentam as autoras Maria Aparecida Tardin Cassab e Clarice Cassab (2008). Citando Milton Santos (1996, p. 55), as autoras afirmam que:

> O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de viver bem. Como meio operacional, presta-se a uma avaliação objetiva e como meio percebido está subordinado a uma avaliação.

Compreender o território Suape como um marcador das/nas experiências de jovens, especificamente aquelas relativas ao consumo de bebidas alcoólicas, implica atentar para uma imbricação entre termos macroestruturais e micropolíticos no intuito de buscar compreender os significados singulares dessas experiências.

A região de Suape, em sua complexidade, consiste em um território que abrange diferentes cidades, como mostra a figura 3. Situa-se ao sul da Região Metropolitana do Recife do Recife, entre os municípios de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, cerca de 40km de distância de Recife consiste em uma das primeiras áreas de povoamento do Brasil, a qual até recentemente teve sua economia baseada na produção de cana de açúcar, apresentando, portanto, fortes marcas da cultura escravocrata, que se expressam, sobretudo, na permanência de desigualdades sociais, tais como assimetrias de gênero e de idade-geração (RIOS, 2010). No entanto, esta região tem passado por um processo de mudança em suas estruturas econômicas, tornando-se alvo de grandes investimentos econômicos de setores públicos e privados.

A partir de 2007, as ações de desenvolvimento econômico se intensificaram na região, como parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Este Programa integra a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), que visa estruturar o desenvolvimento e explorar potencialidades regionais mediante a diversidade de atividades econômicas desenvolvidas em cada região brasileira, de modo a reduzir desigualdades entre as mesmas (IPEA, 2010). Atualmente, nesse ciclo de enriquecimento, o porto Suape opera em associação com um complexo industrial, no qual se inserem a Refinaria Abreu e Lima e o estaleiro Atlântico Sul, o maior do hemisfério sul (RIOS, 2010).

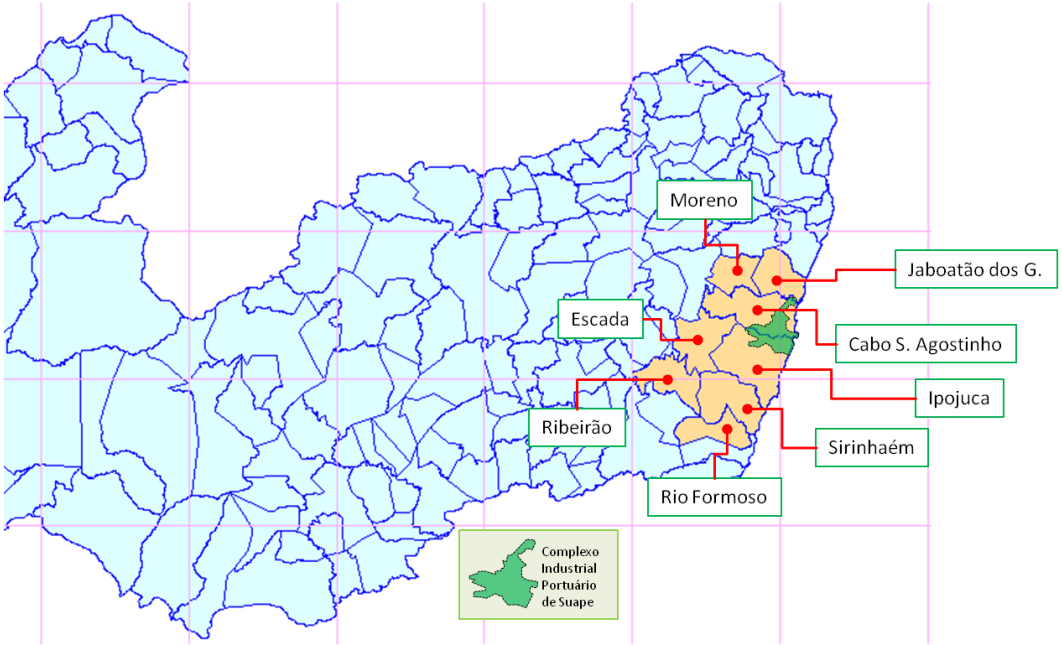


Figura 3. Mapa da região de Suape, com destaque para os municípios.
Fonte: https://escadaedesenvolvimento.files.wordpress.com/2011/03/terr-suape.png

Tantos investimentos têm gerado expectativas para as populações locais, bem como impactos sobre as relações de trabalho e os modos de vida nas cidades. Milhares de trabalhadores temporários migrantes, em sua grande maioria homens, têm aportado nas cidades do território estratégico de Suape, ampliando demandas por serviços de saúde, lazer, moradia, saneamento básico, dentre tantas outras. O referido crescimento econômico tem impactado as dinâmicas de desigualdades, historicamente existentes na região (RIOS, 2010). Dessa forma é que o território emerge como importante categoria teórico-analítica neste trabalho, tendo em vista que as questões delineadas pelo binômio desenvolvimento econômico-desenvolvimento social têm impactado o cotidiano da população e os modos de "ser jovem" na região Suape.

Sobre isso, tem-se percebido, por exemplo, o crescimento do número de bares e casas de festas, para onde convergem trabalhadores migrantes e muitas jovens como forma de desfrutar do tempo livre (SCOTT et al., 2012). Outras jovens, no entanto, preferem limitar seus espaços de sociabilidade a locais de trabalho, comércio, casas de conhecidos e igrejas. Em reportagem ao Diário de Pernambuco, em uma série intitulada "Filhos de Suape", produzida pela jornalista Marcionita Teixeira, em maio de 2011, um comerciante dono de bar no Mercadão, no Cabo de Santo Agostinho, comenta: "Esse lugar era visitado por famílias, mas agora está tomado pela prostituição". Percebe-se, assim, como habitantes da região parecem significar as transformações vivenciadas, a partir de uma intensificação de referências

discriminatórias, que acabam se atualizando/reverberando em limitações nas possibilidades de circulação de homens e mulheres, sobretudo jovens, nos espaços das cidades. Nesse sentido,

> Para entender a influência do dinamismo econômico sobre a vida cotidiana no local, é importante identificar quais os pontos na cadeia de produção e distribuição que incidem sobre a criação de espaços de sociabilidade nestes polos, diretamente em relação aos ambientes de trabalhos, e indiretamente em relação aos espaços residenciais e de lazer e uso de serviços locais (SCOTT et al., 2012, p.2).

De modo a caracterizar a região a partir de alguns indicadores econômicos[15], tem-se que entre os anos de 2000 a 2010 as cidades de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca cresceram cerca de 1,8% e 3,2%, respectivamente; crescimento superior ao do estado de Pernambuco, no mesmo intervalo de tempo, o qual foi cerca de 1,2%. Dados relativos ao Produto Interno Bruto (PIB), em 2010, colocam as duas cidades também em posições elevadas no cenário estadual, compreendendo o primeiro e o terceiro índice do PIB da região de Suape: Ipojuca com o maior Índice (cerca de R$ 9.000 Milhões) e Cabo de Santo Agostinho com o terceiro (cerca de R$ 4.500 Milhões), depois da cidade de Jaboatão dos Guararapes. Nesse cenário, no ano de 2010, o PIB municipal da cidade do Cabo participou com quase 5% do PIB estadual; enquanto Ipojuca contou com pouco mais de 9% no PIB de Pernambuco.

O PIB *per* capita da cidade de Ipojuca, em 2010, ultrapassou um pouco uma soma de R$ 110.000,00, tendo apresentado elevado crescimento se comparado ao ano de 1999, quando ficou em cerca de R$ 20.000,00. Em 2010, esta era a cidade de maior PIB *per* capita do território estratégico de Suape. A cidade do Cabo, por sua vez, teve o segundo maior PIB *per* capita, contabilizando cerca de R$ 25.000,00 em 2010, comparado a pouco menos de R$ 10.000,00 no ano de 1999. Esses dados, no entanto, contrastam com outros relativos ao rendimento mensal em relação ao salário mínimo da população habitante do território de Suape: em 2010, eram elevadas as taxas de pessoas que viviam com rendimento entre meio e dois salários mínimos mensal (cerca de 375 mil pessoas). Com relação à renda média familiar, no mesmo ano de 2010, 43,17% das famílias da cidade do Cabo sobreviviam com até meio salário mínimo; na cidade de Ipojuca, por sua vez, esse número subiu para 48,44%, considerando-se que este índice relativo ao estado de Pernambuco, no mesmo ano, esteve em 45,27%.

[15] Os dados estatísticos referentes ao território Suape trabalhados nessa seção compuseram as reflexões apresentadas pelo professor José Henrique Artigas de Godoy (UFPB) na 65ª Reunião Anual da SBPC "Ciência Para o Novo Brasil" (Julho, 2013), em mesa redonda intitulada "O Projeto de Suape e suas relações econômicas e socioambientais".

Foram percebidas também desigualdades entre homens e mulheres em termos de renda média por sexo. No ano de 2010, na cidade de Cabo de Santo Agostinho, os homens tiveram uma renda média 1,8 vezes maior que as mulheres: R$ 1.106,58 para os homens, e R$ 610,74 para as mulheres. No mesmo ano, na cidade de Ipojuca, os homens contabilizaram um rendimento médio de R$ 881,08 enquanto que as mulheres contabilizaram R$ 591,34, num total de um rendimento cerca de 1,5 vezes maior para os homens.

No tocante a indicadores sociais (ARTIGAS, 2013), no ano de 2010, na cidade do Cabo havia cerca de 3,61% da população entre 15 e 24 anos de idade analfabeta, o que em números absolutos consiste em 1.256,17 jovens. Já em Ipojuca, esse número contabilizou 6,61% dos jovens nessa faixa de idade, que consiste em 1.096,66 jovens. Com referência ao mesmo ano (2010), em Ipojuca, 52% da população economicamente ativa (PEA) apresentava nenhuma instrução ou ensino fundamental; somente 3% da população economicamente ativa havia concluído o ensino superior. Por sua vez, na cidade de Cabo de Santo Agostinho, 40% da PEA não tinha instrução ou não havia terminado o ensino fundamental, enquanto 4% havia concluído o ensino superior.

Por essas breves e sintéticas caracterizações é possível criar uma ideia do cenário econômico, social e político que tem marcado o território Suape. Apresentaram-se, inclusive, como justificativas às demandas de pesquisa e intervenção, a exemplo do Programa Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape, na medida em que consistem em exemplificações de algumas das tensões que as populações locais têm vivido entre o almejado desenvolvimento econômico e os impactos sociais ironicamente correlatos a tal “desenvolvimento”.

Binômios tais como desenvolvimento-subdesenvolvimento, elite-povo e centro-periferia têm-se colocado de formas mais ou menos diretas no cotidiano de jovens dessa região, de modo a possibilitar determinadas vivências, em detrimento de outras, desse/nesse espaço/lugar que se transforma. É preciso considerar as dinâmicas de poder imbricadas em um (re)direcionamento e (re)ordenamento de espaços públicos e privados – e de corpos, sujeitos e populações – a partir de uma demanda do capital que se instala e modifica um cenário geográfico, social, político e econômico. Nesse sentido, busquei, junto às/os jovens, compreender se e como esse momento característico desse território tem influenciado suas experiências, sobretudo de lazer, buscando atrelar aí o consumo de bebidas alcoólicas.

3.3.2 Sobre sexualidade e posicionamentos sexuais

A sexualidade diz respeito a construções históricas e culturais relativas aos prazeres e às interações e trocas sociais e corporais, envolvendo desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relacionadas à saúde sexual e reprodutiva. Compreendida como um processo, a sexualidade relaciona pertenças a novos grupos, autoafirmações e reproduções de aprendizados, processo este de tessitura de trajetórias de vidas singulares impregnadas por marcadores sociais e relações de poder (ALMEIDA; CASTRO; MIRANDA, 2007).

Contextos de consumo de bebidas alcoólicas, muitas vezes, podem ser percebidos a partir do que seria um contexto de sociabilidade erótica, em que se colocam em cena usos específicos do corpo, associados às marcações de gênero, onde pessoas materializam visões de si mesmas segundo, além de outros fatores, expressões e projeções de aspirações e desejos (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010). Isso pode ser percebido nas propagandas de diferentes marcas de cervejas, em que sujeitos, em geral mulheres e homens jovens, aparecem como corpos sensuais em situações de descontração e diversão. Associa-se, assim, o consumo de álcool na juventude às vivências de sexualidade como o flerte, a paquera, a conquista e, indiretamente, o sexo.

É interessante também perceber a proximidade entre os discursos sobre as drogas e a sexualidade no campo da saúde. De fato, no campo da saúde, ambos os discursos caminham, em geral, lado a lado, nas discussões sobre fatores de risco, assim como nos discursos sobre prevenção. As drogas, assim como as DSTs e HIV/Aids, além da gravidez na adolescência, tendem a ser encaradas como problemas de saúde física e social, sobre o qual demandam-se ações de intervenção e prevenção (LOURO, 2007). Nesse sentido, consistem em peças de um dispositivo mais amplo, que se interrelacionam como formas de articulação entre diferentes discursos possíveis em torno das drogas e da sexualidade, e entre ambos, estabelecendo saberes-verdades sobre cada um desse campos e sobre os sujeitos no tocante às suas experiências com as drogas – no caso aqui em questão especificamente com o álcool – e relativas à sexualidade.

Estou pensando aqui a categoria da sexualidade não como simples questão de identidade ou orientação sexual, mas a partir da ideia de dispositivo de sexualidade, como trabalhada por Foucault (2004 [1978]), envolvendo processos subjetivos e definições sobre "a verdade do sujeito" para além de sua afirmação, por exemplo, como hetero, homo ou bissexual. Nesse sentido, trago uma ideia de *posicionamento sexual* para falar sobre os modos como as/os jovens posicionam-se em suas vivências sexuais. Foucault caracteriza a experiência ocidental da sexualidade como uma explosão discursiva sempre em expansão, parte de um sistema de controle complexo sobre os indivíduos, controle que se faz justamente pela produção – pela

definição das possibilidades de ser do corpo e da sexualidade – e não pela negação ou proibição do discurso sobre o sexo, como afirma Jeffrey Weeks (1999). É a partir da ideia de biopoder, o poder sobre a vida, que a sexualidade tem aqui um papel crucial. “O sexo é o pivô ao redor do qual toda a tecnologia da vida se desenvolve: o sexo é um meio de acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie; isto é, ele oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (o "corpo político")” (WEEKS, 1999, s/p.).

Rocio Shuña (2014) trabalhou questões de sexualidade e início da vida sexual com jovens dessa região, também inseridas/os no Ação Juvenil. A autora identificou que, diante da vigilância dos adultos sobre as relações de namoro das/os jovens – expressa através da necessária permissão dos pais ao namoro – outras formas de vínculos afetivo-sexuais, os quais são caracterizados pelas/os jovens como “menos complicados” em termos de possibilidades às vivências sexuais. É o caso, por exemplo, do “ficar”, “onde pode rolar desde um beijo, um amasso, até o coito em si com alguma pessoa, a princípio desconhecida, mas não necessariamente” (SHUÑA, 2014, p. 105). Para as/os jovens, este tipo de vínculo se define por seu caráter passageiro, embora seja possível passar de “ficantes ocasionais” a “fixos” e mesmo namorar “sério”.

Foi também o caso da “amizade colorida” em que as/os jovens têm o direito de ter outros tipos de relações, podendo haver envolvimento sexual propriamente dito, quer dizer, sexo. Nessa modalidade se encaixam, por exemplo, amizades com as/os ex-namoradas/os. Jovens mulheres caracterizaram como prazerosas vivências de “amizade colorida”, por existir confiança na relação para conversar e fazer coisas diversas, sem que precise haver o compromisso da fidelidade. O “conhecerem-se” foi mais uma modalidade trazida pelas/os jovens como contraponto ao namoro. Consiste em “um tipo de relacionamento no qual duas pessoas estão apreciando a possibilidade de namorar ou não. Nesse processo, os parceiros podem se beijar, ‘dar’ um amasso, ter um chamego” (SHUÑA, 2014, p. 106), expressões sexuais estas que, como afirmado pelas/os jovens, não implicam o sexo.

Além disso, a autora também discutiu como a desintegração dos circuitos relativos à família, escola, religião e posto de saúde, tem criado obstáculos às vivências sexuais das/os jovens e ao acesso aos direitos sexuais e aos direitos reprodutivos, entendidos como integrantes fundamentais dos direitos humanos. Os direitos sexuais consistem no direito de viver a sexualidade de forma autônoma, tendo garantida possibilidade de escolhas do estilo de vida sexual e o acesso a informações e mecanismos que viabilizam o exercício responsável dessas escolhas. Entendidos como um outro campo distinto, ainda que relacionado ao campo dos

direitos sexuais, os direitos reprodutivos dizem respeito ao direito de autonomia relativa ao próprio corpo e às decisões reprodutivas, sem sofrer discriminação, coerção ou qualquer outro tipo de violência (CORRÊA; PETCHSKY, 1996; RIOS et al., 2002). As dificuldades identificadas por Rocio Shuña tendem a se ratificar em relação às mulheres e grupos LGBTTI. Desse modo, vivem-se desigualdades relacionadas à sexualidade e, assim, aos posicionamentos sexuais no território em questão, articulando-se aí os marcadores de geração e de gênero.

3.3.3 Sobre gênero

O sistema de gênero consiste em um mecanismo pelo qual noções referentes ao "masculino" e ao "feminino" são produzidas e naturalizadas, classificando os sujeitos em categorias distintas conforme uma ordem heterossexual compulsória. Por outro lado, é justamente o que torna possível a problematização e desnaturalização destas noções mesmas binárias.

Busco, aqui, trabalhar gênero não como conceito ou substância, mas como categoria analítica, compreendida de maneira relacional, oposta a uma ideia de um atributo individual. Concebido a partir da noção de atos, gestos e signos que, pela repetição, produzem significados (BUTLER, 2003), o gênero é engendrado no interior de estruturas de regulação, as quais são marcadas por cristalização e rigidez, de modo a *performar* o gênero; quer dizer, por uma construção de forma dramática e contingente de significado. Seu caráter performativo implica regulação a sua coerência: buscam-se produzir identidades coerentes conforme matriz de normas de gênero: a matriz heterossexual, que estabelece a heterossexualidade como norma, compulsória à sexualidade, ao sujeito.

Nesse sentido, o ser é um efeito, construído por parâmetros políticos, uma vez que o gênero – a própria condição de ser – consiste na "estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser" (BUTLER, 2003, p.59) – justamente aí onde atua o poder, por via da instituição de uma heterossexualidade naturalizada e compulsória, regulando a sexualidade a partir de uma lógica dual e rival entre o que é da ordem do "masculino" e do "feminino".

E por que é importante articular gênero e consumo de álcool? Segundo Butler (2013, s/p)[16] "os estudos de gênero não descrevem a realidade do que vivemos, mas as normas heterossexuais que pesam sobre nós", normas estas que, como continua a autora, "nos dizem o que devemos fazer para ser um homem ou uma mulher", e com as quais estamos em permanentes negociações. Como afirma, Butler se interessa justamente pela distância entre tais normas e as diferentes formas de respostas.

De acordo com Maristela Moraes (2011), aspectos de gênero estão envolvidos nas relações entre as pessoas e as "drogas", a exemplo do tipo de "droga", os propósitos e as expectativas envolvidas no uso. Utilidades sociais atribuídas ao álcool, as expectativas culturais de quem o consome, as condições sociais em que é consumido, suas formas de obtenção, as doses e técnicas de uso, dentre outros elementos, são aspectos que podem modificar os próprios efeitos da substância, a curto, médio e longo prazo (MORAES, 2011).

Nesse sentido, articular gênero e consumo de álcool seria refletir sobre "o que" tem das normas de "ser homem" e "ser mulher" nos significados, práticas e contextos de uso dessa substância – o que envolve considerar como se articulam às questões acima trazidas por Maristela Moraes. Além disso, perceber e refletir sobre as distâncias – se maiores, menores e como se processam – entre tais normas e as respostas dadas por sujeitos, neste caso, mulheres e homens jovens.

A perspectiva de gênero como categoria de análise pode contribuir como forma de ampliação do campo das drogas, a partir do aporte de um viés crítico, de superação de noções reducionistas e estereotipadas, trazendo para as discussões sobre drogas fatores sociais, culturais, econômicos e políticos, como elementos condicionantes dos usos de substâncias psicoativas, bem como da experiência dos sujeitos com as mesmas. De acordo com María Luisa Rodrigo e Raquel Ordaz (2012, p.80), "aplicar a 'suspeita feminista' é primordial em um contexto de nivelamento/convergência das lacunas de gênero em determinados usos de drogas, como se observa no consumo de tabaco, álcool e canabis entre a população adolescente", uma vez que a suposta "igualdade" relativa ao consumo não necessariamente implica uma superação de desigualdades nas relações de gênero.

[16] Informação em entrevista no site "História do desejo", acessada no link <https://historiadodesejo.wordpress.com/2015/01/10/teoria-do-genero-judith-butler-responde-aos-seus-criticos/> em 20 de janeiro de 2015.

Por exemplo, tem-se uma associação, construída socioculturalmente, entre padrões abusivos de álcool por mulheres a uma ideia de "desestabilização psicoemocional" como causa (MOYA et al., 2010). Ou seja, com relação às mulheres, associam-se eventos que seriam de uma ordem psiquiátrica ou psicopatológica ao consumo de álcool, tais como depressão, acabando-se por colocar tal consumo no lugar de mero sintoma de transtornos. Por outro lado, em homens, transtornos psiquiátricos têm sido subnotificados, uma vez que se tem focado os ditos problemas relativos às bebidas alcoólicas, na ordem de uma dependência. Esse cenário tem contribuído para ocultar problemas de mulheres que fazem uso frequente e abusivo de álcool, segundo normas sociais de gênero que, pela via da moral, ainda seguem invisibilizando o consumo de substâncias psicoativas por mulheres.

Por marcas históricas de uma cultura patriarcal, a reputação para as mulheres e a honra para os homens, por exemplo, compondo códigos de feminilidade e masculinidade, respectivamente, são elementos que têm importância significativa para pensar as relações interpessoais e sociais mais amplas na região. Nesse contexto, o território de Suape vê se atualizarem heranças dessa cultura nas relações entre mulheres e homens, por exemplo, quando um grande número de homens "estrangeiros" chega ao território e contribuem para intensificar as dinâmicas sociais preexistentes à "chegada do desenvolvimento econômico", heranças e intensificações estas que fazem diferença para pensar o consumo de álcool na região.

3.4 A pesquisa em foco: entre escolhas e estratégias

3.4.1 Conhecendo as/os interlocutoras/es, coprodutoras/es desta pesquisa

Diante do cenário acima descrito, relativo às dificuldades financeiras vivenciadas pelo programa Diálogos como um todo, muitas/os jovens estagiárias/os tiveram dificuldades, sobretudo financeiras, de acessar a escola que sediou as rodas de conversa, aspecto importante que informa sobre as situações socioeconômicas das/os jovens do Ação Juvenil. De um total de 20 estagiárias/os[17], participaram 6 no primeiro encontro, 4 do segundo e 6 do terceiro. Um

[17] O projeto Ação Juvenil desenvolveu suas ações através da parceria com estudantes de Ensino Médio da rede pública das cidades de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca. As/os jovens estudantes possuíam vínculo de estágio remunerado com o projeto. Suas funções caracterizaram-se por atividades de formação continuada nas temáticas-alvo do projeto (que aconteciam na UFPE) e intervenções em locais públicos nas referidas

jovem, Emanoel, que não tinha vínculo com o Ação Juvenil, estudante da escola-sede, participou dos dois últimos encontros, totalizando, na sequência, 5 e 7 participantes.

Cabe destacar que três jovens que participaram de todos os encontros eram estudantes da escola que sediou este trabalho, o que lhes significou um elemento facilitador para o acesso ao local. Minha relação com estas/es – com exceção de Carlos, jovem que conheci em sua escola no segundo dia de roda de conversa – era prévia a esses encontros, datando desde o início de suas atividades como estagiárias/os no Ação Juvenil, de modo que me foi possível conviver com essas/es jovens, com exceção de Emanoel, além do tempo desta pesquisa, e conhecê-las/os um pouco melhor.

É a partir dessa convivência que faço uma breve caracterização de cada jovem, considerando o processo de trabalho desenvolvido no projeto Ação Juvenil. Os nomes fictícios, assim como suas grafias, foram escolhidos pelas/os jovens.

Raiane é uma jovem de 17 anos, autodeclarada morena, moradora da cidade de Cabo de Santo Agostinho e estudante da escola-sede. Com um projeto de vida voltado à entrada no ensino superior, a jovem tem distribuído seu tempo entre as aulas da escola e do curso preparatório para o Enem – Exame Nacional do Ensino Médio. O pouco tempo que lhe sobra é dividido entre as atividades da igreja – ela se afirma como protestante – e atividades de lazer com a família, sobretudo durante finais de semana, quando vai a casas de familiares. Percebia um grande interesse da jovem nas atividades e temas trabalhados no Ação Juvenil, sobretudo aqueles relativos às diferentes relações de poder.

Soary é uma jovem de 16 anos, autodeclarada morena, também moradora da cidade de Cabo de Santo Agostinho, estudante da escola-sede. Chegou no Ação Juvenil bastante tímida, silenciosa. Aos poucos foi driblando as dificuldades em falar no grupo, processo que teve início de forma mais significativa quando iniciamos as discussões sobre o tema da homofobia e diversidade sexual. Em conversas informais e em contexto de entrevista, a jovem se posicionou como homossexual para integrantes da equipe de estagiárias/os e assistentes de pesquisa. Possui um grupo de amigas/os com as/os quais está sempre junto, em atividades de lazer: promovem festas *GLS*, como disse a jovem, e frequentam espaços públicos das cidades de Cabo e Recife. Disse que não bebe.

comunidades, como parques, praças e escolas. Para mais informações sobre o projeto, consultar: http://labeshu.com.br/dialogos/index.php?option=com_content&view=article&id=48&Itemid=15.

Charlii, jovem de 20 anos, autodeclarado negro, irmão de Saory, mora na mesma casa que a jovem e também estuda na escola-sede. Chegou no Ação Juvenil bastante entusiasmado com a ideia de fazer parte de um grupo, sentir-se em um coletivo como uma "família", como ele dizia. No entanto, enfrentou problemas nas relações com muitas/os jovens do grupo, por, muitas vezes, tomar a fala para si no grupo, além de trazer posicionamentos bastante marcados por elementos da cultura patriarcal, o que gerava incômodo e silenciamento de meninas do grupo. Quanto às atividades de lazer, em geral, acompanha o mesmo grupo de amigas/os que sua irmã. Referiu ter parado de beber.

Taís, jovem de 16 anos, autodeclarada negra é moradora de Ponte dos Carvalhos, distrito de Cabo de Santo Agostinho. Um tanto tímida, em geral falava pouco no grupo do Ação Juvenil, sendo mais frequentes seus comentários em paralelo a outras jovens, com quem tinha mais facilidade em posicionar-se diante das discussões e dos temas. Geralmente trazia a afirmação de direitos e possibilidades iguais para mulheres e homens, quando se posicionava nas rodas de conversa. Gosta de estar na rua, na praça. Estava aprendendo a andar de *skate* na época desta pesquisa. Disse fazer uso de álcool.

Raquel, jovem autodeclarada evangélica, de 17 anos, mora na cidade de Cabo de Santo Agostinho. A religião tem um lugar de grande importância em sua vida, sendo líder em grupos de trabalho com crianças e no coral da igreja que frequenta, de modo que todo o seu tempo se divide entre a escola, a igreja e a família, como disse. De estatura menor que a média das jovens do grupo, Raquel parecia sempre se posicionar de modo bastante marcado, objetivo e assertivo, como que tentando "compensar" possíveis brincadeiras e desrespeito/descrédito dos outros, como chegou a acontecer no grupo do Ação Juvenil. Era, muitas vezes, apelidada como "braba", em referência ao que era, pela via do humor, significado como brabeza por integrantes do grupo. Não bebe.

Diego, jovem de 18 anos, autodeclarado negro, mora em Nossa Senhora do Ó, distrito de Ipojuca. Afirmou-se evangélico, no entanto, pouco praticante. Jovem bastante envolvido com o Ação Juvenil e com as discussões em grupo. Alto e forte, afirmou gostar de frequentar academia de ginástica e associou isso ao fato de ter parado de beber. Disse gostar de ir a "festas de rua" e shows, além de fazer festas em casa de amigos.

Gustavo, jovem de 18 anos, autodeclarado moreno, evangélico, é morador da cidade de Cabo de Santo Agostinho. Afirmou beber e gostar de beber. Em conversas informais, disse guardar vários tipos de bebidas diferentes em seu quarto, caracterizando o lugar onde as guarda como uma espécie de altar, que deveria ser cultuado. Gosta de ir a shows de forró e "festas de

rua". Sempre se entusiasmava com as atividades da Caravana da Cidadania, nas atividades de ir à rua pelo Ação Juvenil.

Emanoel, jovem de 18 anos, autodeclarado negro, evangélico, residente em Cabo de Santo Agostinho. Demonstrou interesse em participar das oficinas ao nos ver em sua escola, no nosso segundo dia de atividades. Chegou no grupo bastante tímido, mas logo se sentiu à vontade para compartilhar as mudanças de seus comportamentos, entre eles o comportamento de beber, desde sua inserção na religião evangélica.

A equipe que compôs esse trabalho foi a seguinte:

Raissa, jovem de 26 anos, psicóloga, mestranda em Psicologia, moradora de Recife. Pesquisadora identificada com as perspectivas teórico-metodológicas adotadas neste trabalho, tais como a pesquisa-intervenção e a pesquisa de inspiração feminista, trabalhou como assistente de pesquisa no Ação Juvenil e atuou como co-facilitadora nas três rodas de conversa. Gosta de dançar, ir à praia e sair com amigas/os para se divertir no bairro do Recife Antigo. Afirmou beber e o faz principalmente nas ocasiões em que está com amigas/os.

Shirleidy, jovem de 27 anos, psicóloga, mestranda em Psicologia, mora na cidade de Recife. Também, como pesquisadora, identificada com as afiliações teórico-metodológicas deste trabalho, atuou como co-facilitadora na primeira roda de conversa. Não bebe. Gosta de ir à praia e sair para conversar com amigas/os.

Basílio, jovem de 23 anos, autodeclarou-se branco, cristão e morador da cidade de Recife. Também foi co-facilitador na primeira roda. É estudante de Psicologia e estagiário do Ação Juvenil. Disse fazer uso de álcool. Gosta de música e de sair à noite com amigos, além de gostar de ler.

Ruan, jovem de 26 anos, autodeclarado branco, mora em Recife. É estudante de Psicologia e estagiário do Ação Juvenil. Atuou como co-facilitador na terceira roda de conversa. Afirmou fazer uso de álcool. Gosta de estar com amigos/os, de ir ao bairro do Recife Antigo e de ir para shows de rock.

Eu, *Leyllyanne*, jovem de 25 anos, psicóloga e mestranda em Psicologia. Atuei no Ação Juvenil desde o curso de graduação, como estagiária e, posteriormente, como assistente de pesquisa. Bebo, em geral, pouco. Gosto de sair com amigas/os para conversar e dançar. Também gosto de praticar exercícios físicos, como compartilhei com o grupo nas rodas de conversa.

INTERLOCUTORAS/INTERLOCUTORES				
Nome	**Idade**	**Cor**	**Religião**	**Cidade**
Raiane	17	Morena	Protestante	Cabo de Santo Agostinho
Saory	16	Morena	Não	Cabo de Santo Agostinho
Charlli	20	Negro	Não	Cabo de Santo Agostinho
Taís	16	Negra	Não	Ponte dos Carvalhos
Raquel	17	Morena	Evangélica	Cabo de Santo Agostinho
Diego	18	Negro	Evangélico	Nossa Senhora do Ó (Ipojuca)
Gustavo	18	Moreno	Evangélico	Cabo de Santo Agostinho
Emanoel	18	Negro	Evangélico	Cabo de Santo Agostinho
EQUIPE				
Nome	**Idade**	**Cor**	**Religião**	**Cidade**
Raissa	26	Branca	Não	Recife
Shirleidy	27	Branca	Cristã	Recife
Basílio	23	Branco	Cristão	Recife
Ruan	26	Brando	Não	Recife
Maria Eduarda	19	Branca	Não	Olinda
Leyllyanne	25	Branca	Católica	Recife

Quadro 1. Síntese da caracterização das/os jovens participantes das rodas de conversa.

3.4.2 Procedimentos em campo: uma pesquisa-intervenção-pesquisa em rodas de conversa

Fiz uso da tecnologia de *rodas de conversa* a partir de uma perspectiva orientadora: a *pesquisa-intervenção* para a construção do material de análise desta pesquisa.

A perspectiva da *pesquisa-intervenção* se define como estratégia de pesquisa a partir de um posicionamento que compreende o pesquisar como ação política. Consiste, assim, em uma tendência das pesquisas participativas, como crítica a uma política positivista de fazer ciência, propondo uma atuação transformadora na experiência social, uma vez que busca desarticular práticas e sentidos instituídos pela fórmula "transformar para conhecer", como argumentam Marisa Lopes da Rocha e Katia Faria de Aguiar (2003).

A "pesquisa-intervenção busca acompanhar o cotidiano das práticas, criando um campo de problematização para que o sentido possa ser extraído das tradições e das formas estabelecidas, instaurando tensão entre representação e expressão, o que faculta novos modos de subjetivação" (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 66). Karla Adrião (2014) chamou essa modalidade de trabalho de *pesquisa-intervenção-pesquisa*, o que compartilho aqui, como forma de destacar um contínuo entre as ações de pesquisar e intervir: é preciso conhecer/pesquisar para intervir, e, ao mesmo tempo, é intervindo que se torna possível conhecer/pesquisar.

Alguns elementos fundamentam a perspectiva da pesquisa-intervenção. São eles: a relação sujeito-objeto, a autonomia e a ação transformadora. De acordo com essa perspectiva,

a *relação sujeito-objeto* precisa ser entendida a partir da noção da ciência como um empreendimento coletivo. Na pesquisa-intervenção, todas/os participantes da atividade são sujeitos de conhecimento e, portanto, produtores desse fazer (CASSAB; CASSAB, 2008). Dizer isto não implica, por outro lado, desresponsabilizar a/o pesquisadora/pesquisador deste lugar, mas compreendê-lo como mais uma/um partícipe, ainda que em um lugar diferente, que não é o mesmo dos/as demais participantes.

A proposição de colocar em questão o cotidiano pelo confronto de diferentes experiências em um exercício de articulação de análises micro e macropolíticas, traz a concepção de autonomia para pensar a pesquisa, pela via da ação transformadora. Neste campo, as intervenções têm como objetivo tornar visíveis os jogos de poder e interesses que se presentificam no campo do fazer investigativo, contribuindo para os processos de desconstrução de instituídos e de criação de novas práticas (ROCHA; AGUIAR, 2003).

A autonomia é compreendida aqui não como absoluta, conduzindo o sujeito a um estado de equilíbrio uma vez conquistada. Trata-se de sua compreensão como *função de autonomia*; ou seja, como exercício, movimentos de prática de transformação, sempre limitada, mas infinita como prática de liberdade, relacionada à potencialidade de vida. A *transformação*, entendida em seu caráter de ação desnaturalizadora se refere a uma micropolítica dos processos de constituição de realidade, enquanto criação de possíveis, como assinalam as autoras acima citadas.

Estes pressupostos/aspectos/elementos foram orientadores das minhas ações em campo, junto à equipe que me acompanhou nos encontros, guias para o planejamento e execução das rodas de conversa com as/os jovens. Segundo Maria Anezilany Nascimento e Cícero da Silva (2009), rodas de conversa são um dispositivo metodológico bastante utilizado em intervenções comunitárias. Caracteriza-se pela criação de espaços de diálogos, em que as/os participantes têm a oportunidade de compartilhar experiências e conhecimentos através da participação coletiva em debates em torno de uma determinada temática. Nestes espaços de diálogos, os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Entende-se, assim, que a possibilidade de diversos posicionamentos nas discussões e problematizações pode favorecer a produção de novos sentidos e contribuir para a construção da autonomia dos sujeitos.

Neste trabalho, realizamos três rodas de conversa com as/os jovens em uma escola da rede pública estadual de ensino na cidade de Cabo de Santo de Agostinho, nas quais foram temas mobilizadores na sequência dos encontros: 1) sociabilidades juvenis (Apêndice A); 2)

lazer no contexto Suape (Apêndice B); 3) relações risco/prazer no consumo de bebidas alcoólicas (Apêndice C). Em cada encontro, colocamos essas respectivas questões como tema, construindo os diálogos a partir da construção de cartazes e de esquete teatral no último encontro. As rodas foram elaboradas uma após a outra, de modo a articular a discussão de cada encontro com o anterior.

Nossas intervenções estiveram focadas, sobretudo, nas relações de poder que perpassavam os dizeres-fazeres das/dos jovens em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, a partir justamente do intuito de tensionar elementos micropolíticos e criar, junto com as/os jovens, possibilidades outras de pensar-fazer sobre/com elementos constituintes das relações cotidianas, a exemplo do gênero. Nesse sentido, o processo de pesquisa-intervenção se deu a partir da ideia de um contínuo de "pesquisa-intervenção-pesquisa...", como trabalhado por Karla Adrião (2014), em que tanto a pesquisa quanto a intervenção colocam-se em um processo de retroalimentação: o conhecer, pela pesquisa, gera possibilidades; assim como é possibilitado, pela ação da intervenção.

Cabe salientar que apesar do campo deste trabalho ter sido efetuado dentro do projeto Ação Juvenil – Programa Diálogos – com as/os jovens estagiárias/os, deu-se em condições particulares que não as de desenvolvimento convencional do projeto, visto que as suas atividades foram suspensas durante todo mês de junho de 2014, quando realizamos as três rodas de conversa que compõem esta pesquisa.

Em um cenário de atrasos de pagamentos em todas as esferas de funcionários – desde as/os coordenadoras/es e estagiárias/os dos projetos até e, principalmente, as/os jovens de Suape contratadas/os como estagiárias/os do Ação Juvenil – foi preciso reordenar as possibilidades de realização das rodas de conversas, as quais só foram possíveis diante do desejo e do acordo das/os jovens em participarem nesse contexto adverso, entendendo que não seria uma atividade atrelada ao estágio, mas a participação na pesquisa de mestrado que eu estava desenvolvendo. Dessa maneira, os encontros foram deslocados da UFPE para uma escola de ensino médio, localizada na Cohab da cidade de Cabo de Santo Agostinho.

3.4.3 Sobre as rodas de conversa. Do planejamento à realização: a flexibilidade no trabalho com *grupos*

É interessante destacar que, inicialmente, foram planejadas oficinas para o trabalho *com* o grupo de jovens. Conforme Karla Adrião e autoras (não publicado), a ênfase no 'com' vem

destacar um tipo de trabalho específico, que caracteriza o posicionamento ético-político das/os participantes do processo grupal. Demarca-se um trabalho de fato coletivo, em que todos são vistos como sujeitos de conhecimento, que, a partir do compartilhamento de experiências, refletem sobre o cotidiano, tecendo deslocamentos e posicionamentos alternativos.

Nas oficinas, de acordo com essa modalidade de trabalho com grupos, a dimensão vivencial ganha importante relevo. São utilizadas técnicas corporais e de teatro como facilitadoras de vivências no espaço coletivo do grupo, relacionadas a determinadas temáticas de interesse para o trabalho em um momento específico. Assim, foram pensadas, para cada encontro, técnicas que pudessem facilitar o trabalho sobre sociabilidade, lazer e relação risco-prazer. No entanto, a flexibilidade é uma característica fundamental neste tipo de trabalho, uma vez que se entende o planejamento como algo aberto a alterações, flexível ao que o grupo demanda em determinado momento. Dessa compreensão faz parte o entendimento dos processos grupais a partir de uma lógica de construção de relações mais horizontais no espaço-tempo do grupo, como um posicionamento deliberado, comprometido com o horizonte ético-político da justiça social.

Apesar de reconhecermos uma hierarquia inevitavelmente imposta na relação de pesquisa-intervenção entre quem ocupa os lugares de participante e facilitadora/or – cujas funções são e se mantêm como diferentes, ainda que a/o facilitadora/or possa vir a ocupar a posição de participante (e vice-versa?) – uma das delicadezas do trabalho consiste em, justamente, não produzir desigualdades a partir desses lugares diferentes. Nesse sentido, a fluidez entre tais posições, assim como o trabalho a partir da e com a demanda do grupo, e a flexibilidade do planejamento, colocam-se como elementos importantes no processo de trabalho *com* grupos, como assinalam Julie McCarthy e Karla Galvão (2001).

Nesse sentido foi que os encontros, apesar de planejados como oficinas, aconteceram a partir da modalidade de rodas de conversa. Enquanto uma/um e outra/o participante chegava, aguardávamos conversando e, nestas conversas, os temas de trabalho emergiam de maneira espontânea. Assim, o planejamento de técnicas iniciais, que funcionariam como aquecimento para os trabalhos favorecendo o vivenciar no espaço-tempo do grupo, acabaram não acontecendo, de modo que tal dimensão vivencial, como proposta no planejamento (oficinas), cedeu lugar ao compartilhamento de experiências cotidianas através do diálogo (rodas de conversa) e da construção de cartazes e teatro.

3.4.4 Procedimentos de análise

Para realizar as análises deste trabalho, as três rodas de conversa foram videogravadas e, posteriormente, transcritos os diálogos e descritas as expressões corporais das/os interlocutoras/es julgadas relevantes. De modo indireto, como orientadores para as análises de cada encontro, foram utilizados registros de campo, feitos após cada encontro com foco sobre as principais questões das discussões em grupo, destacando os processos e as relações intragrupais, além das discussões mais mobilizadoras para as/os jovens.

Tomei como referência teórico-analítica a abordagem intra-categorial como meio de "captar" a complexidade da interseccionalidade (NOGUEIRA, 2013). Esta possibilidade metodológica reconhece as diferentes categorias sociais assim como sua relevância para compreendermos as experiências sociais dos sujeitos. As categorias são consideradas em sua importância material e discursiva, entendidas como construções socioculturais, experienciadas, reproduzidas e resistidas na vida cotidiana.

Dessa forma, as categorias identitárias são tomadas de forma crítica quanto ao seu processo de produção, tendo-se em vista a relevância do contexto para serem pensadas, e com o propósito teórico e político de visibilizar a diversidade de experiências dentro de um grupo. No caso deste trabalho, trata-se de considerar, a partir das experiências de (não) uso de bebidas alcoólicas, possíveis diferenças entre jovens moradoras/es de Suape no tocante ao gênero, sexualidade e território, entendendo como aquelas podem formar experiências diferentes de juventude. Busco tecer reflexões sobre os modos e condições em que essas diferenças são experienciadas por sujeitos em campos específicos de relações.

Cabe aqui considerar as dificuldades e os desafios implicados no tipo de análise aqui proposto, tendo em vista justamente a complexidade imbricada na diversidade, além das instabilidades do próprio campo teórico-metodológico. Diante disso, o que trago neste trabalho em termos de discussões da experiência em campo são compreensões possíveis e transitórias, possibilidades de reflexão e problematização dessa experiência que, necessariamente, são contingenciais a mim, nesse momento de me fazer como pesquisadora, além dos aparatos teóricos e metodológicos que me permitiram ver-dizer sobre alguns dos significados atribuídos por jovens habitantes da região Suape ao uso de bebidas alcoólicas.

3.4.5 Aspectos éticos, estéticos e políticos da pesquisa

Inserida no Programa Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape, esta pesquisa não precisou passar pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), embora tivesse que cumprir com as exigências dadas pelo Comitê ao Programa, incluindo seus projetos e ações como um todo. Um exemplo dessas exigências é a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por parte das/os interlocutoras/es e, quando menores de 18 anos, da autorização de um responsável (Anexos A e B, respectivamente). Também a carta de anuência, em que a instituição escolar que sediou a pesquisa declara apoio a sua realização (Apêndice D).

Para além desses aspectos relativos ao que Mary Jane Spink (2000) chamou de uma ética prescritiva, estive preocupada, neste trabalho, como o que seria um contraponto: a ética dialógica. Em outras palavras, trata-se da atenção e reflexão voltadas aos aspectos relacionais da pesquisa, sobretudo às relações da equipe como um todo com as/os jovens interlocutoras/es. Nesse sentido, importam a diferença, tematizada até aqui, e como esta se coloca na relação entre juventudes na situação de pesquisa. No caso, afigura-se imprescindível a questão do poder.

Para pensar esta pesquisa ao longo de seu processo, desde quando era um projeto, passando à fase do trabalho em campo, até esse processo de construir uma narrativa a partir das e com todas as vozes que foram se somando e se multiplicando nesse percurso, trago agora o "eco" de Guatarri (1992) nas palavras de Rocha e Aguiar (2003). A partir do primeiro, as autoras entendem a ética em referência "ao exercício do pensamento que avalia situações e acontecimentos como potencializadores de vida" (ROCHA; AGUIAR, 2003, p.67). Com esse objetivo, de potencializar vida, estivemos – falo aqui como membro da equipe – preocupadas/os com as relações de poder no grupo, entre as/os jovens, bem como entre elas/eles e nós, de modo que as diferenças, inegáveis e inevitáveis que constituíam as relações entre todas/os nós, não se colocassem como desigualdades no sentido de seus efeitos de subordinação.

A partir de uma compreensão do poder como algo que circula, este deveria ser acessível e acessado por todos, nas tessituras de uma microfísica. Em geral, quando nós, equipes e jovens, percebíamos obstáculos e dificuldades nesse processo, buscávamos problematizá-los junto ao grupo. Os lugares de falas e de silêncios, por exemplo, constituíram-se em um indicativo dessas relações no grupo. Por fatores que serão discutidos logo adiante, nas análises, em geral eram as jovens que se mantinham em lugares de silêncio ou de pouca fala, aspecto que buscamos tensionar em vários momentos. Interessante considerar que esses aspectos trazem elementos para a reflexão dos processos que ocorrem no grupo, em termos de relações entre jovens e entre juventudes, além das relações delas/es com a temática em foco em determinado momento de trabalho – no caso deste trabalho, o consumo de álcool, nas suas interdiscursividades com outros

temas, a exemplo do lazer, do trabalho produtivo e do trabalho doméstico, como serão trazidos nas análises.

Além da ética, considero que a estética fez parte do processo de desenvolvimento deste trabalho, entendida como a dimensão da criação, capaz de articular diferentes campos do pensamento, da ação e da sensibilidade (ROCHA; AGUIAR, 2003). O posicionamento teórico de buscar tecer outros discursos sobre a relação jovens-álcool, que reverberou nas escolhas metodológicas, bem como nos posicionamentos e intervenções no grupo, fez parte de um desejo de criação: buscar possibilidades de produção/visibilidade para outras narrativas, além das relativas aos "problemas do álcool" ou ao "jovem-problema".

Por fim, a política: "a responsabilização frente aos efeitos produzidos, ou seja, sobre os sentidos que vão ganhando forma através das ações individuais e coletivas" (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 67). A responsabilidade por um trabalho realizado com um grupo de jovens, sobre jovens e suas experiências relativas ao álcool, bem como as construções possíveis nessas e com essas interlocuções.

4 SOCIABILIDADE, LAZER E CONSUMO DE ÁLCOOL POR JOVENS DE SUAPE

"Não há dados, mas há, ao contrário,
pedaços ou fragmentos de conversas."

Peter Spink

Aqui, proponho-me a "continuar" as conversas que tive junto às/aos interlocutoras/es que participaram das rodas de conversa. Assim, narro fragmentos de experiências já narradas pelas/os jovens e pela equipe de co-facilitadoras/es, junto às perspectivas teórico-metodológicas adotadas neste trabalho, no intuito de "juntar os fragmentos para ampliar as vozes, argumentos e possibilidades presentes" (SPINK, 2003, p. 37) relativos aos significados em torno do consumo de bebidas alcoólicas. Significados estes que são sempre históricos, culturais e relacionais, e, portanto, múltiplos e abertos a ressignificações a partir de experiências vividas, por sua vez, significadas a partir de referentes socioculturais.

Assim, trouxe à análise fragmentos de conversas a partir dos temas que orientaram cada encontro com as/os jovens. Discuto, inicialmente, o consumo de álcool a partir das questões de sociabilidade, trazendo as conversas da primeira roda; em seguida, trago aspectos relativos ao lazer das/os jovens da região Suape, tema da segunda roda de conversa; por fim, trago discursos sobre riscos e prazeres envolvidos no consumo de álcool a partir da percepção das/os jovens, tema das conversas e produções da terceira e última roda.

Ao final das conversas e reflexões desenvolvidas a partir de cada roda, desde uma perspectiva analítica interseccional, procurei destacar os marcadores sociais que mais se sobressaíram para a compreensão do consumo de álcool. Ademais, busquei sintetizar aspectos relacionais do grupo no tocante às discussões das temáticas, como forma de destacar questões relativas à dimensão da pesquisa-intervenção que tiveram relevância para a compreensão do consumo alcoólico e seus significados para as/os jovens.

Afirmo que apesar de trazer, como ponto de partida, os marcadores de território, gênero e posicionamento sexual para pensa-los, de modo articulado, na relação com a geração, outros marcadores se mostraram significativos em alguns momentos para compreendermos modos de beber, e o não beber, e significações atreladas, como foi o caso dos marcadores situação socioeconômica e religião.

4.1 Caracterizando espaços de sociabilidade das/os jovens interlocutoras/es

O objetivo do primeiro encontro foi refletir sobre o consumo de álcool como prática de sociabilidade entre jovens. Para tanto, convidei o grupo a pensar sobre espaços em que circulamos no nosso dia a dia, as pessoas que encontramos bem como o que fazemos em cada um desses espaços. Como forma de aquecimento, utilizamos a técnica adaptada "O que você está fazendo?[18]" (MCCARTHY; GALVÃO, 2001) para falar do que fazemos quando estamos em grupo de amigas/os. Em seguida, produzimos cartazes sobre alguns espaços de sociabilidade por mim elencados de antemão: família, escola, estágio/trabalho, igreja, rua e grupo de amigos (Figura 2). As/Os jovens foram convidadas/os a escrever o que encontram quando estão em cada um desses espaços.

Com relação aos espaços de sociabilidade colocados em questão, a casa, associada ao espaço da família, foi o lugar que as/os jovens mencionaram estar por menos tempo, sendo descrita como um espaço "de passagem" entre tantos outros espaços. Diego afirmou: "*Em casa é o lugar que eu menos tou. Sou vou mais de passagem, assim, entre a escola, a academia e... outros cantos que eu vou.* [...] *Só vou em casa pra tomar banho e comer.*" (sic), com o que o grupo, de modo geral, concordou. Em contraponto à família, a escola, a rua e a igreja foram identificadas como os espaços em que as/os jovens de fato estão, em termos da quantidade de tempo aí dispendida.

A escola foi mencionada por Charlii, Saory e Raiane como espaço onde passam a maior parte do tempo; ao passo em que Taís assinalou a rua e Raquel, por sua vez, indicou a igreja. Diego afirmou estar sempre entre a escola, o estágio/trabalho, a rua e o grupo de amigos. A relação quantitativo-qualitativo parece fazer sentido aqui. Não se trata somente da quantidade de tempo dispendida, mas da qualidade desse tempo: é melhor quando se está em contato com pares.

É interessante perceber como tais espaços assumem diferentes significados e funções para essas/es jovens. Por exemplo, a partir de conversas informais, fora do contexto das rodas de conversa, Raquel já havia falado sobre seus trabalhos em grupos da igreja, onde ocupa lugar de liderança no trabalho com crianças e com o coral. A jovem caracterizou as relações que

[18] Para realização desta técnica, todos ficam em pé em um círculo. Um voluntário começa a fazer mímica de uma atividade que costuma fazer com amigas/os (por exemplo, conversar, jogas bola...). A pessoa que está a sua direita pergunta: "*O que você está fazendo?"*. O voluntário continua fazendo a sua mímica, mas diz estar fazendo outra coisa, por exemplo: "*Eu estou jogando vôlei na praia"*. A pessoa que perguntou começa a fazer a mímica da ação que escutou (neste caso, jogando vôlei na praia). O jogo continua com a pessoa a sua direita perguntando: "*O que você está fazendo?"* (Técnica adaptada).

estabelece nesse espaço como uma espécie de ampliação das relações familiares, tendo aí pai e mãe “adotivos”.

Figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9. Cartazes produzidos sobre a espaços sociabilidade das/os jovens

Também em contextos de conversas informais, foi possível perceber como a escola assume um lugar de importância para Raiane, em seu projeto de vida de acessar o ensino superior. Os estudos têm tomado grande parte do seu tempo, uma vez que a jovem tem se dedicado para obter um bom desempenho na prova do Enem, tendo, inclusive terminado o relacionamento com o namorado por falta de tempo, como ela justificou. De outro modo, a escola parece assumir outros significados para Charlii e Saory, funcionando como espaço de lazer, onde passam parte significativa do seu tempo livre, para além dos horários de aulas curriculares.

Assim, é possível pensar sobre como uma diferença de situação socioeconômica pode marcar diferentes significados e relações com/em espaços de sociabilidade. Para Saory e Charlii estar na escola "*procurando o que fazer*" (sic), fora do horário de atividades curriculares, parece propiciar encontros com amigas/os, brincadeiras, conversas, diversão; ou seja, possibilita relações lúdicas entre pares sem que isso implique, necessariamente, um custo financeiro, como seria necessário em outras formas de uso do tempo livre – como idas a *shopping centers* e outros espaços privados, tais como restaurantes e lanchonetes.

É importante destacar que não se trata simplesmente do custo financeiro propriamente dito, mas do que a própria situação socioeconômica permite ou limita em termos de acesso, não só pela falta ou carência do recurso em si, mas – talvez principalmente – pelos fatores simbólicos envolvidos. Como trabalhou Marcia Longhi (2008), códigos de reconhecimento de classe social são construídos coletivamente a partir de referenciais hegemônicos de uma macroestrutura social, a exemplos de marcas corporais, tais como vestimentas. Estes signos, uma vez lidos a partir de tais códigos, assumem efeitos subjetivantes – ainda que não em um lógica de causa-consequência, ou efeito absoluto e necessário – visto que posicionam sujeitos a partir de referenciais de consideração ou desconsideração, que podem consistir por sua vez, respectivamente, em referências positivadas ou negativadas de si.

No caso de Saory e Charlii, era possível identificar alguns signos corporais que, na relação com as/os demais interlocuroras/es nas rodas de conversa, convertiam-se em marcas de diferença socioeconômica: ausência de banho após o turno de aulas, forte cheiro de suor e o uso de roupas repetidas ao longo dos encontros, além da linguagem utilizada – vocabulário menos vasto, dificuldade com a pronúncia de algumas palavras e com a linguagem escrita. Essas marcas, por si, já podem, em determinados contextos de relação, posicionar sujeitos em lugares específicos quanto ao que (não) podem, marcando-os a partir do preconceito e da discriminação.

A própria circulação das pessoas nos espaços da cidade muito frequentemente pode estar relacionada a signos lidos mediante referentes socioeconômicos, delimitando "quem acessa o que", uma vez que o território é também organizado a partir de (des)considerações e (des)legitimações. Nesse sentido, Marcia Longhi (2008) afirma que, muitas vezes, é pelo reconhecimento local – construído nas relações interpessoais a partir de códigos locais, que não aqueles hegemônicos, referentes a um grupo ou comunidade específicos – que se torna possível a construção de identidades/referências de si positivadas. O espaço da escola caracterizado para a jovem e o jovem como um importante referente para as atividades desenvolvidas e relações estabelecidas, sugerem, portanto, uma restrição na sua circulação por outros espaços da cidade.

Quanto aos espaços que mais gostam de estar, foram mencionados: o grupo de amigos, por Taís, Diego e Saory; a escola, por Charlii; e, a igreja por Raiane e Raquel. Mais uma vez, é interessante observar a não referência à família como um lugar onde sentem prazer em estar. Parece que não mais a família, mas outros contextos de relação ganham relevância enquanto espaços de sociabilidade para essas/es jovens, espaços onde lhes é possível entrar em contato com outras referências para além das familiares.

Quando perguntadas/os sobre outros espaços que gostariam de ter (mais) acesso ou conhecer, Saory afirmou que gostaria de sair do país, com o que Charlii e Diego concordaram. O primeiro falou do seu desejo de ser empresário e viajar, reavaliando o que havia dito sobre a vontade de sair do país: "*Acho que eu não queria sair daqui não, porque minha vida tá aqui e sair daqui seria...*" (sic). Saory também repensou: "*Você pode rodar o mundo todinho, mas você vai sempre voltar pra o mesmo lugar*" (sic).

Diego disse que queria ir pra Ibiza, por causa das festas. Ele ficou tímido, rindo bastante, quando tentamos saber o que tem nessas festas que as torna especiais. Ele disse que é porque "*é massa lá*" (sic); e é massa porque "[as festas] *são boas, agitadas*" (sic). Sobre isso, Raissa perguntou: "*O que é que rola na festa boa e agitada*?" (sic). Taís respondeu: "*O povo fica tudo dançando.*" (sic). Diego continuou: "*Não toca brega*" (sic). Charliii completou com os elementos que haveria em uma festa boa: "*Beijo na boca, muito sarro*" (sic). Raissa continuou perguntando: "*Beijo na boca. Isso é sinal de festa boa?*" (sic). Eu perguntei ao grupo: "*Muito sarro. Vocês estão concordando?*" (sic). Charlii explicou que sarro não era uma comida.

Todos riram bastante, parecendo envergonhadas/os. Raissa comentou: "*Vocês acham que a gente não sabe o que é sarrar, não, é*?! (sic). E continuou perguntando: "*O que mais que tem nas festas de Ibiza*"? Charliie respondeu, sintetizando: "*Sarro já diz tudo*" (sic). Destaco como o discurso relativo à sexualidade foi trazido ao grupo: por homens, de forma tímida, parecendo ser falado em entrelinhas, provocando sempre risos nas/os participantes. O grupo não conseguiu explicar o que era o sarro. Mesmo os jovens, que trouxeram esse assunto, estavam resistentes em entrar em detalhes.

O desejo de sair do país parece se colocar como um sonho. Além do desejo de conhecer e estar em contato com outro país, outras pessoas, outras culturas, esse "estar fora do país" pode comunicar também um desejo de poder estar longe – quanto a uma distância física dos espaços onde habitam – distância que poderia simbolizar sair dos "olhos vigilantes" das figuras adultas de referência, da vigilância da comunidade. A referência à Ibiza como o ideal de "festa boa" marcado pela dimensão da sexualidade, ou ainda, por uma maior liberdade em vivenciar a

sexualidade faz um contraponto com a timidez e a estratégia de falar nas entrelinhas sobre esse assunto, o que aponta para o desejo de maior liberdade, ou de uma sensação de estar mais livre para viver desejos e prazeres do corpo. Talvez as/os jovens informem aquilo que nossa sociedade fez com o desejo e o prazer: eles só podem ser vividos na clandestinidade. Há outras dimensões da sexualidade que podem ser vivenciadas aos olhos de todos, como o casamento e a reprodução, mas o prazer e o desejo, não!

4.2 Espaços de consumo de bebidas alcoólicas

Na conversa sobre os cartazes referentes aos diferentes espaços de sociabilidade elencados, as bebidas emergiram na discussão referente à rua, associada a brigas. Saory disse: "*Na minha rua é o que mais tem, é briga de bebo*" (sic). Ela disse que já tiveram ocasiões em que as pessoas usaram paralelepípedo e casco de cerveja para brigar. Segundo afirmou, "*o povo gosta de fazer barraco na rua e começa a gritar*" (sic). Contou ainda um episódio em que um vizinho foi assassinado em um contexto de consumo, em decorrência de brigas.

O grupo concordou com que disseram encontrar no espaço da rua: "falsidade, brigas, dança, bebida, música, Parque do Eucalipto, briga de bebo". Charliie logo comentou, referindo-se ao que poderia ser entendido como uma vigilância, característica do espaço da rua: *"... é o mais que rola isso na rua, né? Mesmo nem todas as pessoas querendo... nem todas as pessoas que você fala. Você dá um oi, você é criticado*" (sic).

Perguntei ao grupo "onde tem bebida na rua?", e me responderam "*bares*" (sic). Sobre isso, Charliie comentou: "*Lá onde eu moro tem uns dez bares na mesma rua*" (sic). Saory continuou: "*Tem uma tal de Jurubeba...*" (sic), dando um exemplo de bebida. Taís também exemplificou sorrindo: "*Capetinha...*" (sic). Perguntei: "*Vocês frequentam esses lugares onde a bebida tá?*" (sic). Charlii respondeu: "*Eu não. Eu só frequento porque minha mãe manda eu comprar cigarro*" (sic). Saory concordou: "*É. Cigarro, cerveja, aí depois manda pra... caipirinha...*" (sic). Comentei: "*Então, a bebida tá na família também?*" (sic). O grupo concordou.

Observa-se que esses bares, situados nas redondezas de onde moram, não são lugares onde essas/esses jovens costumam fazer uso de bebidas; ao contrário, associaram-nos aos "baianos", como são chamados, comumente, os homens que vêm de outros estados brasileiros para trabalhar em indústrias terceirizadas de construção civil no complexo industrial. Os contatos das/os jovens com esses ambientes se dão de maneira pontual, quando vão comprar

álcool – em geral cerveja ou caipirinha – e/ou cigarros de tabaco a pedido de parentes para consumo na família. Dessa maneira, o acesso das/os jovens a substâncias psicoativas, como as citadas, é de alguma maneira mediado pela própria família, naqueles grupos em que o consumo é realizado, nesse mesmo contexto, por pessoas adultas, podendo a/o jovem, mesmo menor de 18 anos, ser o elo entre o bar e a casa.

Ora incentivado pela família, ora desautorizado pelo bar, e vice-versa, as/os jovens são socialmente desautorizadas/os a decidir sobre o próprio consumo. Ao mesmo tempo que em certos contextos é tido como proibido, a partir, por exemplo, do discurso legal que estabelece a maior idade como marco etário de regulação do consumo (BRASIL, 1990; BRASIL, 2007), é também incentivado, desde a família – entendendo-se aqui a influência de familiares adultos – passando pela mídia, até os próprios pares.

Na família, a bebida foi associada à festa e à reunião de família, mas também a brigas. Taís disse achar pior a bebida no espaço da casa do que no espaço da rua, justamente por achar que as brigas são piores na família. Raquel disse, com semblante sério, que em sua casa não tem bebida. Afirmou que tinha antes, quando o seu pai não era evangélico, mas que agora toda a família é evangélica e, por isso, não tem mais. Perguntei ao grupo: "*Então, a gente tá falando sempre de bebida e briga, né? Quando tem bebida também tem briga, necessariamente?*" (sic). Taís respondeu: "*Na maioria das vezes sim.*" (sic). Charlii concordou e contou um episódio que aconteceu na semana anterior, no qual um rapaz olhou para outro e falou algo que este não gostou, motivo pelo qual deu uma garrafada no primeiro, abrindo-lhe a cabeça. A associação álcool-violência – esta entendida de forma ampliada, desde discussões, até agressões verbais e físicas, podendo chegar à morte – tem marcado um certo discurso em torno das bebidas alcoólicas, sobretudo no campo da saúde e da religião.

No campo religioso cristão, a abstinência é colocada como preservação do espírito diante dos potenciais "pecados da carne". Refletindo sobre o uso de álcool a partir do que Felipe Rios et al. (2008) chamou de "cuidados com a carne", é possível pensar a prática de consumo etílico no bojo das "tentações da carne/erótico". Operando a partir das razões transcendentais do risco, da prevenção e da responsabilidade, orientadas segundo o objetivo da salvação de si, o espaço religioso atua como instância disciplinar orientando a construção de sujeitos e determinados usos possíveis de seus corpos – em distinção às alterações dos estados de consciência derivados do consumo de álcool. Assim, o espaço de algumas religiões, sobremaneira as cristãs-evangélicas, tem se constituído como um não-lugar para o álcool, por seus efeitos fisiológicos de alteração do estado de consciência das pessoas, sob uma diminuição

da censura – as quais precisariam estar em constante estado de alerta como forma de evitar práticas, ou mesmo pensamentos, pecaminosas/os.

Diego compartilhou com o grupo uma situação potencialmente perigosa, a qual poderia ter tido consequências problemáticas em decorrência do consumo de bebidas. Ele contou que na última sexta feira, havia ocorrido um evento em sua escola:

> *Depois que largou do colégio, o pessoal juntou, fez uma cotinha e comprou umas bebidas. Aí tava eu e um colega meu; a gente bebendo, bebendo, bebendo; e eu, 'rapaz, vai devagar'. Aí, quando foi, deu onze horas, ele tava bêbado, e outro colega também. Aí, foi ele e a amiga dele, que não bebeu, pra casa; e eu fui levando o outro. Só que o outro dava em cima de toda mulher que passava* (risos do grupo). *Aí, a gente passou numa rua perto da casa dele, aí tinha um cara se pegando com uma mulher, lá, agarrado, abraçado. Aí ele: 'Boa noite, princesa!' Aí, o cara olhou pra ele assim... Aí, ele falou que o amigo tava bêbado* (sic).

Charliie comentou: "*Se fosse aqui* [referindo-se à Cidade do Cabo em distinção à Nossa Senhora do Ó (Ipojuca)], *poderia ter morrido*" (sic). Saory confirmou. Charlii continuou: "*Porque, na moral...*" (sic), e continuou contando uma situação em que um homem tinha dado em cima de uma mulher (talvez acompanhada), e outro rapaz (que não o companheiro daquela) teria intervindo, dizendo-lhe "*Respeita a mulher*". Isso gerou uma briga com garrafada entre esses dois homens. O grupo associou esses episódios de violência ao fato, segundo afirmaram, das pessoas ficarem mais agitadas quando fazem uso de álcool.

Nesse caso, o marcador gênero se coloca como a afirmação da masculinidade na relação com outros homens via mulheres. Como afirmam Valeska Zanello e Tatiana Gomes (2010), a partir de Rogério Azize e Emanuelle S. Araújo (2003),

> A construção da masculinidade vai muito além do fato de se ter nascido homem ou não; o que conta é a 'excelência de desempenho'. Essa excelência de desempenho esperada de todo 'homem de verdade' possui ainda uma especificidade: não se trata apenas de atingir um padrão viril assumido como dominante, mas de parecer, transparecer, falar, demonstrar esta situação (AZIZE; ARAÚJO, 2003 apud ZANELLO; GOMES, 2010, p. 271).

Assim, "dar encima" de mulheres seria uma forma possível de transparecer e demonstrar virilidade, esta culturalmente associada como um valor à masculinidade. Nesse caso, talvez, coubesse a seguinte indagação: será que o "dar encima", quando realizado mesmo quando a mulher está acompanhada por outro homem, poderia ser significado a partir de uma intensificação desse sentido de virilidade e, portanto, de masculinidade? Posso intuir que, em alguma medida, essa indagação possa fazer sentido, tendo em vista que, nesse caso, a atitude de dar encima se efetiva a despeito do que poderia ser entendido como um temor em relação ao companheiro da mulher – já que "homem de verdade" não poderia/deveria sentir medo.

Saory caracterizou o beber em alguns espaços. Na família, segundo ela, "*o povo conversa, vão contar as coisas de quando você era pequeno...*" (sic); já na rua, "*botam um brega, chega uma doida com dor de corno*" (sic). Sobre isso, Diego comentou das mudanças de ritmos musicais que ele tem observado nas festas de rua em Nossa Senhora do Ó (Ipojuca). Segundo ele, "*agora é eletrônico, pop, internacional, rap*" (sic) e não mais brega, como de costume. Essas mudanças de ritmos e estilos musicais podem ser pensadas a partir das mudanças vivenciadas pela região Suape. Em um processo de desenvolvimento econômico, influências da cultura/estilo pop internacional – marcadas por/como um signo de classe média – atingem de modo mais disseminado territórios onde antes não eram tão expressivas, provocando mudanças nas culturas locais. Esses novos elementos passam a conviver com elementos da cultura regional, a exemplo do brega, que tem significativa relevância em termos de cultura de massa local, tomando-se como referência a Região Metropolitana de Recife.

Dessa maneira, cenários de sociabilidade, a exemplo daqueles em que o álcool ocupa lugar, são vivenciados a partir de elementos híbridos, entre o global e o local, delineando novas formas de experimentação da cidade. Esses elementos estrangeiros que se disseminam contribuem para compor imagens da 'região em crescimento', 'região industrial', em que padrões de consumo da classe média se colocam como modos de vida ideais, marcando a relação das pessoas com a cidade. Sobre isso, Diego comentou ainda que "*no Ó* [referindo-se à Nossa Senhora do Ó] *tinha mais bar, mas agora acabou. Tem mais restaurantes e pizzarias... É difícil ver um bar, que é só pra bebida*" (sic), caracterizando algumas mudanças nas possibilidades de lazer na cidade – mudanças estas que podem indicar maiores custos implicados no acesso a esses espaços. Afirmou, no entanto, que existem muitos depósitos de bebidas, onde, muitas vezes, vai com amigos comprá-las.

Bares, em geral, foram espaços apontados pelo grupo como pouco, no caso dos meninos, ou não frequentado, no caso da maioria das meninas. Taís afirmou não gostar de bares porque, segundo ela, "*o ambiente é pesado*" (sic), e explicou referindo-se ao estilo de músicas que se costuma ouvir nesses espaços, coom Pablo do Arrocha. Charlii mencionou que não podia levar sua namorada a esses lugares: "*Como é que eu vou levar minha namorada pra um lugar que só tem macho?!*" (sic). Tentando contextualizar a fala do seu irmão, Saory disse que "*os homens dão em cima no bar*" (sic). Diego, por sua vez, explicou que "*às vezes dá muita briga por causa disso*" (sic). Charlii compartilhou com o grupo uma situação em que estava à noite com um grupo de amigos e foram para um bar, onde estava tocando a banda Polentinha do Arrocha. Já era próximo da meia noite, quando chegaram ao local, mas decidiram não entrar. Ele justificou

essa decisão dizendo que um dos seus amigos já estava bêbado, e que acharam melhor permanecer do lado de fora, porque os "baianos" já estariam bêbados lá dentro, e, caso entrassem, eles "levariam um pau", como afirmou, e voltariam para casa.

Esses elementos sugerem uma significação negativa dos bares, enquanto (im)possibilidade de espaço de encontro para a diversão e o congraçamento, por uma associação às ideias do risco-perigo e da violência. Estas, por sua vez, parecem se personificar na figura do "baiano", aquele "estrangeiro", marcado pelo rótulo do "folgado", ou seja, aquele que não respeita o espaço alheio, impondo, neste último, suas próprias regras, valores e modos de vida. Isso parece se estender à figura da mulher no espaço do bar, e em espaços públicos de maneira geral, encarada como objeto alvo de investimentos dos homens.

Julgo interessante perceber que esse tipo de situação – o investimento/assédio de "baianos" às mulheres – tem provocado incômodos quando estas estão acompanhadas, pois seus companheiros se sentem desrespeitados diante das investidas. Antes de uma questão compreendida como desrespeito às mulheres, parece se tratar de uma disputa entre homens, as quais têm tomado formas de violências na região. Assim, os bares têm sido significados, em alguma medida, como "lugares de baianos". Na situação contada por Charlii, o movimento de evitar contato direto com essas pessoas/espaços pareceu se configurar como forma de reduzir danos associados ao beber, movimento este orientado por estigmas construídos em torno da figura do baiano como *outsider*.

Pontuo, aqui, que a violência associada pelas/os jovens ao álcool é vista na relação dos *outros*, inclusive os "baianos", com a bebida, em oposição ao *nós*, onde parece predominar significados relacionados ao prazer e à diversão. Estabelece-se uma diferença entre *nós*, que temos um vínculo de amizade, e os *outros*. A lógica das relações de intimidade, portanto, vai dizer de diferenças percebidas na possibilidade de lidar com a bebida, e assim, quanto a seus efeitos: quando se está entre amigos, visualiza-se a relação bebida-prazer; quando são outros, vê-se a relação bebida-violência.

Quanto a estar em outros espaços citados como alternativas aos bares, como pizzarias e restaurantes, Saory disse que não vai para pizzaria "*porque a galera não respeita o lugar*" (sic), exemplificando com uma situação em que seu grupo de amigas/os fiz uma "competição de arroto". Perguntei se bebem quando vão à pizzaria, ao que ela respondeu dizendo que no dia da competição não beberam, caracterizando o fato de não terem bebido como um ato de respeito ao espaço. Perguntei ao grupo como percebiam a relação entre beber e desrespeitar. Saory disse: "*É porque* ***o grupo da gente já é estranho***" (sic). Charliie falou que o ambiente era **"*de família*"**

(sic), e que aquele grupo, ao qual sua irmã se referia, **não tinha educação**. Saory concordou, dizendo que o grupo falava muito alto, falava muita besteira, muito palavrão. Como afirmou, "***é tudo misturado... É tudo misturado... Acho que o único que se sai de hétero é esse daí*** [referindo-se ao seu irmão]" (sic).

A estranheza e a mistura às quais Saory se referiu dizem respeito à orientação sexual da maior parte das pessoas do grupo, que não se coaduna à norma heterossexual. Os signos do "estranho" e do "misturado" marcam a diferença nos corpos dessas pessoas, a qual é lida contextualmente. Em um ambiente marcado por uma referência heteronormativa, seriam pessoas "estranhas" porque estariam em corpos "misturados", quer dizer em corpos nos quais a norma heterossexual compulsória não se efetiva. A caracterização, feita por Charlii, do ambiente como sendo "de família" sugere a existência de determinadas regras quanto ao modo de ali estar, às quais o grupo parecia, segundo seu julgamento, não atender justamente por questionar o padrão hegemônico heterossexual. Talvez, não pudessem atender a tais regras nem nesse momento, nem mesmo em perspectiva, uma vez que não se concebem pessoas homossexuais como podendo construir sua própria família.

Para mim é possível pensar que tais signos, utilizados por Saory para falar desse grupo, remetem a experiências de si e das/os suas/seus integrantes, funcionando como marca identificatória do grupo e, portanto, dos sujeitos que o compõem. Marcam-se experiências de sujeitos que vão na contramão do que Judith Bulter (2003, p.38) chamou de gêneros "inteligíveis": "aqueles que instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo", compondo um ideal normativo segundo o estabelecimento de uma ordem compulsória entre esses elementos.

Ir na contramão desse ideal normativo implica, em alguma medida, *estar fora* das normas de inteligibilidade da pessoa. A tríade sexo-gênero-desejo, questionada em sua linearidade por sujeitos que a vivenciam em suas múltiplas possibilidades de arranjo, produz o que Butler (2003) chamou de *sujeitos abjetos*: aqueles que *estão fora* de uma ordem estabelecida entre "masculino" e "feminino", a quem, portanto, cabe-lhes um *não lugar*.

Em aproximação a isso, Charlii falou sobre um episódio em que uma menina desse grupo, "*que é sapatão e se veste como homem*" (sic), foi para o banheiro feminino e o segurança da pizzaria não a deixou entrar por causa de sua aparência física, ou seja, por elementos relativos a sua performance de gênero. Essa marca de diferença parece ser significada, segundo o discurso trazido por Saory, a partir do que seria um desrespeito ao outro e, como forma de evita-

lo, do cerceamento de corpos em espaços da cidade, como indica sua fala inicial, quando afirma não ir – ou, como pude compreender, evitar ir – à pizzaria.

Além dos marcadores de gênero e posicionamento sexual como diferença e desigualdade de acesso à cidade, é possível pensar também em uma marcação socioeconômica como distinção desse grupo nesse ambiente a partir da caracterização de comportamentos que seriam inadequados às regras de etiqueta esperadas para esse lugar, as quais podem ser associadas à classe média. Assim, "falar alto", "falar palavrão" e "arrotar" podem ser lidos como marcas de uma "má educação", distinguindo os sujeitos em termos de um marcador de situação socioeconômica.

Ademais, os marcadores de gênero e posicionamento sexual delineiam algumas impossibilidades de circulação pela cidade assim como em seus espaços de lazer, bem como a construção de estratégias para lidar com aquelas, como é possível perceber em movimentos possíveis de deslocamentos intermunicipais. Segundo Saory e Charlii, aos finais de semana vão com amigas/os para o Marco Zero e o Parque Dona Lindu, áreas públicas de lazer localizadas, respectivamente, no centro e na zona sul de Recife, fazendo frequentemente o movimento de migração Cabo-Recife-Cabo. Segundo afirmou Charlii, "*lá é bom, que é tudo liberado. É bom demais lá.* [...] *Isso é bom,* ***sobre homofobia lá, é tudo liberado***" (sic). Além disso, disseram encontrar nesses lugares culturas diferentes, que não conheciam antes.

Sobre a escola como espaço de consumo de bebidas, Diego se referiu a uma situação em que ele e amigas/os beberam na sexta feira anterior ao dia da roda de conversa. Tratava-se de uma situação de uma feira de conhecimentos, cujo tema era a copa do mundo. Um grupo de estudantes, que falou sobre a cultura do Brasil, fez caipirinha para demonstração ao público. É interessante perceber como a bebida entrou no contexto escolar pela via formal do currículo, a partir da proposta de se trabalhar a cultura brasileira em um contexto específico de Copa do Mundo[19].

De acordo com Diego, a entrada da bebida no espaço escolar foi permitida exclusivamente para demonstrar ao público o processo de preparo da caipirinha, devendo ser descartada logo em seguida. Esse processo de preparo e descarte da bebida deveria se repetir ao longo do evento, já que o intuito era demonstrar/ensinar como fazê-la. No entanto, o grupo

[19] As rodas de conversa aconteceram no início do mês de junho, nos dias 03, 05 e 09 de junho, período em que se dava início às atividades do evento no Brasil. Convém lembrar que Recife foi uma cidade que sediou jogos da primeira fase da competição, de modo que o estado de Pernambuco recebeu turistas de diferentes localidades do mundo, tendo, portanto, vivenciado a competição esportiva de maneira bastante intensa.

não seguiu a indicação de descartar, tendo, ao contrário, consumido a bebida, o que não chegou aos olhos e ouvidos da gestão da escola.

A caipirinha – bebida composta pela mistura da cachaça com suco de limão e gelo– é reconhecida no cenário internacional como "a bebida brasileira" justamente por sua base alcoólica: a cachaça. Esta última consiste em importante elemento da cultura do nosso país, sobretudo para a região nordeste e o estado de Pernambuco, marcados por uma história econômica de cultivo de cana de açúcar. A própria região Suape se caracteriza ainda como uma região de engenhos de cultivo de cana.

Interessante perceber que, ao que parece, a bebida não foi, em si, questão para a gestão da escola, tendo sua entrada permitida no espaço institucional. Problemático seria *as/os estudantes fazerem uso* daquela, o que deveria ser evitado e o que justificou a ordem do descarte logo após o preparo. Nesse caso, o "problema" estaria do lado do jovem, que (menor de 18 anos) não saberia ou não poderia fazer um uso "adequado" do álcool.

Ainda sobre lugares onde se bebe, Taís relacionou uma maior quantidade de ingestão de álcool a contextos de festas e shows, associando-os à diversão. Já Diego disse que as ocasiões em que mais bebia era em grupo de amigos/as, quando se juntavam, faziam uma cotinha[20] para comprar bebida e, em seguida, dirigiam-se para a casa de algum/a deles/as: "*Aí compra e leva pra casa de alguém... geralmente quando a mãe não tá em casa*" (sic). Charlii associou a ausência da(s) pessoa(s) de autoridade, em geral a mãe e/ou o pai, ao fato de não gostar(em) de muita gente nas suas casas, além do barulho do som ligado em altos volumes. Questionei se essa ausência seria por causa da quantidade de pessoas, do volume alto do som ou por causa das bebidas. Charlii disse ser por conta de tudo isso. Além disso, a praça também consiste em uma possibilidade de lugar para beber. Segundo Diego, às vezes ele e as/os amigas/os se juntam e levam o violão, onde permanecem reunidos fazendo uso de bebidas alcoólicas.

O marcador geracional parece caracterizar de modo específico a prática de beber no contexto familiar, em que a hierarquia adultos-jovens torna legítimos os exercícios de controle dos primeiros sobre os últimos, sob a forma de oferecimento de conselhos e ensinamentos mais diretos e formais sobre como beber. De modo contrário, beber com as/os amigas/os parece ser

[20] Termo êmico que se refere ao rateio dos custos para a aquisição de algo, nesse caso, as bebidas alcoólicas. As/Os jovens dão, cada uma/um, uma quantia em dinheiro que, somadas, aumentam seu poder de compra, possibilitando o acesso a mais bebidas e/ou bebidas mais caras. As quantias ofertadas por cada pessoa podem variar a depender dos acordos entre o grupo: o valor da compra pode ser dividido igualmente para todas/os, assim como também, por exemplo, cada uma/um dá somente o valor que lhe é possível.

uma experiência vivida segundo uma maior sensação de liberdade. Essa prática quando realizada em grupo de pares pode possibilitar às/aos jovens experimentarem-se em outras posições, que não sob a lei ou as regulações dos adultos. Pode tratar-se de uma oportunidade para estabelecer e viver suas próprias regras, experimentando seus próprios limites e modos de estar sob efeito do álcool.

4.3 Motivações para beber

Em determinado momento da discussão, fiz uma intervenção no grupo com o objetivo de mostrar às/aos jovens que apesar de estarem falando bastante sobre problemas relacionados ao beber, também colocaram, no cartaz, outros elementos relacionados à rua e às bebidas: "*Vê, então, vocês falaram de alguns problemas relacionados às bebidas, não foi? Brigas, morte, problema de saúde... Vocês falaram de coisas negativas. Mas, vocês também disseram que a bebida tá junto de... música, dança...*" (sic). Charlii disse que quando bebe é quando se solta, referindo-se a se sentir mais à vontade para dançar: "*Quando bebe aí* ***se solta e dança mais***" (sic). Além disso, falou sobre a **coragem** advinda do consumo do álcool, contando um episódio em que bebeu e se declarou para uma menina. Segundo ele,

> *é porque a bebida* ***altera a adrenalina*** *da gente... que a gente, quando bebe, fala coisas que a gente nunca fala. Eu gostava de uma menina lá na rua. Ela sabe. Aí, eu afim dela, nunca... Tinha medo de falar pra ela, porque tinha medo de tomar um toco, de falar pa pirraia. Aí eu bebi, bebi, bebi, bebi, bebi... Aí, eu cheguei lá, comecei a falar, falar, falar, falar, falar, falar... Aí, o cara* [referindo-se a um amigo que estava nessa cena] *veio: 'Ei bicho,* ***tu falasse tanta coisa que tu bom, tu não fala****'* (sic).

Em seguida, Charlii continuou explicando esse episódio, dizendo que não bebeu com o propósito de criar coragem para se declarar; mas, simplesmente porque quis beber: "*Só que a adrenalina tava tão alta, que eu tomei uma decisão rapidamente. Tipo, já que eu tava* ***liberal****, eu olhei assim... Oxe, meu irmão,* ***eu vou agora****, e pá.*" (sic).

É interessante perceber como, muitas vezes, os motivos para o consumo de bebidas alcoólicas parecem se confundir com seus próprios efeitos. Ambas as situações trazidas por Charlii fazem referência à ideia de liberdade: sentir-se livre para dançar; falar do que se sente em termos de desejo e atração sexual sem censura. O álcool parece mediar essa sensação de liberdade, podendo ter efeitos de desinibição, possibilitando condições facilitadas para a paquera. A dimensão do quanto se bebe parece ser proporcional à dificuldade da situação, sendo preciso ingerir tanto álcool quanto for necessário para vencer a barreira da inibição, que, por sua vez, pode variar de acordo com a situação e as pessoas envolvidas nesta. Essa compreensão

é sugerida a partir das repetições que o jovem traz no seu discurso, em uma espécie proporcional de causa e efeito entre o beber e o falar: "[...] *Aí eu bebi, bebi, bebi, bebi, bebi... Aí, eu cheguei lá, comecei a falar, falar, falar, falar, falar, falar...*" (sic).

Outra questão trazida também por Charlii foi a ideia de beber para aproveitar a vida, a qual passa de maneira rápida. Segundo ele, "*a gente tem que* ***aproveitar a vida hoje****, porque cada segundo... que passa, se a gente não aproveitar, quando a gente perder, aí vai dizer 'cadê aquele tempo, cadê aquele minuto que a gente perdeu?'*" (sic). O discurso que marca a efemeridade da vida a partir de uma valorização do momento presente acaba por caracterizar a juventude a partir da autorização e legitimação da diversão, com uma espécie de "instinto do instante" (PAIS, 2003) sob a ideia de aproveitar cada instante para não se arrepender do que não fez. Assim, a busca pelo prazer como forma de "aproveitar a vida" estabelece um modo ideal de passar o tempo. As bebidas alcoólicas, para aquelas pessoas que bebem, parecem entrar nesse campo de formas prazerosas de passar o tempo aproveitando a vida.

Quando perguntei se os motivos de beber eram iguais ou diferentes para meninos e meninas, Diego falou da "zoeira" e da "diversão" como motivações para ambos. Charlii falou da **"paquera"**. Taís, por sua vez, relacionou a **"diversão"** mais às meninas. Saory disse que estas últimas se reúnem para **conversar** sobre como estão, aí vão para o shopping ou para um barzinho, concluindo que acha que as meninas bebem mais quando vão a shows.

Ainda que não tenham sido colocadas de maneira tão explícita, perece haver algumas distinções entre os motivos que levam as e os jovens a fazerem uso de bebidas alcoólicas. Quando Charlii falou da paquera – aqui e no exemplo citado anteriormente – pareceu ficar implícita uma relação ao lugar de atividade, culturalmente associado aos homens: bebe-se para suspender situacionalmente a timidez, e assumir o lugar de quem investe e conquista no jogo da paquera. Ao contrário, as mulheres não precisam beber para serem alvos de paquera, uma vez que já estão culturalmente posicionadas no lugar de quem recebe investimentos afetivo-sexuais do outro, de modo que o consumo de álcool, em princípio, não se coloca como condição favorecedora de ser, ou não, paquerada. Interessante observar que elas bebem quando são deixadas, bebem pela perda de um amor.

O grupo, por várias vezes, falou que o (não) beber não consiste em um elemento orientador das relações de amizades, uma vez que pessoas que bebem podem ser amigas de pessoas que não bebem, e desenvolverem atividades, inclusive de lazer, juntas. No entanto, em alguns momentos, as bebidas se colocaram como elemento significativo para pensar o pertencimento ao grupo de amigos. Sobre isso, Saory compartilhou uma situação de jogo de

“Verdade ou consequência” entre amigas/os, caracterizando as regras deste como importante elemento para pensar a participação, ou não, das/os integrantes, uma vez que beber era uma das regras à qual era preciso aderir para participar.

De modo a contextualizar, trata-se de um jogo utilizado desde crianças até jovens e adultos, em que um dos objetivos é conhecer a intimidade das/os participantes. Funciona da seguinte maneira: as pessoas se sentam em círculo e existe um objeto ao meio, comumente uma garrafa (Figura 10). Uma extremidade deste objeto representa “verdade” e a outra, “consequência”. Gira-se este objeto e, quando este para, a pessoa para a qual aponta a extremidade do objeto que representa a “verdade” deve perguntar para a outra pessoa à qual aponta a extremidade oposta do objeto, a que representa a “consequência”. Esta segunda pessoa deverá responder à pergunta ou, em caso de optar pela consequência, realizar a ação que a primeira lhe disser.

As regras, a exemplo do que pode ser perguntado, bem como do que vale como “consequência”, são estabelecidas por cada grupo, a partir dos interesses e dos limites construídos e negociados coletivamente. Charlii explicou como a brincadeira funcionava, segundo as regras desse grupo: “***Pra entrar no grupo*** *tem que participar de todas as brincadeiras, tanto mulher quanto homem. Se der consequência, ah,* ***tem que*** *beijar ela, ou ela tem que beijar ele, ou ela* ***tem que*** *beber.* ***Se eles não quererem, pega uma dose****, entendeu?*” (sic). Saory, por sua vez, explicou sobre o conteúdo dessa brincadeira: “A*s pergunta* ***é bem safada***” (sic), com o que Charlii concordou: “***É bem escrota!***” (sic).

Como é de costume nesse jogo, os conteúdos abordados, em geral, são de ordem íntima e de teor sexual, a que remetem os adjetivos “safada” e “escrota”. É interessante perceber o caráter inflexível ou irrevogável das regras do jogo, que, uma vez aceitas pelas/os participantes, precisam ser executadas, sobretudo aquelas relativas às consequências. Estas últimas, talvez, os momentos de maior clímax do jogo, uma vez que as/os participantes precisam agir, ou seja, “fazer coisas”, em geral de cunho sexual.

Comumente álcool parece entrar na brincadeira, às vezes antes mesmo desta iniciar de fato. A garrafa (vazia), geralmente utilizada como objeto giratório no jogo de “Verdade ou consequência”, não raramente consistiu/consiste em alguma bebida alcoólica consumida pelo grupo em um momento prévio ou no momento mesmo do jogo. Ademais, o consumo alcoólico pode perpassar a brincadeira, assim como estar presente em alguma forma de “consequência” solicitada. No caso dos acordos firmados no exemplo trazido por Saory e Charlii, há a possibilidade da/o participante escapar tanto à resposta, quanto à ação, desde que tome uma

dose da bebida que estabeleceram como espécie de “prenda”; ou seja, o que a/o participante precisa fazer como forma de continuar no jogo, ainda que optando por se eximir das possibilidades de “verdade” e “consequência”.

Figura 10: Imagem ilustrativa de jogo “Verdade ou consequência”, retirada da Internet[21].

Uma vez integrando as regras do jogo, a bebida alcoólica se coloca, de alguma maneira, como imposição às/aos participantes, delimitando, dessa maneira, quem participa da brincadeira e, portanto, do grupo que se forma para tal. Desse modo, não participam da brincadeira somente as pessoas que já costumam fazer uso de álcool. Participa quem está disposta/o a beber naquela ocasião, independentemente se tem, ou não, esse tipo de prática previamente. Este é, portanto, um fator situacional que pode orientar a participação no jogo; entretanto, outros tantos são igualmente possíveis, tais como: o interesse na paquera; em obter informações de ordem afetivo-sexual sobre outras pessoas; poder pagar uma “consequência”

[21] Imagem retirada de site que ensina como jogar, oferecendo dicas sobretudo às participantes (mulheres) da brincadeira, como: escolher um grupo conhecido que possa confiar nas/os participantes (esta seria uma forma de se sentir mais confortável a participar, já que sua intimidade poderá ser exposta às pessoas); dicas de como evitar situações embaraçosas e possíveis problemas, por exemplo, como diz o site: “Se você é do tipo que não aguenta a pressão, é melhor não jogar. Isso porque se for para dar um escândalo e se recusar a fazer algo, você pode estragar a festa inteira, as pessoas vão mais cedo para casa e você não será convidada para a próxima festa.”, e “Se quer ficar absolutamente na margem de segurança, escolha sempre “verdade”. Por mais íntima que seja a pergunta, é provável que no dia seguinte ninguém se lembre da resposta.”. Interessante observar como a mensagem se dirige à leitora, dando-lhe dicas de como se portar no jogo, prevendo possíveis riscos e maneiras de os evitar. Disponível em: < http://irresistivel.com.br/como-e-o-jogo-verdade-ou-consequencia-sexual/ >. Acesso em 30 jan. 2015.

com alguém por quem se tem atração/desejo; trocar e aprender com as experiências afetivo-sexuais dos pares, dentre outros.

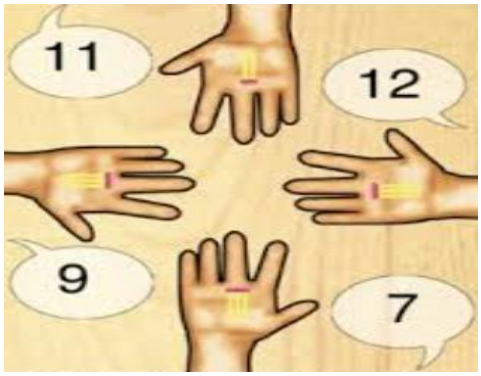
Por se tratar de um jogo de exposição da intimidade afetiva-sexual, ainda que a participação das/os integrantes seja voluntária e as regras sejam consensuadas, timidez e vergonha são elementos que comumente podem fazer parte dessa brincadeira, tanto para homens quanto para mulheres. Nesse cenário, o álcool pode atuar facilitando as interações, através dos seus efeitos no organismo como euforizante e redutor de inibições, quando consumido em doses baixas (NICASTRI, 2013). Aqui, coloca-se a relação risco-prazer, em que ficar vulnerável ao outro é também uma forma de experimentar a adrenalina e o prazer dessa sensação.

Outra brincadeira comentada por Saory foi o "Jogo de palitinhos", também conhecido como "Porrinha", no qual costuma participar em grupo de amigas/os. Trata-se de um jogo frequente em contextos de consumo de bebida alcoólica. Usam-se palitos quebrados ou objetos pequenos, que possam ser escondidos na mão. Cada jogadora/or inicia a brincadeira com um determinado número de palitos, três em geral, devendo escolher uma quantidade para colocar em uma das mãos (Figuras 11 e 12). A escolha dessa quantidade deve ser individual e secreta.

Uma vez escolhido, cada jogadora/or coloca sua mão sobre a mesa. Em seguida, cada uma/um dá um palpite a respeito da soma de palitos naquela rodada. Quem acerta pode sair da jogada, até que ao final sobram duas pessoas para disputar o lugar de perdedor: a última pessoa que sobra no jogo, quem errou todas as somas. Há possibilidades de variações nessas regras, a depender dos acordos realizados pelo grupo. Por exemplo, pode-se definir uma/um perdedora/or a cada rodada: a pessoa cujo palpite se distanciar mais da soma real de palitos. Do mesmo modo, o jogo pode envolver, por exemplo, aposta em dinheiro e/ou em bebidas, como tomar ou virar[22] uma dose.

Saory contou sobre um episódio em que jogou com amigas/os e uma menina passou mal. Segundo a jovem, "*uma amiga começou a sofrer. Tomou cinco doses... Na quinta, ela disse que não ia brincar mais, e ficou lá... no chão, toda gelada. Não falava coisa com coisa*" (sic). Esse caso exemplifica a linha tênue que pode haver na relação do sujeito com o álcool: entre facilitar e dificultar/impedir a diversão.

[22] Virar refere-se ao modo rápido e ininterrupto de tomar uma dose ou uma quantidade estabelecida de bebida alcoólica até chegar ao seu fim.



Figuras 11 e 12: Imagens ilustrativas de jogo de palitinhos[23]

Como uma substância psicoativa depressora das atividades do sistema nervoso central, após um efeito inicial de euforia, a ingestão continuada do álcool tende a provocar redução da atividade motora e aumento de sonolência. No entanto, os efeitos dessa substância no organismo estão relacionados a seus níveis no sangue, os quais, por sua vez, podem variar de acordo com diversos fatores: o tipo de bebida utilizada (bebidas destiladas possuem maior concentração de álcool em comparação com as fermentadas), a velocidade de consumo, a presença ou ausência de alimentos no estômago, bem como diferenças no metabolismo da substância por causas clínicas (por exemplo, pessoas que possuem insuficiência hepática tendem a degradar o álcool mais lentamente) (NICASTRI, 2013).

Casos de embriaguez, como esse trazido por Saory referente a sua amiga, podem ser percebidos com certa frequência entre pessoas que fazem uso de álcool, independente dos marcadores de geração e gênero. É quando tal substância, a partir da relação que o sujeito estabelece com ela em determinado contexto de uso, deixa de atuar a favor do social e passa a agir contra, o que se relaciona também como o referente de saúde, de vida saudável. A sobriedade tem sido socialmente valorizada como um elemento para se pensar as relações sociais a partir dos referentes da "razão" e do "sujeito civilizado", como reguladores da vida em sociedade. Nesse sentido, com exceção de algumas ocasiões onde parece ser mais tolerada ou mesmo legitimada, a exemplo do carnaval na cultura brasileira, a embriaguez tende a ser vista com maus olhos e reprimida, por colocar em questão o ideal da sobriedade, racionalidade, além da temperança, em relação histórica com o cristianismo.

[23] Retiradas da Internet, dos seguintes endereços, respectivamente: <http://etilicos.com/wp-content/uploads/2012/07/PORRINHA.jpg> e <http://static.ziggi.com.br/imagens_programas/screenshots/big_9ad55f7eae7b71364026b18b4fc45d9c_purrinha.jpg> .

Socialmente, compreendida no bojo do discurso cristão ou nos raios de influência deste, a embriaguez pelo álcool costuma ser uma experiência valorada em termos de problema. Este, quando associado às/aos jovens e avaliado por adultos, em geral, ganha dimensões maiores, sendo encarado, assim como as drogas de maneira geral, como potencial destruição da juventude. Há que se considerar ainda que os efeitos da experiência de embriaguez para mulheres, em termos de sanções socioculturais, riscos e vulnerabilizações, podem ser bastante distintos quando comparados aos efeitos dessa experiência para homens, como será melhor trabalhado na seção sobre prazeres e riscos envolvidos no beber, referente à terceira roda de conversa.

4.4 Polissemias do (não) beber e a questão do controle

Os significados trazidos pelo grupo em torno de beber e de não beber parecem deslizar em certa complexidade, a partir de referências à embriaguez, muitas vezes não assumindo definições absolutas e precisas relativas simplesmente a fazer, ou não, uso de bebidas alcoólicas. Essa questão surgiu, por exemplo, quando perguntei ao grupo quem bebia e quem não bebia. Diego e Charlii responderam que **pararam** de beber; Saory e Taís disseram que bebem **de vez em quando**; Raiane e Raquel responderam que não bebem; Charlii, em seguida, disse que às vezes **bebe somente vinho**.

Em vários momentos durante as conversas, sobretudo os jovens que afirmaram ter parado de beber, falaram de situações em que fizeram uso de alguma bebida. Diego, por exemplo, afirmou: "*Agora tou só no suco, café e leite...*" (sic). No entanto, falou de uma situação de festa de rua em que bebeu "***só uma latinha***" (sic) de cerveja. Quando perguntei ao grupo o que significava parar de beber, Charlii disse que quando fala em parar, ele se refere "*àquela correria*" (sic), referindo-se a um tempo anterior à decisão de parar. Continuou dizendo que agora **só bebe um vinho, uma Smirnoff**, e que **se for beber, não vai ser tanto quanto bebia antes**. Para Charlii, "*vinho não é a mesma coisa que cerveja;* ***todo mundo pode beber vinho***" (sic); já a **cerveja, "*já pega no primeiro gole*"** (sic). Raiane relativizou esse posicionamento, dizendo que um amigo seu "*bebeu só vinho no ano novo e num instante ficou bêbado*" (sic).

Exemplos como esses indicam que a compreensão relativa ao beber parece estar pautada na lógica da quantidade: beber mesmo é beber muito, o que talvez seja mais contundente quando referente aos modos de beber de homens. Dessa maneira, "beber só uma latinha", "um vinho" ou "uma Smirnoff" não é significado como beber para Charlii e Diego, uma vez que essas

bebidas, bem como as quantidades mencionadas, tendem a não potencializar o excesso, que coloca a embriaguez como possibilidade de ser experienciada. É interessante destacar que parece não se tratar somente da embriaguez propriamente dita, enquanto fato, mas da sua potencialidade como risco envolvido no consumo alcoólico, o que é preciso saber gerir. "Ser forte" e não ficar bêbado, mesmo bebendo muito: trata-se do risco da embriaguez e a adrenalina de se experimentar nessa gestão.

Além da quantidade que se bebe, a significação de beber também se faz a partir do que se bebe. Como trazido por Charlii, o vinho – talvez por seus significados culturais, como bebida utilizada em rituais religiosos, além de acompanhamento em refeições – seria uma bebida possível de ser utilizada por qualquer pessoa, não sendo necessariamente associado à embriaguez nem aos possíveis problemas desta decorrentes ou associados. De maneira semelhante, a vodca – comumente associada a bebidas não alcoólicas, como refrigerantes e sucos – apesar de ser uma bebida destilada, é vista como mais fraca em termos de potencial de embriaguez. Assim, não parece legítimo aos jovens afirmarem que bebem quando fazem uso de poucas quantidades de álcool e/ou de bebidas consideradas "mais leves".

Apesar desse ter sido um posicionamento de um jovem específico, sendo necessário compreendê-lo a partir de sua relação singular com as referidas bebidas, é interessante pensar sobre a lógica "pesado *versus* leve" que perpassa certas compreensões em torno das substâncias psicoativas em geral, em termos de suas classificações quanto a possíveis efeitos sobre o organismo e "níveis de problemas" envolvidos no seu consumo. No caso específico do álcool, a relação "fraco *versus* forte" referente ao potencial alcoólico de diferentes tipos de bebidas comumente se coloca em uma articulação com estereótipos de gênero: o "forte" relacionado ao que seria da ordem do "masculino", enquanto que o "fraco" tende a dizer sobre o que seria da ordem do "feminino". Seguindo esse discurso, por exemplo, a vodca muitas vezes é caracterizada como "bebida de mulher" por sua associação a caipifrutas, tipo de drinque em que se misturam suco de frutas a essa bebida, diluindo-se seu teor alcoólico, e lhe adocicando o sabor. Desse modo, o sabor mais doce assim como um reduzido teor alcoólico são considerados segundo estereótipos de gênero, como referentes para as práticas de consumo de mulheres.

Reconhecer-se bêbada/bêbado é uma experiência que diz respeito à percepção de si em termos de sensações corporais. Sobre isso, Diego disse que nunca ficou bêbado, e explicou que quando estava "*sentindo alguma coisa*" (sic), ele logo parava de beber. Com o intuito de buscar compreender a experiência de embriaguez, questionei: "*Então, vocês estão falando de*

sensações físicas, né? Como é essa coisa de ficar bêbado, ficar bêbada?" (sic). Saory explicou: "*É não saber se controlar, né?*" (sic), com o que Charlii discordou: "*Não, não é isso não*" (sic). Saory disse que "*é quando a pessoa **fica voando***" (sic). Charlii concordou, acrescentando: "*É quando a pessoa **passa um ano pra conseguir se levantar***" (sic), referindo-se à diminuição de comandos voluntários sobre o corpo. Taís, por sua vez, disse que "*é quando a pessoa **fala muita besteira***" (sic).

Charlii relativizou as questões acima, diferenciando "*quem bebe e fica razoável*" de "*quem bebe já pra ficar bebo*" (sic). Perguntei ao grupo sobre como é que se dosa isso. Para Diego, trata-se do saber, ou seja, do conhecimento sobre si e sobre o próprio corpo: "*Quando eu tava bebendo eu **sabia** quando tava **começando a alterar**, eu **sentia** quando tava começando a alterar... aí, **minha vista, meu corpo**...*" (sic). Quando perguntei sobre o que seria "alterar", Charlii relacionou à mente; já Diego disse que para ele, era o corpo, exemplificando: "*Se a pessoa tá bebendo sentada ou parada, aí quando ela anda, já percebe alteração*" (sic). Para Taís, alterar "*é **ficar tonto***" (sic).

Essas falas fazem referência às ações do álcool sobre o organismo, em que se destacam as alterações provocadas no corpo como efeitos do consumo. Como trazido por Diego, saber perceber tais efeitos, assim como reconhece-los em sua relação com o uso, consiste em um processo de aprendizado, o qual é possível mediante experiências de consumo, sejam estas próprias ao sujeito, sejam referentes a outros e, de alguma maneira, compartilhadas.

Howard Saul Becker (2008 [1928]) em seu texto "Tornando-se um usuário de maconha", oferece elementos que julgo serem pertinentes à reflexão sobre o aprendizado do uso de álcool. A partir das elaborações deste autor sobre a maconha, é possível considerar que, de forma semelhante, o uso de álcool é uma função das concepções que os sujeitos têm dele e dos usos aos quais ele se presta, sendo tais concepções desenvolvidas a partir das experiências com essa substância psicoativa. Assim, os significados trazidos pelo grupo em torno do "estar bêbada/o" dizem respeito a sintomas corporais que são sentidos e vinculados, pelas/os jovens, à ingestão de bebidas, sendo, dessa maneira, reconhecidos enquanto efeitos do álcool.

Gerir esses efeitos também diz respeito a um processo de aprendizado. O conhecimento de si e de seu próprio corpo torna-se necessário para orientar os modos de beber a depender das especificidades de cada situação. O trecho seguinte traz estratégias desenvolvidas pelos jovens como formas de evitar e/ou controlar os efeitos negativos derivados do consumo do álcool. É o caso da embriaguez, a partir da administração do beber e comer, como mencionado por Diego, e da ressaca, por meio de indução prévia de vômito, conforme Charlii.

> Charlii: "*Quando eu chego* [em casa] *bebo, a primeira coisa que faço é* [faz um gesto colocando o dedo na boca, referindo-se ao ato de induzir vômito]... *Porque eu sei que no outro dia eu vou ficar com aquela coisa ruim*" (sic).
>
> Leyllyanne: "*Mas é o quê? Porque bebe muito?*" (sic).
>
> Charlii: "*É não, é porque mistura... faz as duas coisas: bebe e come. Porque, principalmente, beber também é líquido; e comendo, também, é como se fosse a gente almoçando. Mesmo a gente comendo mais e bebendo menos, a barriga da gente vai inchar por causa da coisa, do produto que a gente tá comendo. Aí, toda vez que eu chegava em casa, aí vomitava*" (sic).
>
> Diego: "*E beber de barriga vazia é pedir pra ficar bebo, né?*" (sic) (Risos no grupo).
>
> Charlii: "*Também. Aí eu razuo* [quer dizer que equilibra], *né, como e bebo ao mesmo tempo... Ás vezes, não tomo café* [da manhã], *aí, e fico com fome... aí quando sai, como mais do que bebo e, por isso, fica com vontade de vomitar"* (sic).

Aprendizados acontecem mediante a experimentação de si e/ou a experimentação do outro em contextos de consumo, quer por ensinamento direto, quer por meios mais indiretos de observação, imitação (BECKER, 2008 [1928]) ou diferenciação – aprender em referência ao oposto, por exemplo, por atitude ou conduta do outro desvalorizada, considerada errada ou ruim. Uma boa gestão desses efeitos – quer dizer, geri-los de modo a favorecer a sociabilidade, as relações entre pares, a diversão – pode ser associada ao que se costuma denominar de "saber beber". Esse tipo de experiência com o álcool, valorizada e estimulada socialmente, pode dizer respeito a uma espécie de aprendizado da(s) "técnica(s)" de como beber. Com relação a isso, Diego comentou que quando começava a perceber esses sinais, já parava de beber, ou só bebia depois que comesse alguma coisa. Perguntei ao grupo: "*E quem passa desse limite, vamos dizer assim?*" (sic). Diego respondeu: "*Acho que passou desse aí é porque já tá bebo, aí já começa... Já não bebe mais devagar, já bebe ligeiro, já não quer ver nem o copo vazio mais*" (sic).

Saber beber envolve aprender, com o outro a partir de trocas e compartilhamento de experiências e dicas – e aí o grupo tem uma relevância significativa – de como se sentir quando no consumo de bebidas alcoólicas, bem como o que não sentir. Esses referentes sinalizam o *limite*: fazer uso do álcool de modo a sentir seu "barato", chegar ao "brilho". Isto implica em "localizar sintomas entre suas próprias sensações e indicar para si mesmo 'algo diferente' em sua experiência que associa com o uso" (BECKER, 2008 [1928], p.59). Ao mesmo tempo, implica também manter um nível de consciência suficiente para dar-se conta dessas sensações corporais e vivenciá-las entre os pares, uma vez que o prazer derivado do consumo alcoólico consiste também na própria sociabilidade – estar com outros em momentos de descontração e lazer, compartilhando encontros, conversas e brincadeiras, por exemplo.

O limite parece estabelecer uma fronteira entre o que pode ser significado como prazer ou como problema pelas/os jovens nas suas experiências em torno do álcool. Ultrapassá-lo, por exemplo, pode implicar em passar vergonha, como afirmou Taís. Ter reduzidos os reflexos, bem como o controle motor do próprio corpo, assim como falar besteira pode implicar na forma como se é vista/o pelo outro. Assim, evitam-se esses efeitos do beber, os quais podem ter diferentes significados quanto ao marcador de gênero. A vergonha, por exemplo, assim como seus efeitos, pode ser vivenciada de maneiras distintas para os jovens e as jovens.

Como trazido por Charlii, "*fazer graça pros outros rir*" (sic) foi um fator que o levou a repensar seu uso de álcool, por se colocar, segundo ele, em um lugar de "palhaço" para os outros. Comparando efeitos de beber para homens e mulheres, este mesmo jovem disse achar muito feio uma mulher bêbada, porque as pessoas estariam mais acostumadas a verem homens bêbados na rua, e não mulheres. Por esses exemplos, seria possível pensar que os efeitos do consumo alcoólico relativos à sociabilidade podem ser bastante distintos para homens e mulheres, considerando-se as regulações exercidas pelos próprios pares. Os primeiros, os homens, podem ser incluídos no grupo, ainda que sob os rótulos do "engraçado", do "palhaço", que não são negativos por definição. Já às mulheres parecem serem associados rótulos mais negativos, sendo colocadas sob suspeita quanto a sua moral e "valor de mulher".

Em um contexto sociocultural de controle sobre o corpo e a sexualidade das mulheres, com relação a estas, beber e ficar bêbada seria "colocar-se sexualmente disponível ou vulnerável" à ação de homens. Isso, por sua vez, pode implicar em discriminação e exclusão dessas mulheres de determinados espaços e contextos de sociabilidade, a exemplo do grupo de amigos, podendo ter efeitos sobre as próprias relações de amizade, e de paquera e namoro.

Situações como essas, de vivências de efeitos do álcool que, de modo contextual e relacional se colocam a partir da ordem do desprazer e/ou do problema, podem levar as/os jovens a (re)pensarem e (re)definirem sua relação com a bebida, e os usos feitos. Charlii, por exemplo, disse ter parado de beber porque, como mencionou, viu que esse caminho não levava a nada: "*Beber, beber, beber, fazer graça pra os outros rirem... eu agora só bebo suco, um vinho de vez em quando*" (sic). Além disso, o exemplo da experiência do seu pai com o álcool perece ter consistido em um importante elemento para a reavaliação do seu modo de beber. Como comentou: "*Eu tenho que seguir o conselho do meu pai; meu pai morreu por causa do álcool. Então,* ***eu não posso percorrer o mesmo caminho que ele... eu tenho que tomar um objetivo na vida****, né?*" (sic).

Quando o beber parece assumir um lugar mais central na vida do sujeito – quando passa a ser uma ameaça a seus projetos, ou à possibilidade de que estes venham a existir – tende a ser caracterizado pela quantidade, estabelecida como excessiva. Isto, por sua vez, vem colocar em questão um projeto de vida voltado aos referentes capitalistas de trabalho e produtividade. Como preocupação central no imaginário juvenil, o trabalho pode ser um problema urgente para as/os jovens, como indicou Nadya Araujo Guimarães (2005). Quer como forma de participar como provedora/or na organização da vida material da família ou do grupo de referência; quer como meio de "crescer na vida" pela conquista da independência financeira, o trabalho tende a emergir como problema para jovens brasileiros, como argumenta a autora.

Essa emergência se dá, justamente, pela falta e/ou pela dificuldade em acessar oportunidades de trabalho, o que tende a atingir notadamente rapazes com baixa escolaridade, por esta conformar más condições de competição no mercado (GUIMARÃES, 2005). Nesse cenário, o uso de álcool pode se tornar (mais) um fator a formar posições de desigualdades, contribuindo de forma negativa para o acesso da/do jovem ao universo do trabalho, funcionando como mais um instabilizador das formas de inserção social e do padrão de vida.

Outro jovem, Diego, também falou sobre sua decisão de parar de beber, a qual partiu de outras motivações: "*Eu bebia pra caramba. Eu pegava uma latinha de cerveja, assim, o gole que eu dava já ia quase no fim. O meu tio também, bebe pra caramba, mas não fica bebo... demora bastante. Agora, eu parei por causa da academia mesmo.*" (sic). Conforme afirmou, Diego quer "*ficar grande*" (sic), e o álcool corta o efeito do treino de musculação. Segundo Jiménez Rodrigo e Guzmán Ordaz (2012), novas masculinidades têm sido delineadas a partir, por exemplo, de orientações por um estilo de vida saudável, o que, por sua vez, tem modificado atitudes e práticas de homens com relação a determinadas substâncias psicoativas.

As academias *fitness* têm tido um lugar importante nos discursos relativos aos estilos de vida saudável na articulação com a prática de atividades físicas. Constituem-se como um espaço-tempo de investimento e cuidado consigo, com o corpo. É interessante perceber que, acompanhados a esses discursos, são circunscritos ideais de corpos a partir do referente *bodybuilding*, musculação ou fisiculturismo na língua portuguesa. Trata-se de um treinamento de força para o desenvolvimento da musculatura esquelética do corpo, com os objetivos de ganho de massa muscular, resistência muscular e força.

Percebem-se objetivos/efeitos estéticos, os quais, muitas vezes, associam-se àqueles relativos à saúde e à qualidade de vida. Nesse sentido, buscam-se construir corpos a partir da referência do desenvolvimento do volume muscular, ao que se refere o desejo de Diego de

"ficar grande". Um corpo musculoso, caracterizando o vigor físico, pode ser valorizado no jogo erótico da sedução e da conquista, podendo ainda atualizar códigos de gênero, tais como a força e a virilidade, estereótipos que contribuem para marcar o "lugar masculino" culturalmente associado aos homens. Nesse caso, concorre com o álcool no mesmo propósito de conquistar as garotas.

Para além da decisão por parar de beber, o não beber surgiu no grupo em referência às relações de amizades. Segundo Charlii, "*quem tem amigo de verdade, chama pra uma lanchonete, uma pizzaria*" (sic), ao passo que "*quem tem amigo que bebe, chama pra um bar, pra show*" (sic). A diferenciação entre "amigo de verdade" e "amigo que bebe" está pautada em um juízo de valor em torno de quem tem o hábito de beber: aquelas/es que bebem parecem ter seu valor enquanto amiga/o questionado por exercer uma espécie de "má influência" a partir do momento em que convidam para contextos nos quais o consumo de álcool parece se colocar com mais ênfase ou de maneira mais esperada, tais como bares e shows conforme mencionado por Charlii.

Nesse sentido, Diego diferenciou os "*amigos mesmo*" (sic), que são em geral poucos, e nos quais pode confiar e contar para qualquer coisa; e, os "*amigos de sair pra show, de sair pra se divertir*" (sic). Raquel salientou, de modo crítico, que estes últimos são amigos quando a pessoa tem dinheiro. Quando perguntei sobre quando não se tem dinheiro ("*E quando tá sem dinheiro, como é?*"), ela logo respondeu: "*Cadê os amigos?! Some tudinho!*" (sic). Charlii, por sua vez, disse que com os amigos dele "*não tem essa frescura*" (sic), pois chamam quando ele está sem dinheiro. No entanto, ele próprio prefere não ir, porque não gosta de sair nessa circunstância. Desse modo, ainda que podendo contar com amigas/os, o acesso ao dinheiro de alguma maneira orienta quando se bebe, assim como com quem se bebe, além do que se bebe.

Quando perguntei ao grupo "*Por que tem pessoas que decidem não beber?*" (sic), Raiane se posicionou: "*Eu... não curto, não acho legal porque... tenho* ***medo de perder o controle***." (sic). É interessante perceber este posicionamento na relação com outros trazidos por jovens homens relativos ao não beber ou ao parar de beber. Para Raiane, jovem mulher e religiosa, o *medo* se coloca como elemento importante na sua (não) relação com o álcool; e, não se trata de qualquer medo, mas o de perder o controle. Já nos posicionamentos dos jovens homens não religiosos, são outros elementos que ganham relevância, tais como preocupação com o projeto de vida e o cuidado com o corpo.

Uma marcação de gênero, ser mulher, e de religião, afirmar-se como seguidora de uma doutrina religiosa evangélica, parece, articuladamente, delimitar modos de ser jovem baseados

em um discurso sobre o risco na sua relação com uma certa gestão dos comportamentos – esta, por sua vez, baseada nos referentes da segurança, da prevenção e da responsabilidade, (re)formulados e reiterados por discursos cristãos. As religiões cristãs nas suas vertentes evangélicas se constituem como espaços de sociabilidade pautados em referentes disciplinares. Estes funcionam segundo uma determinada pedagogização dos corpos, na qual a categoria da "carne" é significada a partir dos potenciais riscos para a vida espiritual. Torna-se necessário, portanto, um cuidado específico no sentido de eliminar/dirimir as tentações; isto é, desvencilhar-se dos pecados em prol da preservação do espírito, como garantia de uma boa vida após a morte. Para tanto, a obediência aos preceitos da doutrina religiosa bem como seu correlato oposto da culpa, funcionam como ferramentas de controle (RIOS et al., 2008). Nesse sentido é que o medo, na sua relação com o risco, segundo um significado negativo, são elementos centrais como apelos à efetivação dos preceitos e dos dogmas religiosos.

Ainda que seja um elemento utilizado em alguns rituais, como referente ao sangue do Cristo morto para a salvação da humanidade, o uso de álcool parece questionar essa racionalidade religiosa cristã, quer quando preconizado segundo a abstinência – quando qualquer modo de consumo é colocado como proibido – quer a partir da moderação, como uma forma de beber apropriada ao e favorecedora do social – quando ultrapassar esse limite pode ser visto como problema e tensionamento à referência de si como pessoa integrante de uma comunidade religiosa. Não à toa, uma bebida preparada a partir da mistura de vários ingredientes, tais como vodca, leite condensado, achocolatado, canela em pó e guaraná em pó, chama-se *capeta* ou *capetinha*, como trazido pelo grupo, em distinção à ideia do divino das religiões cristãs.

Inspirando-me em Andrea Lacombe (2010), concluo as reflexões desse primeiro momento afirmando que os diferentes usos e apropriações dos espaços aqui discutidos, entendidos em termos das relações interpessoais aí estabelecidas, dizem de distintos sistemas de regras de convivência que marcam – tanto pelo cumprimento quanto pelo questionamento e subversão – a sociabilidade como um processo caracterizado pela hibridez de referenciais socioculturais que, por sua vez, delineiam categorias sociais. Estas marcam sujeitos em suas experiências relativas ao álcool, constituindo diferentes juventudes e sujeitos jovens, a partir da circunscrição de (im)possibilidades relativas aos processos de subjetivação em curso nos distintos espaços-tempo de relações – tais como a família, a igreja, a escola, a rua, o trabalho estágio e o grupo de amigas/os.

Para pensar tais regras de convivência e como sujeitos são marcados por isso, especificamente nas experiências relativas ao (não) consumo de álcool, destaco os marcadores sociais de gênero na articulação com posicionamentos sexuais. Desde a significação do beber, passando por motivações para e efeitos do consumo, a análise segundo tais marcadores permite visibilizar relações desiguais de gênero na intersecção com posicionamentos sexuais de mulheres e homens. Os próprios posicionamentos de não beber visibilizam essas relações: as jovens, pelo medo das consequências relacionadas a sair de um lugar de "castidade" e comedimento; os jovens, por outro lado, por aspectos relativos à construção de um projeto de vida, entre o que pode se colocar a preocupação com o estilo de vida e cuidados com o corpo. Tratam-se, portanto, de diferentes concorrentes para o álcool, para mulheres e homens.

O marcador religião, por sua vez, foi fundamental para compreender lugares de silêncio e fala no grupo. Por seu consumo em si, bem como por seus efeitos, sobretudo aqueles relacionados à sexualidade/posicionamentos sexuais – e aqui o gênero importa sobremaneira – o consumo do álcool tensiona os preceitos e valores da sobriedade para manutenção de uma consciência de si vigilante. O constante exame e direcionamento segundo a avaliação do "certo" e do "errado" é, nesse campo discursivo religioso cristão, exercício esperado ser incorporado pelos sujeitos para a efetivação de "escolhas responsáveis". Esse contexto de inserção religiosa pareceu marcar um certo silenciamento das jovens Raiane e Raquel no grupo, o qual compreendi a partir do tensionamento entre posições: jovens religiosas cristãs, para as quais o consumo de álcool tende a ser visto a partir do problema e da evitação/proibição *versus* jovens, mulher e homens, para a/os qual/quais o beber é prática mais ou menos frequente. Por outro lado, é interessante perceber como as falas dos jovens homens "dominaram" as conversas no grupo, ainda que estando em minoria quantitativa: dois homens e quatro mulheres.

Uma sensação de incômodo diante do silêncio das jovens foi algo que me acompanhou nesse primeiro encontro. Marcada por uma perspectiva feminista de pesquisa e trabalho com grupo, era importante, para mim, que as jovens tivessem espaços de fala no grupo, compartilhando mesmo suas (não) experiências com o álcool, bem como seus posicionamentos diante do tema. No entanto, parecia que este mesmo, de alguma maneira, não facilitava a fala das jovens, como se, de partida, consistisse em um "assunto de homens". Eu, e a equipe que me acompanhava como co-facilitadora, sentíamos desafiadas a garantir e legitimar a fala às jovens, chegando, em alguns momentos, a dirigir-lhes perguntas de modo individual, ao contrário do que fazemos comumente, que é tirar o foco sobre participantes individuais, para lidar com o grupo de modo mais amplo e menos personificado.

No entanto, pude buscar compreender o lugar e as (im)possibilidades de fala dessas jovens a partir de alguns elementos teóricos, o primeiro deles, a própria de noção com a qual eu estava trabalhando: um espaço-tempo regulado de relações, como um contexto micro de uma ordem macrossocial. Mediante suas especificidades quanto às perspectivas teórico-metodológicos feministas, o grupo constituído para esse trabalho de rodas de conversa consistia em um espaço-tempo diferenciado em relação a outros contextos grupais, justamente pelo posicionamento de questionar padrões e normas de condutas baseados em estereótipos, e produtores de desigualdades.

Em tal espaço-tempo, a exposição de si e o compartilhamento de experiências relativas ao álcool e à sexualidade podiam ser algo intimidador e ameaçador para as mulheres, cujas vivências sexuais são historicamente reguladas, ainda que sob diferentes e mutáveis estratégias e ferramentas de controle. Isso foi sendo elucidado ao longo dos demais encontros, quando a sexualidade foi trazida de modo mais enfático para falar das desigualdades vivenciadas por mulheres e homens jovens na articulação às práticas de consumo de álcool.

5 ENTRE PRAZERES E RISCOS: O CONSUMO DE ÁLCOOL EM CENAS

Buscamos refletir sobre significados de prazeres e riscos possivelmente envolvidos no consumo de bebidas alcoólicas. Para tanto, assistimos a dois videoclipes musicais, que serão descritos mais adiante, a partir do que propusemos a construção de duas cenas que dessem continuidade às histórias narradas pelos vídeos. Participaram dessa roda de conversa Raiane, Raquel, Charlii, Saory, Gustavo, Andréa e Emanoel, além de mim, Raissa, e a/o graduanda/o em psicologia e estagiária/o do Ação Juvenil, Eduarda e Ruan.

5.1. Cena 1: "Beber é..."

Iniciamos esse encontro retomando, para quem não participou das duas rodas de conversa anteriores, o porquê de estarmos nos encontrando, bem como o que havíamos discutido até então. Charlii iniciou, sintetizando o trabalho realizado:

> *Eu vou explicar, é assim, uma pesquisa que ela tá fazendo... É assim, tempinho, cantinho da Leylly, é assim... tipo, "barzinho da Leylly" aqui* [risos do grupo]*... Aí, aí, ela chamou nós aqui, nós não, nós é coisa de matuto* [Saory: *Concordo!*]. *Ela chamou a gente pra debater sobre os lugares onde a gente queria viajar, onde queria estar... o que a gente... sobre álcool, sobre as festas que rola... os amigos. Ela fez uma bancada... onde você mais convive, deixa eu ver... era igreja,* [Saory: *Escola*]*, rua,* [Raiane: *Família*]*, é... estágio e trabalho, e... grupo de amigos. Aí, ela botou lá, pra gente dizer onde mais convivia...* [Saory: *O que tinha mais lá...*]. *E aí, na quinta feira, fez um quadro da gente com os lugares que a gente mais gosta de ir... bar, uma festa, uma rave, uma praia... nadar com os amigos, surfe... a gente sabe, né... quando a gente sai com os amigos e tal...* (sic).

Raiane completou*:* "*É a pesquisa de mestrado de Leylly, que ela vai falar... como é o nome... ela vai falar do lazer... dos jovens de Suape... Cabo, Ipojuca... e é isso*" (sic). Charlii concluiu*:* "*É isso. O 'barzinho de Leylly'.*"(sic). A referência de Charlii ao "Barzinho da Leylly" provocou risos em mim, assim como no grupo de modo geral, por gerar uma sensação de surpresa. Imediatamente pensei: "*O que é que eu tou fazendo mesmo? O que tá ficando disso tudo para as/os jovens? Quando saírem daqui, vão querer beber, na confraternização desse trabalho, já que estamos "no barzinho"?*"[24].

[24] Lá estavam as lembranças do encerramento do Curso de Mídias Móveis. Afinal, o álcool entraria, ou não, na comemoração? Seria eu quem responderia, permitindo ou proibindo? Não era meu desejo ocupar o lugar de quem diz "a verdade" ou, mais ainda, de quem tem o poder de, a partir de um suposto saber, dizer o que é, e o que não é, permitido ao outro. Esse lugar era temido por mim. Ao encerrar os trabalhos nesse dia, fomos para uma pizzaria próxima à escola, como forma de nos confraternizar. Para minha surpresa, as/os jovens falaram

No entanto, na sequência, pensei na forma que eu tinha construído esses mesmos pensamentos, a partir de uma divisão entre *eu* e *elas/eles*, o que me remeteu à perspectiva teórico-metodológica adotada neste trabalho: a pesquisa-intervenção-pesquisa de inspiração feminista. Nesse sentido, ao contrário dos meus primeiros pensamentos, *nós*, *eu* e *elas/eles* estivemos por três encontros engajadas/os em um processo de conversas e construção de significados em torno de práticas de consumo de álcool, de modo que o que aconteceu nesses encontros – o que *nós*, e não somente eu, estávamos fazendo – foi possível ser nomeado e significado como "o barzinho da Leylly".

Dessa forma, pude significar essa nomeação como inserida em um processo conjunto de construção de um espaço de diálogo onde era possível falar sobre bebidas e sobre beber de maneiras menos reguladas. Um espaço em que restrições, prescrições e regras, já conhecidas das/os jovens, não se colocavam como, talvez, fossem esperadas. Ao invés destas, as minhas intervenções e das/os demais integrantes da equipe que me acompanhou nas três rodas de conversa, fizeram-se no sentido de "fazer falar", quer dizer, de incitar a fala, além de questionarmos estereótipos e normas de gênero, sexualidade e geração que perpassavam as discussões. Buscávamos compreender as experiências trazidas pelas/os jovens segundo seus lugares singulares de fala, partindo de um lugar de curiosidade e de escuta atenta e ativa, perguntando sempre pela opinião e posição das/os jovens em relação às questões que emergiam nas conversas, assim como buscando problematizar tais posicionamentos.

Na sequência à fala de Charlli, continuei explicando que em meio ao que o grupo havia falado sobre lugares que frequentam e lazeres, a questão também era pensar sobre as bebidas alcoólicas:

> *Os jovens consomem álcool? Os jovens bebem? Onde é que os jovens bebem? Como é? Pensar como é essa coisa do lazer, e como o álcool entra no lazer dos jovens... Entra ou não entra?... Entendem? E aí, o objetivo específico de hoje é a gente pensar: tem prazer em beber? Não precisam responder agora não, tá, só pra gente pensar... É prazeroso beber, ou não, não é prazeroso? Será que tem risco em beber, ou não?*(sic).[25]

absolutamente nada sobre beber. Quando falei que achava que iriam querer beber, Charlli respondeu que ali não poderiam, pois se tratava de um trabalho, diferenciando, assim, o tempo de lazer, e de beber, do tempo do trabalho.

[25] Logo que finalizei essa fala, Charlii seguiu cantando um trecho de uma das músicas que foi, adiante, trabalhada nesse encontro: "*Ela tá beba, doida. Ela tá beba, doida*" (sic), de modo, talvez, a já associar a ideia de risco à mulher que bebe e "fica doida".

Como forma de nos aquecer para esse trabalho, realizamos uma técnica de associação de palavras para falar dos significados de beber para cada jovem. Esta consistiu no seguinte: sentadas/os em círculo, cada interlocutora/or, incluindo parte da equipe[26], respondia completando rapidamente a frase "Beber é..."[27], dirigida por cada jovem, uma/um a uma/um. As respostas trazidas foram organizadas a seguir (Quadro 2):

BEBER É...	
Gustavo	*Massa – massa – bom – legal – ruim – chato – bom – legal– amanhã no show de Aviões* [do Forró].
Andréa	*Legal - dá ressaca - bom demais! – legal – sensacional – amigos –bom – legal*.
Ruan	*Massa – divertido - dor de cabeça - custa dinheiro – prazeroso - às vezes eu não lembro, dá amnésia - às vezes eu me sinto rico quando eu bebo – aí eu percebo que não tou rico – é legal de novo!*
Charlii	*Gastar dinheiro – se sentir nas nuvens – ficar suave – dor de cabeça – ressaca no outro dia – uma satisfação diferente – sair com os amigos – rapaz, no outro dia... dormir – passar tempo*.
Emanoel	*Chato – sensacional – ruim – ressaca – sair com os amigos – ressaca – dor de cabeça*.
Saory	*Dá fome depois – dor de cabeça – doido– curtir – deitada no chão – ver os outros arengando por causa de cerveja – ressaca – dor de cabeça – horrível... na hora que acorda que tá com dor de cabeça e dor de garganta*.
Raquel	*Destruição de famílias – mal estar – dor de cabeça – brigas – desavenças familiares – ressaca – roda com amigos*.
Raiane	*Comer – diversão – alegria – chato – dor de cabeça – lei seca – diversão –amigos – comer de novo.*

Quadro 2: Significados relativos ao *beber*, segundo as respostas das/os interlocutoras/es à técnica de associação de palavras

Considerando-se essas falas, é interessante perceber como *beber* assume significados variados, desde alguns declaradamente negativos até outros afirmativamente positivos. Mais interessante, talvez, seja perceber estas variações internamente às falas das pessoas. Dizendo de outra maneira, na fala de uma mesma pessoa, estes significados, colocados a partir de julgamentos de valor, caracterizam a experiência de beber como algo que pode ser, ao mesmo tempo, positivo e negativo. É o que acontece em falas como, por exemplo a de Emanoel, que

[26] Raissa e eu, por estarmos na facilitação dessa técnica, não participamos. Eduarda, por sua vez, responsável pelo registro em vídeo da roda de conversa, também, não participou.

[27] Chamei este primeiro momento da roda de conversa como "Cena 1". As cenas que se seguirão neste capítulo referem-se àquelas propriamente teatralizadas pelas/pelos jovens a partir do mote dos videoclipes. Entendo o espaço de discussão do grupo, assim como às histórias contadas em cenas de vídeos e teatro, como narrativas possíveis de serem construídas em determinado momento como formas de significação do mundo, de si mesmo e das experiências vividas. Fato e ficção não se opõem, de modo que teatro e "vida real" se misturam a partir do que há de ficção na vida e na "verdade", e a vida e "verdade" que existem na ficção, como afirma Sandra Azeredo (2010).

traz adjetivos opostos em sequência: "***Chato; sensacional; ruim****; ressaca; sair com os amigos; ressaca; dor de cabeça*." (sic). Também se percebem essas variações nas seguintes falas: "*Comer;****diversão; alegria; chato****; dor de cabeça; lei seca; diversão;amigos; comer de novo.*" (Raiane); "***Massa; massa; bom; legal; ruim; chato; bom; legal****; amanhã no show de Aviões* [do Forró]." (Gustavo).

Essas variações apontam para um caráter polissêmico às experiências de jovens com o álcool, as quais precisam, justamente, serem consideradas a partir da pluralidade. As/Os jovens indicam a possibilidade de diferentes experiências com o consumo de bebidas alcoólicas. E tais experiências só se caracterizam em seu próprio curso, não podendo serem definidas *a priori* ou de maneira isolada, descontextualizada. Nesse sentido, é que elementos trazidos pelo grupo, como a ressaca, a dor de cabeça e o esquecimento provocados pela ingestão alcoólica, ainda que possam trazer implicações corporais desagradáveis, não podem ser definidos de antemão como aspectos negativos ou, mais que isso, definir como negativas as experiências de beber correlatas. Eles precisam ser considerados no contexto mais amplo do uso, que envolve vários outros elementos – como as motivações de beber para o sujeito em uma ocasião específica, com quem, onde e como bebeu, as implicações e/ou consequências de ter bebido, dentre outros – para que o sujeito possa significar essa experiência específica de beber, bem como a ressaca, se for o caso.

Nas falas de Andréa e Raquel também se observa como um mesmo elemento pode assumir significados e valores diferentes a depender do campo semântico em que está situado. Andréa, caracterizou o beber a partir de referentes positivos, como se pode entender pelos adjetivos por ela utilizados para falar desse ato: "*Legal; dá ressaca; bom demais!; legal; sensacional; amigos; bom; legal*" (sic). Raquel, por sua vez, parece partir de uma outra referência, oposta, para qualificar o ato de beber: "*Destruição de famílias; mal estar; dor de cabeça; brigas; desavenças familiares; ressaca; roda com amigos*." (sic).

A relação entre amigos, rua, mulheres e violência parece dar o tom negativo à "roda com amigos", trazida por Raquel, como é possível perceber em uma fala posterior da jovem, referente a um tio: "[...] *Pra meu tio?! Não tem prazer em beber, não! O prazer dele é só quando ele* ***tá na rua, com amigos e mulheres****. Quando entra em casa... não tem mais prazer, não!* ***Começa a ficar agressivo, espancar****...*"(sic), em que a experiência de beber aparece atrelada à violência no espaço privado.O elemento *amigos* trazido pelas interlocutoras no contexto de uso de álcool, parece ser mais valorizado para Andréa do que para Raquel, assim como a própria

experiência de beber é positivamente avaliada pela primeira jovem, e desvalorizada pela segunda.

Considero interessante destacar que enquanto Andréa, jovem que bebe, falou que beber é "*bom demais!*"; Raquel, jovem evangélica que não bebe, modificou a sentença quando, pela primeira vez, deveria se dirigir ao participante, no caso, Gustavo: ao invés da questão "Beber é...", a jovem falou "*Comer é...*" (sic). O grupo reagiu com risos, estranhando a pergunta; e Raquel insistiu: "*Comer é...*" (sic). As intervenções de interlocutoras/es do grupo fizeram a jovem "corrigir" a questão, ainda que com visível desagrado.

Além disso, em sua vez na roda, de responder à questão "Beber é...", Raquel disse, um tanto irritada "*Beber é o que, se eu não sei?!*" (sic), permanecendo calada diante da pergunta que lhe foi dirigida por três vezes seguidas. Eu e Raissa lembramos ao grupo que poderiam falar o que quisessem, absolutamente qualquer coisa que lhes viesse à cabeça, e que era importante, igualmente, ouvir quem bebe e quem não bebe. Raquel continuou calada, até que Raissa lhe perguntou diretamente: "*O que você acha de beber? Diga o que você acha.*" (sic). Foi quando a jovem iniciou a sequência de respostas descritas anteriormente.

Em um momento posterior nessa roda de conversa, em que as/os jovens trabalharam em pequenos grupos para a construção das duas cenas – as quais serão apresentadas mais adiante – Raquel narrou conflitos em sua família, entre seus pais e também entre um casal de tia/tio, em que o álcool era mediador, motivador e/ou utilizado como justificativa para condutas problemáticas dos homens, segundo a jovem: no caso do pai, estar na rua, bebendo, dançando com mulheres desconhecidas; e, no caso do tio, agressões verbais e físicas à esposa quando chegava em casa bêbado. Experiências circunscritas segundo relações desiguais de gênero entre homens e mulheres, que tomam forma de violência no espaço privado, em relações intrafamiliares.

Estavam no grupo, Raquel, Charlii, Gustavo, Ruan e Raissa, conversando sobre festas e os possíveis prazeres em beber, quando a jovem falou que gostava das festas da igreja, em que tinham refrigerantes e hino gospel:

> *Eu nunca fui pra festa de amigos mundana. Eu acho legal esse tipo de festa. A festa acontece!* [referindo-se à possibilidade de se festejar mesmo sem bebida alcoólica e músicas "do mundo"]. *A única vez que eu fui pra, pra uma festa mundana... foi quando meu pai ainda tava no mundo, e bebia. Eu ficava olhando assim... ficava me perguntando 'Pra que isso?!'... As mulheres tudo com um short de um palmo, mostrando a poupa da bunda, se achando lá... e meu pai no meio, dançando! Eu* ***fazia uma cara assim****... pra ele* [repetiu a cara de desaprovação como na ocasião]... ***baixei a cabeça e fiquei lá****... esperando ele, chamando ele pra ir pra casa... e as mulher tudo insistindo pra ele ficar. Ele só foi embora quando ele viu que* ***eu tava triste*** *com ele... aí ele foi embora.* (sic).

Essas situações vividas por Raquel, assim como a referente a seu tio – que bebe e, quando em casa, fica agressivo e espanca sua companheira – podem ajudar a compreender um certo rechaço, resistência em relação à temática do álcool por parte da jovem. Experiências de desrespeito e violência, em sua convivência familiar, estiveram associadas ao consumo alcoólico para essa jovem, o que ela qualifica como "desavenças e destruição da família". Em contraposição a isso, a religião ganha uma centralidade em seu discurso, funcionando como uma espécie de divisor entre um tempo de sofrimento, passado, e o momento atual, de harmonia e "salvação da família"; parece redimensionar, a partir da adesão dos homens à doutrina religiosa, os significados e valores atribuídos "à rua" e "à família", como espaços opostos, com intensificação da valorização deste último em oposição ao primeiro.

Já na primeira roda de conversa e, mais ainda, na última, foi interessante, para mim, entrar em contato com posicionamentos como os de Raquel: uma visão negativa em relação ao álcool, potencial gerador de problemas e violências. Era justamente esse discurso que eu não queria abordar, como ponto de partida, no trabalho que me propus a fazer. Na expectativa de buscar ver além do "problema do álcool", ou do "tamanho do problema do álcool"[28], ainda que este fosse notório em estudos epidemiológicos, eu buscava falar do que imaginei ser um "outro lado da moeda": o(s) prazer(es) de beber. No entanto, muitas vezes o que o grupo me apresentou foi justamente o primeiro lado, aquele que já era um tanto familiar a mim. Querer e propor falar de prazer, e, ao contrário, encontrar resistências, dificuldades e discursos sobre problemas acendeu em mim um sinal de alerta desde minha presença em campo na primeira roda de conversa, para pensar o prazer na relação com o problema/o risco.

Na sequência das atividades, assistimos aos dois videoclipes e continuamos com a construção das cenas, trabalhando em dois subgrupos.

5.2 Cena 2: "Ela tá beba! Tá doida?[29]" – A mulher na "cena do copo"

[28] Expressão utilizada pelo psiquiatra e especialista no consumo de "drogas" Ronaldo Laranjeiras, repetida em relação a outras substâncias psicoativas, tais como a maconha, a cocaína e o crack, em fala em um evento da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no ano de 2013. Avalio que esse posicionamento toma como ponto de partida o *a priori* do problema para pensar a questão das "drogas", tornando-se problemático para entender os significados em torno das suas práticas de uso, por gerar uma compreensão determinista acerca da questão.

[29] Enquanto que a letra da música afirma "Ela tá beba, doida/ Tá beba, tá doida", o grupo problematizou essa relação, relativa à mulher que bebe, entre o ato de beber e a consequência de "ficar doida", como será trabalhado adiante. Por isso o uso da interrogação.

O primeiro vídeo assistido foi uma criação postada na Internet, no site Youtube, cuja trilha sonora era a música “Beba, doida”, da cantora e compositora paraense Gaby Amarantos, cuja letra se segue:

> Ela tá **beba, doida**,
> Ela tá beba, doida,
> Ela tá beba, doida,
> Tá beba, tá doida.
> Ela chegou,
> Ela é um **perigo**,
> Só sai da mesa
> Quando ela sai com um litro.
> Ela chegou,
> Ela é um perigo,
> Só sai da mesa
> Quando ela sai com um litro.
> Começa na cerveja,
> Bebe, à noite inteira,
> Mistura tudo
> E **vai pra cima da mesa**.
> Começa na cerveja,
> Bebe, à noite inteira,
> Mistura tudo
> E vai pra cima da mesa.
> Ela tá beba, doida,
> Ela tá beba, doida,
> Ela tá beba, doida,
> Tá beba, tá doida.
> Ela só sai carregada, querida.
> (Gaby Amarantos)

Ainda que não tenha como objetivo, nem como intenção, realizar uma análise das letras das músicas trabalhadas, julgo pertinente tecer algumas breves reflexões acerca das mesmas, tendo em vista que foram canções de significativo sucesso nacional entre os anos de 2013 e 2014, sobretudo para públicos jovens em Pernambuco.

A música de Gaby Amarantos coloca a mulher como protagonista na cena do consumo de álcool, caracterizando-a neste contexto a partir dos referentes “carregada”, “doida” e “perigo”. Cabe caracterizar também alguns elementos do vídeo criado a partir dessa letra, com uma montagem de imagens e outros vídeos menores[30]. Inicia com indicações de alterações da

[30] Cabe salientar que este vídeo não é videoclipe oficial da música de Gaby Amarantos. Trata-se de uma produção independente, postada na Internet em 14 de outubro de 2012 com a descrição “RIR UM POUQUINHO FAZ BEM.”. Acessível no seguinte endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=2F421J9JCEw>>. A escolha por esse vídeo, em detrimento do vídeo oficial da artista, foi devida à presença de uma maior complexidade de elementos, os quais viabilizaram reflexões em torno das questões de gênero para pensar a mulher no lugar de consumidora de álcool em espaços públicos. O clipe oficial da música, em 28 de janeiro de 2015, teve mais de 307.000 acessos. O vídeo escolhido contabilizou, nessa mesma data, 45.335 acessos.

percepção visual, sugerindo efeitos da ingestão de álcool sobre o corpo de uma mulher, a qual nega ter bebido. Ao longo do vídeo, são trazidas cenas de mulheres jovens em festas, consumindo sobretudo bebidas destiladas.

Algumas cenas trazem somente as bebidas, quer em garrafas, em copos e taças como doses, ou simplesmente sendo derramadas. Uma mulher negra, que faz manobras com um capote dirigidas a um touro, como em uma tourada, é trazida no clipe junto ao refrão "Ela tá beba, doida". Ela levanta o vestido, mostrando a bunda em direção ao touro (Figura 5) e, posteriormente, é atacada por este. Essa cena é acompanhada por um público, que ri durante toda a exposição da mulher.

Figuras 13 e 14: Imagens do videoclipe, produzido de forma independente, para a música "Ela tá beba, doida", Gaby Amarantos.

A partir da narrativa do vídeo, o grupo composto por Andréa, Raiane, Saory, Emanoel, eu e Eduarda construiu uma cena de um grupo de amigas, mulheres jovens, em um bar, transcrita a seguir.

> Três amigas estavam em um bar. Uma delas bebia "um pouquinho" e as outras eram "cachaceiras", como explicado por Emanoel. Estas duas estão "enchendo a cara", enquanto que a outra fica apressando para irem todas embora para casa. A ideia inicial do grupo era que as duas jovens que estavam bebendo ficassem no bar e bebessem até, literalmente, cair. Ambas sairiam do bar levando a garrafa e sem pagar a conta. Em um momento mais adiante, o grupo voltou a pensar no final da história, propondo um sequestro ou um atropelamento das duas amigas que, bêbadas, tentavam voltar para casa.
>
> Propus que criássemos um final que pudesse desconstruir os preconceitos e o machismo que perpassam a questão da mulher beber. Saory propôs que as amigas não ficariam "doidas" e voltariam para casa. Questionei se elas e Emanoel achavam que as mulheres poderiam querer, e ter o direito, de ficarem "doidas", sem precisar correr riscos por isso. As meninas concordaram; Emanoel, por sua vez, não se posicionou. No momento da encenação para o grupo maior, as meninas decidiram mudar o enredo:

> pediram a conta, pagaram-na – o que pareceu causar estranhamento ao garçom, Emanoel – e foram embora.

Foi bastante interessante o processo de criação da cena desse grupo, a qual foi sendo construída a partir de experiências trazidas pelas/o jovens. Logo quando começamos a conversar a respeito do vídeo assistido, perguntei se tinham achado algo preconceituoso naquele, ao que todas as interlocutoras e o interlocutor disseram que não. Este último ressaltou que havia visto nada dessa ordem em nenhum dos dois vídeos.

A partir da construção da cena, as jovens e Emanoel foram compartilhando experiências. Saory contou uma situação em que estava no bar com um grupo de amigas e o **garçom ficava controlando a quantidade de bebida que estavam consumindo, dizendo que já haviam passado do ponto**. **A jovem disse que ela e as amigas argumentavam que estavam pagando e, por isso, o garçom deveria levar quantas cervejas elas pedissem**. Perguntei se isso também acontecia na mesa de homens. Ela discordou, sinalizando que nessa mesma ocasião, tinha uma mesa de meninos que consumiram mais de duas grades de cerveja, no entanto, não receberam nenhuma intervenção desse tipo por parte do garçom.

Quando perguntei por que achavam que existiam essas diferenças entre homens e mulheres, Saory disse que é porque as pessoas dizem que **"*mulher quando bebe demais só faz besteira*"** (sic). Emanoel acrescentou que mulher, quando bebe, faz besteira e chora. **Saory discordou dizendo que já ficou bêbada, mas que sempre lembra das coisas que aconteceram, e que nunca parou para ficar chorando. Andréa disse que às vezes é bom ficar bêbada e chorar, e que já fez isso**.

Perguntei ao grupo se o homem que bebe precisa ser cuidado. Saory e Emanoel afirmaram que, em geral, ele não quer ser cuidado, diz que não precisa e que sabe cuidar da própria vida. Tentei problematizar, por outro lado, o "cuidado" com a mulher, quando se quer controlar a bebida para ela não ficar "crazy", "doidona", como trazido nas falas das interlocutoras. Andréa respondeu que é porque **ela pode fazer o que quiser quando está sob o efeito do álcool, como sair com quem ela quiser**. Saory acrescentou que esse controle se deve ao fato das pessoas acharem que **a mulher, quando bebe, vai "fazer besteira", quer dizer, ter relação sexual, com o primeiro homem que aparecer e em qualquer lugar**.

Segundo essa jovem, isso acontece em algumas festas: o homem e a mulher bebem e ficam bêbados, mas aquele, estando mais consciente, toma a iniciativa e assume a condução da cena: "*leva ela pra um canto e 'já era'*" (Saory). Quando perguntei se haveria alguma diferença

se a mulher não estivesse bêbada, a jovem disse que **ela pensaria duas vezes e, talvez, não ficasse com o primeiro homem, o qual ela nunca havia visto antes**.

A partir desses exemplos, identificam-se formas de "cuidado-controle", podendo-se caracterizar este como um importante elemento presente no cenário relativo à mulher consumidora de álcool em espaços públicos. Na cena criada pelo grupo, a amiga que não bebe e insiste em ir embora do bar, levando as outras consigo, assim como o garçom, que tenta colocar fim ao consumo de bebidas pelas duas jovens, atualizam formas de controle das condutas das mulheres em relação ao álcool, que, em última instância, como objetivo e efeito, diz de um controle sobre seu corpo e sua sexualidade. Nesse sentido, é que a própria Saory afirma que se a mulher não estivesse sob efeito do álcool – a partir do contraponto do autocontrole – ela teria mais condições de pensar para decidir como agir para "não fazer besteira": pensaria duas vezes e não ficaria com o primeiro homem que surgisse, ou, se ficasse, não o faria em qualquer lugar. Esta seria uma forma de invisibilizar vivências sexuais de mulheres sobretudo jovens, como forma de evitar investimentos de controle sobre si, tais como os rótulos recebidos em referência à vida sexual ativa, e/ou de minimizar a culpa sentida por ter experiências sexuais sem uma autorização da família ou social mais ampla.

A caracterização dessas atitudes e condutas em relação à mulher bêbada pelos referentes "doida", "doidona" e "crazy" dialogam com a música de Gaby Amarantos. Assim como trazido pelo grupo, na música e no vídeo, a expressão "beba, doida" funciona como uma locução adjetiva para se referir a um estado acentuado de embriaguez, cujos efeitos (des)qualificam as pessoas, em geral mulheres, quanto à ingestão alcoólica, correspondendo às consequências imediatas de beber.

Culturalmente, a loucura assume um lugar depreciado na sociedade ocidental, na qual o sujeito racional é o modelo valorizado, referencial para os modos de ser. Nesse cenário, "os loucos" e "as loucas", personificações da desrazão, tendem a ser estigmatizados/as como figuras negativamente exóticas, discriminados/as e excluídos/as do convívio social. A loucura consiste em uma marca atribuída ao outro, que lhe descentra do lugar de sujeito moral. A "mulher louca" estaria em um lugar ainda mais subalterno, se comparada ao "homem louco", justamente por estar na intersecção de marcadores de diferença em relação ao referencial normativo: ser mulher *e* "louca", em distinção ao homem racional e, portanto, "normal".

Nesse sentido, parece que a loucura/"doidice", enquanto metáfora para a mulher bêbada, atualiza ou carrega consigo a ideia de *perigo* na medida em que põe em questão padrões e modos de racionalidade compartilhados por uma maioria social. Como trazido na letra da

música: a “beba, doida”, quando chega, “é um perigo”. E este, por sua vez, parece se referir à exposição da mulher em público, como “ir para cima da mesa”, forma de perigo associada à relação das mulheres com o álcool. Resta a pergunta: a exposição ou visibilidade da mulher no espaço público seria um perigo? Para quem?! Essa ideia parece funcionar como justificativa ao suposto “cuidado” direcionado em relação àquela.

Os riscos relacionados pelo grupo às mulheres em contexto de consumo de bebidas alcoólicas foram referentes às possibilidades dela cair e se machucar; ser xingada; ficar “mal falada” na comunidade; vivenciar sua sexualidade sem tantas reservas, e sob os olhos vigilantes dos outros; ser vítima de sequestro e/ou violência sexual, o que poderia, inclusive levar a sua morte. Como pude perceber, esses riscos parecem ser significados como *perigos*. Essa relação foi trabalhada por Mary Jane Spink (2012) como umas das tradições de discursos relativos à ideia de risco. Segundo a autora, a associação do risco ao perigo é bastante presente no senso-comum, como referência a experiências de infortúnios imprevisíveis.

Foram um tanto acirradas as discussões no grupo sobre o fato da mulher tonar-se mal falada por se comportar de maneira semelhante ao homem, no sentido relativo à quantidade de parceiros sexuais. Segundo Gustavo, quando uma jovem fica mal falada, os homens não a desejam “para namorar”, só “para ficar”; ou seja, não se almeja estabelecer uma relação de compromisso com essa jovem. Trata-se da clássica categorização de mulheres, baseada em preconceitos, entre “boas” para casar e “boas” somente para ficar (NASCIMENTO, 2009). Como disse o jovem:

> *O cara pensa assim, pô, essa menina aí, já ficou com todo mundo, já tá mal falada, já passou a mão de todo mundo aí, pra que eu vou me intrometer aí? Tipo assim, o cara quer mais aquela, visa mais aquela, o que... a santinha, a quietinha... pra namorar. Agora, aquela dali em festa, pá, o cara fica. Pensa logo assim, ó, essa nega aí é pra ficar, não é pra namorar não.* (sic).

Esse posicionamento gerou polêmicas no grupo. As meninas questionavam, apesar de constatarem que, de fato, era assim que acontecia. Raissa questionou o grupo: “*Ah, então mulher tem prazo de validade, é?!*” (sic). Gustavo voltou a concluir: “*Tipo assim, eu não vou querer pegar aquela nega que meus amigos já pegou!*” (sic). Questionei-o enfaticamente: “*Por quê?!*” (sic). Gustavo respondeu:

> *Eu, pô, eu não sei por que. Todos meus colegas vão pensar que, assim, vou sair com ela, aí vão pensar... a menina lá, rodada... já peguei, já fiz isso, já fiz aquilo com ela. Ela fez isso e aquilo comigo. A pessoa olha assim, e* ***já fica mal falado também****. Agora, se eu gostar dela, aí eu não ligo pra isso. Agora, assim, eu tou conhecendo essa nega agora. Pra mim, do meu ponto de vista, eu não vou ficar com ela. Eu não vou chegar nela.*(sic).

Charlii comentou em tom de brincadeira, referindo-se a Gustavo: "*Aí, vão dizer, ei, óia, teu urso tá em casa!*" (sic). Raissa indicou que havia entendido a questão: "***Ah! Porque pode ser corno!***" (sic). Charlii continuou explicando: "*É, porque a mulher não vai se garantir só com um homem. Se ela pegou tudinho, é claro que ela vai pegar de novo!*" (sic). Questionei o grupo: "*E os caras? Se garantem só com uma mulher?*" (sic). Charlii titubeou na resposta. Saory prontamente respondeu que não e falou ao irmão: "*Vai, Charlii, responde aí.*" (sic). O grupo ficou em silêncio. Os meninos não falaram nada, permanecendo de cabeça baixa, até que Charlii falou sobre seu envolvimento com uma menina:

> *Eu tava, ontem, com minha namorada. Minha namorada, não, que a gente tava conversando pra ver se ia namorar ou não. Aí, tava eu, ela e um primo dela, mas ele não sabia que a gente tava ficando. Aí, eu fui botar o celular pra carregar, aí ele falou que ele só não ficava com ela, porque tavam na casa e tinham medo de chegar alguém e pegar os dois. Aí, eu descobri, tá vendo, que eles ficavam! Aí, eu disse a ela 'tenha medo não. Fique com o cara. A gente tá só ficando, a gente não tá namorando. Fique com o cara'. Tá vendo, a gaia que ia ser!* (sic).

Emanoel concluiu: "*Homem usa esse negócio de chifre de enxerido. Isso é negócio de boi!*" (sic), o que provocou risos no grupo. Vê-se como a questão da traição, quando o homem ocupa o lugar de quem foi traído, perece ser algo difícil para os jovens, que a transformam em brincadeiras como forma de conseguir lidar com o assunto. Ter a masculinidade e, portanto, a honra postas em questão por assumir uma posição oposta à do "garanhão", a do "corno", parece macular as vaidades do "macho conquistador", senhor único e absoluto de suas conquistas (ZANELLO; GOMES, 2010). Nesse sentido é que o homem pode ficar mal falado, sobretudo entre outros homens, como disse Gustavo. Em uma ideologia dominante do homem como "caçador", o que ativamente vai em busca e "ataca sua presa", "perder a mulher para outro homem" tende a ser significado como a falência de sua virilidade, um "atestado de impotência". A questão do "ser corno" vem acompanhada como um potencial relacionado ao que se entende como uma carreira sexual em relação às mulheres, o que, ao contrário do que acontece com os homens, é motivo para a "má fama" daquelas.

Considerando a perspectiva interseccional adotada neste trabalho, julgo importante considerar a expressão "nega", utilizada por Gustavo para se referir a uma menina a qual estaria conhecendo em uma situação de festa. Trata-se da primeira referência ao marcador étnico-racial, até aqui não visualizado nas conversas com as/os jovens. O contexto de uso da expressão parece sugerir mais um sentido sexualizado para a expressão, do que uma referência ao campo étnico racial propriamente dito. Nesse sentido, parece fazer relação com a ideia da mulher como objeto sexual, que, ainda que não diga de uma questão étnica-racial de antemão, guarda relações

com esse campo, tendo em vista o lugar sexual subalterno conferido às mulheres negras, crioulas e mulatas nas narrativas históricas sobre a construção do Brasil.

Como afirma Sueli Carneiro (2003), a herança da violação colonial permanece viva no imaginário social. A violência sexual colonial, cometida pelos senhores brancos contra mulheres negras adquire novos contornos, por exemplo, por relações características por uma hipersexualidade: um corpo negro, sobretudo de uma mulher, tende a ser significado como um corpo hipersexualizado, associado, em alguma medida, à ideia de promiscuidade.

Curiosamente, os prazeres mencionados pelo grupo relativos ao uso de álcool por mulheres disseram respeito ao fato de adquirirem mais *atitude*, relacionando a importância desta última a situações de festas e paqueras: "*A gente vai pra uma festa. O homem tá olhando a gente. Aí, a maioria das mulheres tem vergonha. Aí, quando fica crazy já é outra história; vai pra cima* (Andréa). Esse prazer tende a ser controlado por diferentes vias, como foi o caso do garçom, dos xingamentos dirigidos à mulher bêbada, bem como às possibilidades de tornar-se vítima de violência, sobretudo sexual.

No bojo de uma cultura sexista, esses prazeres trazem consigo o risco como potencialidade do perigo. Torna-se arriscada, às mulheres, a vivência desses prazeres em um cenário sociocultural que estabelece o risco como uma situação/condição naturalizada, sobretudo se considerada a questão geracional a partir do discurso do jovem como em condição/situação de risco – dada sua suposta imaturidade, por sua condição biológica, relativa ao processo de puberdade sob signo de "manifestações biológicas em tensão"; e, irresponsabilidade, diante da concepção moralizada, que associa a juventude às noções de rebeldia e subversão, entendidas, por sua vez, em sentido negativo, de ruptura das normas sociais (DAYRELL, 2003; TONELI, 2004).

Referindo-se ao risco de uma mulher bêbada ser sequestrada e estuprada, Saory tentou explicar: "*Um homem, não, o homem cai ali, ali mesmo fica, amanhã é outra história. Mulher é diferente, pode correr risco... é... de estupramento, sequestro... um bocado de coisa porque de madrugada...Tá beba, tá ali no canto sozinha... os caras vão lá se aproveitar*" (sic). Raiane, por sua vez, comentou: "*Porque... mesmo sem ela tá beba, já é assim, já existe essa relação de poder, do homem ser mais forte do que a mulher, e ela, acho que ela beba, acho que ela se sente... ainda mais...*" (sic); Saory completou: "*... sem força*" (sic). Segundo as jovens, o risco de morte está imbricado nessas situações, em que a mulher está vulnerável em relação ao homem.

Uma ideia de sexualidade instintiva do homem parece se conjugar para estabelecer, com certa naturalidade, os riscos diários vivenciados por mulheres, justamente por *serem mulheres*. Acrescentando-se a isso os discursos relativos aos aumentos da violência no território Suape em decorrência do aumento das populações locais – sobretudo da associação que tem sido estabelecida entre essa violência e o elevado número de homens, vindos trabalhar em indústrias terceirizadas de construção civil – tais riscos parecem fazer parte de forma significativa dos modos como as pessoas têm se organizado socialmente e vivido nessas localidades, como um dos ordenadores simbólicos de vidas nessa localidade. O binômio homens-violência tem feito parte do cotidiano das cidades do território estratégico de Suape, tomando formas de regulação sobre a circulação das pessoas, destacando-se aí a circulação de mulheres jovens, nos espaços públicos urbanos.

Nesse cenário, as formas possíveis de gestão dos riscos relativos ao consumo alcoólico para mulheres parece estar, segundo as interlocutoras e o interlocutor, entre evitar esse uso e/ou limitá-lo. Ou seja, trata-se da manutenção da sobriedade, para as mulheres, para se contrapor à "loucura" do prazer associada às alterações da consciência como efeito do consumo. Como disse Saory:

> *Com a bebida é pior. Porque a mulher, do jeito que passa no meio do caminho... do jeito de... alguém tá perseguindo ela, se sentir ameaçada, aí começa a olhar os passos, começa a se movimentar. Ela... beba, não. Não interessa se tá no meio de um caminho movimentado, ou não... ela só tá com a cabeça de chegar em casa, o que passar na frente dela não importa mais nada. Só chegar em casa, deitar e dormir.* (sic).

Nesse sentido, o primeiro final para a cena consistiu na proposta de um sequestro ou atropelamento, como uma consequência associada ao fato das jovens estarem bêbadas; como uma espécie de punição ao "limite excedido". A própria vivência do prazer parece precisar ser controlada, já que pode ser perigosa. O significado do risco-perigo parece se fazer justamente na/a partir da interseccionalidade gênero-geração, na articulação entre a performance de gênero – para o que importa de maneira significativa o posicionamento sexual – e as condição e situação juvenis. Ainda que haja experiências de mulheres jovens que questionem e/ou que vão na contramão disso, esse discurso tende, em alguma medida, a colocar-se como ideal normativo. Dessa maneira é que, por exemplo, alguns desses movimentos de jovens que não se alinham com esse discurso, são significados como *ousadias*, nos diferentes sentidos e valores morais que o termo possa vir a assumir, como coragem, audácia, atrevimento, imprudência.

A partir da minha sugestão para o grupo, de construção de um final diferente, que pudesse desconstruir preconceitos relacionados à articulação mulheres e bebidas, o grupo

estabeleceu que ao final, as jovens não ficariam "doidas", ou seja, permaneceriam sóbrias, e voltariam para suas casas. Para ter um final diferente, seria preciso mudar, então, a história, ou seja, intervir na conduta das jovens no bar. Parece que a possibilidade de chegar tranquilamente em casa dependia, exclusiva ou principalmente, de como as jovens se comportasse no bar, bebendo maiores ou menores quantidades.

De forma surpreendente, na encenação propriamente dita, para o grupo maior, o final da história foi outro: as jovens, bêbadas, pagaram a conta e foram embora para casa sem problemas. Pagar a conta e chegar bem em casa, apesar de estarem embriagadas, foram elementos novos trazidos ao enredo da história, que surpreenderam tanto o personagem do garçom, Emanoel, quanto a mim. Como explicou Saory:

> *A gente ia fazer diferente. A gente ia se jogar e ficar beba, beba mermo, doida. Mas aí, a gente mudou por causa do machismo que tem... A gente mudou um pouco por causa, que tem muito machismo no meio. Porque... é assim, um exemplo, tinha um grupo de meninos lá, e tinha um grupo de meninas aqui. Ele* [referindo-se ao garçom] *queria controlar só aqui, dizendo que já tava bom, já tava bom da gente ir pra casa. A gente não tinha bebido nem um terço do grupo de meninos, ele tava se preocupando só com elas. Aí, uma das meninas se arreta e diz que tá pagando... tem que beber tudo mesmo, tem que aproveitar o dia... A outra não aguentou beber tanto. Deu conselho pra ir pra casa, que tinha trabalho no outro dia, aí foi primeiro. Aí, uma menina se arreta e diz 'tou pagando, não tem nenhum direito de você mandar na gente, se tem um outro grupo de homens que já tava tudo bebarrão, falando mais besteira do que...'* (sic).

Encenaram-se outras possibilidades à mulher que bebe, pondo-se em questão normas e estereótipos de gênero que inferiorizam mulheres e as colocam em situação subalterna. São exemplos desses estereótipos: a "mulher que bebe e não paga a conta", visto o poder aquisitivo ainda ser associado ao homem[31]; e, a mulher que, uma vez bêbada, "assume", e é vista como responsável por, riscos e possíveis problemas que venha a enfrentar como associados ao consumo alcoólico, como comentou Raiane, sobre o objetivo proposto com a encenação: "*É... dizer que a mulher pode ficar beba e doida, sem riscos. Mas que a visão da maioria das pessoas, e principalmente dos homens, não é essa. Se a mulher bebe muito, ela vai ficar vulnerável a qualquer tipo de risco."* (sic).

[31] Apesar de mudanças históricas significativas quanto ao lugar conferido à mulher em sociedades ocidentais, tais como sua inserção no mercado de trabalho formal e, para muitas, incluindo aquelas que atuam no mercado informal, a função de provedora de famílias, ainda perpassa o imaginário social a figura do "homem provedor" – o que explica, por exemplo, em estabelecimentos comerciais como bares e restaurantes, a conta ser entregue em geral ao homem. Por outro lado, ainda existem diferenças quanto à remuneração de homens e mulheres para o desempenho de cargos semelhantes, em que os primeiros tendem a receber mais, apesar de, em geral, terem menores níveis de escolaridade. Nesse contexto, a posse do dinheiro pelo homem, pode funcionar como estratégia para o controle de mulheres, mantendo-as "presas", financeira e simbolicamente, ao espaço da casa.

A expressão "cu de bebo não tem dono" é comumente utilizada em advertência ao excesso de ingestão alcoólica, tanto para homens quanto para mulheres. No entanto, para estas, tal expressão se associa à tendência a sua responsabilização, como culpada, por exemplo, por violências sofridas quando em estado de embriaguez, justamente por "ter-se colocado" fora de um estado padrão de consciência e de comportamento esperado para mulheres. Embriagar-se seria uma espécie de autorização às investidas sexuais dos homens, uma vez que estar sob efeito alcoólico costuma ser significado como "colocar-se disponível", "oferecer-se" sexualmente ao outro[32]. Trata-se do risco de parecer sexualmente disponível (LUPTON, 2000), de acordo com uma lógica que está muito associada a beber no espaço público[33].

Sobre essa ideia do homem se aproveitar da mulher quando esta está bêbada, Ruan chamou a atenção do grupo:

> *Eu acho também que, mais importante, do que ela ficar bêbada e ela pegar quem ela quiser, ou fazer o que ela, ela transar onde ela quiser... Eu acho que, tipo, aspas, "pior que isso" é alguém achar que pode pegar ela a hora que, ele* [enfatizou o pronome] *quiser, né? O homem vê e, tipo, ah, ela tá beba, então eu posso ficar com ela na hora que eu quiser, tá ligado? Eu posso transar com ela aqui porque eu quero, "porque ela tá bêbada mesmo", tá ligado?* (sic).

Gustavo, por sua vez, tentou relativizar, demonstrando uma certa dificuldade em perceber um homem nessa posição, de quem se aproveita da mulher. Nesse sentido, o jovem diferenciou um "homem qualquer", explicando-lhe a postura naturalizada de "chegar na mulher" por motivos de paquera, de um "estuprador" ou "noiado" somente, ao qual caberia, para a mesma atitude, os signos de violência e agressão:

[32] Já para os homens, a expressão parece funcionar em favor do controle da virilidade: controlar-se quanto à ingestão de álcool para, daí, controlar-se, no sentido de manter um posicionamento (afetivo-)sexual ativo, em oposição ao que se entende como passividade – oposição à iniciativa e controle da/na cena (afetivo-)sexual.

[33] Sobre isso tratou o trabalho de Thays Gonçalves, estudante do curso de Direito da Universidade de São Bernardo do Campo, que foi notícia na mídia por causa do seu título "Cu de bêbado tem dono sim: estupro de vulnerável em caso de embriaguez feminina". Como afirma a reportagem, a estudante utilizou como base do trabalho o artigo 217-A do Código Penal Brasileiro, que considera crime ter conjunção carnal e/ou outros atos libidinosos com menor de quatorze anos de idade. Em seu parágrafo primeiro, o artigo define que "incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas no caput com alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência". No campo do Direito não há posicionamento unânime em relação a essa questão, nem na doutrina, nem na jurisprudência – conjunto de interpretações das leis e decisões feitas pelos tribunais superiores, a partir de um exercício de adaptação das normas às situações de fato. Existe a possibilidade de, pela legislação, a prática sexual envolvendo vítima embriagada ser considerada estupro de vulnerável, tendo em vista que aquela não estaria em condições de oferecer resistência ao ato. A incapacidade de resistência pode ser considerada relativa ou absoluta (NUCCI, 2009). Somente em caso de incapacidade absoluta é que a vítima será considerada vulnerável. Nos casos de embriaguez parcial, não há incidência do art. 217-A, uma vez que é considerado que a vítima tem possibilidade de resistência, ainda que reduzida. Ainda assim, a partir da jurisprudência, é possível dizer que os tribunais não têm tido um histórico de condenar pessoas acusadas por estupro em situações em que a vítima está embriagada, o que acaba por contribuir para a invisibilidade e a naturalização desse tipo de violência.

> *Dependendo... a ocasião da pessoa também, né, o agressor. Porque, tipo assim, se for o cara, que tá na festa, tá olhando aquela nega assim, pô, o cara chega na dela, tipo assim. Agora, dependendo da ocasião, tipo, se for um agressor, tipo, um estuprador, um cara... já aquele noiado, aquele noiadozinho*[34]*, que não pode ver qualquer mulher, pode ser qualquer mulher* [enfatizou esta expressão] *quer se aproveitar*. (sic).

Atitudes de homens de se aproveitarem de mulheres em estado de embriaguez, apesar de associadas pelo grupo à cultura sexista, foram colocadas, de certa forma, a partir de um "conformismo", em uma espécie de constatação de que "é assim que as coisas funcionam em uma cultura machista". No entanto, é interessante como outros posicionamentos assumidos por jovens mulheres do grupo parecem questionar valores e regras dessa cultura. Por exemplo, apesar das críticas existentes, inclusive dos próprios pares, relativas à mulher que bebe e chora, Andréa afirmou que às vezes faz isso, e mais ainda, que acha bom fazê-lo, declarando sentir prazer onde, em geral, veem-se problemas, e motivos para zombaria.

Outro exemplo interessante pode ser percebido quando Saory, referindo-se à situação na qual estava em um bar com suas amigas, posicionou-se diante do garçom, questionando-lhe o motivo, descabido segundo ela, de um tratamento diferenciado, de controle da quantidade de cervejas que consumiam. Reivindicou-lhe uma condição de igualdade em relação aos homens, colocando-se, igualmente, como sujeito de consumo: por estar pagando pelo produto, este deveria ser-lhe fornecido livremente, assim como acontecia em mesas de homens. A via legítima de regulação, segundo parâmetros jurídicos, seria a marcação etária, uma vez que é estabelecida uma idade mínima para o consumo de álcool (18 anos) (BRASIL, 1990; BRASIL, 2007). No entanto, o sujeito do consumo pareceu prevalecer, sendo questionado somente via códigos morais de gênero, que orientaram a conduta do garçom.

Esses exemplos podem ser pensados como de práticas de tensionamento de lugares e posições convencionalmente estabelecidos às mulheres jovens, segundo expectativas morais de gênero. Estas, em experiências cotidianas, posicionam-se em meio a jogos de forças, de modo a questionar discursos hegemônicos relativos à (não) relação entre mulher e álcool. Arrisco compreender tais práticas, assim como o final efetivamente encenado pelas jovens do grupo, como possíveis efeitos de resistência; quer dizer, a partir de uma espécie de dissonância, um espaço que foi criado entre as experiências vividas e o que seria a "versão oficial", dessas mesmas experiências (LUPTON, 2000). Trata-se, portanto, de uma compreensão do consumo

[34] Segundo Gustavo, "noiadinho" é uma expressão semelhante a "trombadinha", que quer dizer, como explicou, "bandido novo".

de álcool como posicionamento político; como mediando lutas de gênero nas relações interpessoais, microssociais, pelas quais deixa-se de concordar e se conformar, ainda que de modo pontual e situacional, com as exigências da governamentalidade, como caracteriza a autora.

5.3 Cena 3: "Amanhã eu vou parar" – O homem autorizado a beber

O grupo composto por Raquel, Charlii, Gustavo, Raissa e Ruan trabalhou a partir do videoclipe oficial da música a seguir, composta por Thales Lessa e interpretada pela dupla sertaneja goiana Humberto e Ronaldo:

Já fiz uma promessa e Deus vai me ajudar
Eu só vou beber mais hoje, amanhã eu vou parar.
Eu já fiz uma promessa e Deus vai me ajudar,
Eu só vou beber mais hoje, amanhã eu vou parar.
Eu vou parar, eu vou parar, eu vou parar
Eu só vou beber mais hoje, amanhã vou parar.

Só ter uma festinha, que a galera me chama,
Tenho dois apelidos: **pinguço e pé de cana**.
Casamento, batizado, formatura, aniversário,
E até chá de bebê, **tô pronto pra beber**.

Mas eu sei que **faz mal**, decidi,**vou parar**,
Só mais hoje e amanhã **não dá, não dá, não dá**.
Mas eu sei que faz mal, decidi, vou parar,
Só mais hoje e amanhã não dá, não dá, não dá.

Já fiz uma promessa e Deus vai me ajudar,
Eu só vou beber mais hoje, amanhã eu vou parar.
Eu já fiz uma promessa e Deus vai me ajudar,
Eu só vou beber mais hoje, amanhã eu vou parar.

Eu vou parar, eu vou parar, eu vou parar, eu vou parar,
Eu só vou beber mais hoje, amanhã vou parar.
Eu vou parar, eu vou parar, eu vou parar, eu vou parar,
Eu só vou beber mais hoje, amanhã vou parar.

O videoclipe inicia com um irmão, que estava em uma festa em uma casa noturna, ligando para o outro, chamando-o para "tomar uma", pois o "negócio tá pegando fogo". Na tentativa de convencê-lo, o primeiro chama uma mulher para falar ao telefone (Figuras 15 e 16). Finalmente, o segundo decide ir à festa, prometendo: "Oh, meu Deus, eu só vou beber mais hoje. Amanhã eu vou parar". Na festa, a maioria das pessoas participantes eram mulheres, as

quais vestiam roupas sensuais. Todas/Todos bebem – cerveja, espumante/champanhe, uísque – e dançam ao som da música da dupla sertaneja, como mostrado na imagem.

Figuras 15 e 16: Imagens do videoclipe da música "Eu só vou beber mais hoje"[35], interpretada por Humberto e Ronaldo

A letra da música fala sobre um homem que costuma beber com elevada frequência: "em qualquer festinha, até chá de bebê", sendo chamado por isso de "pinguço" e "pé de cana". No entanto, decide parar de beber, ao que a letra sugere, por reconhecer os prejuízos que a bebida pode trazer à saúde: "Mas eu sei que faz mal, decidi, vou parar". Diante da dificuldade imbuída nessa tarefa, pede auxílio a Deus para realizá-la. Conclui, entretanto, que a promessa precisa ser adiada, porque não resiste diante da "tentação".

O enredo sugere uma relação inerente entre homens e bebidas, tendo em vista a dificuldade que o personagem tem para deixar de beber: "decidi, vou parar; só mais hoje e amanhã não dá". E por que não dá? O que o fato de parar de beber poderia implicar para um homem? A sensualidade criada no clipe, como elemento presente no cenário da bebida alcoólica, de alguma forma parece perpassar essa questão: parece que o coquetismo se torna uma possibilidade potencializada pela presença de álcool em determinados contextos de sociabilidade, articulando-se às possibilidades de performances da virilidade como signo de masculinidade.

A partir desse vídeo, o grupo produziu a seguinte cena:

> *Dois irmãos chegaram em casa de manhã, depois de uma festa. Abriram a porta com dificuldade e entraram bem devagar, evitando fazer barulho, pois não queriam acordar a mãe, que estava na sala. No entanto,* ***ela ainda estava acordada****. Um dos*

[35] O videoclipe pode ser acessado no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=aFbse-mE5WA>. Em 28 de janeiro de 2015, contabilizou 3.867.274 acessos.

> *filhos, Gustavo, disse: "Eita! Oi, mãe.". Ela respondeu: "Bonito pra cara de vocês, né? Chegando uma hora dessa em casa! Vocês prometeram a mim que não ia beber mais!". Os filhos responderam que não bebem tanto, nem todos os dias.*
>
> *A mãe ordenou: "Passem os dois pro banheiro agora!" Charlii retrucou: "Os dois? Como assim?" A mãe insistiu: "Os dois! Os dois!" Charlii e Gustavo continuaram discordando. A mãe ameaçou bater, caso eles não fizessem o que ela estava mandando. Gustavo resolveu ir primeiro. Enquanto isso, Charlii conversava com sua mãe, explicando-lhe que fez uma* ***promessa a Deus para parar de beber, mas não sabe como fazer isso****, pedindo a ajuda dela para tal. A mãe disse que dependia dele conseguir parar de beber; que* ***ele precisava se esforçar****. Ela bateu no filho para ele aprender a não prometer a Deus uma coisa que ele sabia que não ia cumprir. Charlii disse à mãe que o importante era que* ***eles haviam chegado bem em casa****, e que a amavam.*

Esse grupo sinalizou que seu objetivo consistiu em encenar o "pós-festa", como disseram Gustavo e Charlii; ou seja, mostrar o que pode acontecer quando chegam em casa depois de terem ido a alguma festa. A presença da mãe acordada, à espera dos filhos foi explicada pelos jovens:

> *Pela idade que a gente tem, a gente tem que ter consciência. Daí, o pai não espera. Tem mãe que fica preocupada, né, aí espera o filho até de manhã. Porque os filhos sai, e tal... aí, não dão notícia, chega de manhã. E toda mãe, ela espera uma explicação, né, pra tudo aquilo que ela tá vendo*" (Charlii). "*A mãe, sabe como é, tem instinto de mãe, tal... aí, se preocupa mais com os filhos, e as irmãs também. A mãe tem mais aquele carinho, teve o filho nove meses... e tal*" (Gustavo).

Como trazido na história, o cuidado em relação ao homem que bebe parece ser associado à figura da mulher e ao espaço doméstico. Cabem à mãe e/ou à irmã as funções de preocupação e cuidado em relação aos homens e demais pessoas da casa, como signos de amor e dedicação esperados de um modelo positivo de mulher. Assim, como signos de modos valorizados de "ser mulher", é esperado das mulheres que elas performem preocupação e cuidado – o que, em geral, tende a ser significado e justificado pelo mito do "amor materno" (BADINTER, 1985), como algo natural, instintivo, relacionado à capacidade biológica do corpo de mulheres em gestar.

Mais uma vez, destaco as marcações de gênero em distinções público-privado, assim como em diferenças de atribuições e organização dos corpos nas relações interpessoais. Enquanto que aos homens, jovens e adultos, é reservado com certa naturalidade o espaço da rua; às mulheres é-lhes destinado o espaço da casa, com os respectivos correlatos culturais de um e outro ambiente – a exemplo dos "imponderáveis da rua", tais como brigas, assaltos, roubos e outras formas de violências. Ao contrário do que, em geral, acontece com as jovens, para os jovens não se trata de nenhuma subversão às normas sociais o fato de estarem bêbados na rua, ainda que o ideário do perigo e do risco perpassem os espaços públicos, em contraposição à ideia de proteção relativa ao privado, como ficam sinalizados, na fala dos irmãos, o risco e o

perigo, como a possibilidade de que algo ruim aconteça: "*O importante é que nós chegou bem em casa*" (Charlii).

A promessa feita a Deus para deixar de beber indica a religião como um espaço onde, por meio da figura do representante de Deus, o padre ou pastor, podem-se buscar apoio, cuidado, orientação e auxílio diante de dificuldades. A promessa consiste em um ato de comprometer-se, diante da divindade, em ofertar-lhe ou realizar alguma obrigação como forma de obter uma graça. Recorre-se a uma força externa, superior, como forma de pedir auxílio quando a autorregulação parece não ser suficiente para orientar a conduta segundo os preceitos da obra divina. Diante de potenciais riscos que podem perpassar as práticas de consumo de álcool, e da dificuldade em fazê-lo sozinho, portanto, conseguir parar de beber seria significado como uma graça, um benefício espiritual concedido por Deus ao sujeito.

Como salientou a personagem da mãe na encenação, no entanto, não basta pedir; é preciso um esforço pessoal no sentido de viabilizar o alcance da graça. Dizendo de outra maneira, é preciso esforçar-se continuamente para permanecer na retidão do caminho do "bem". Para tanto, segundo uma cisão entre mente e corpo, é sobre este último que se deve manter uma atitude constante de vigilância: evitar as paixões, os "prazeres da carne" para que o corpo, morada do Senhor, não seja utilizado por espíritos demoníacos, como trabalhado por Cinthia de Oliveira Silva (2011).

À exceção em muitos casos de festas de pessoas adeptas de religiões evangélicas[36], as bebidas estão imbricadas nas ideias sobre festividades e comemorações. Segundo Charlii, a presença de bebidas alcoólicas "*dá mais uma adrenalina na festa.* [É] *Um investimento... Dá mais uma visão pra festa, né, ter, rolar bebida.*" (sic). Gustavo mencionou que "*se não tiver bebida, a festa acaba rápido. As pessoas vão embora; quando não tem bebida, morga logo a festa.*" (sic). Esses jovens afirmaram que, no caso do videoclipe, se não tivesse bebida na festa, esta não aconteceria da forma como aconteceu: com muitas mulheres, todas dançando de forma

[36] Andréa comentou sobre a festa de aniversário de um irmão da igreja, em que houve consumo de champanhe, fato este que o fez receber uma sanção da igreja, tendo sido *disciplinado*. A disciplina é uma forma de punir por e, aos mesmo tempo, expiar o pecado. Funciona como uma lição do pecado que, uma vez cumprida, é aprendida pela/o pecadora/or, de modo que não volte a cometê-lo novamente. Como assinala Cinthia de Oliveira Silva (2011), aprender a lição do pecado implica a figura do pastor para pastorar a/o fiel nesse processo, assim como serve de exemplo às/aos demais fiéis para que não cometam o pecado. Trata-se do que Foucault caracterizou como *pastorado*, ou suas influências para os modos de vidas das pessoas. Consiste em um dispositivo cristão utilizado como forma de gerir a vida dos adeptos da doutrina religiosa, de modo que estes permaneçam a serviço de Deus e de sua obra. O poder pastoral opera por via da metáfora do pastor, que guia suas ovelhas para o caminho do bem, da salvação, portanto (FOUCAULT, 1978).

sensual. Ao contrário, disseram que as pessoas ficariam mais recatadas. Segundo Gustavo, "*quando fala 'festa', já entende amigos, música e bebida*.", e "*a diversão é* [justamente] *a bebida, a música e as pessoas.*" (sic).

O grupo refletiu sobre o que teria de fato motivado o rapaz a ir para a festa, visto que o mesmo só disse *sim* quando *a mulher* fez o convite, ao que ele respondeu "Oh, meu Deus, só hoje!". Gustavo comentou que "*o cara achou que ia pegar a nega, ia acontecer de tudo lá... dá um amasso nela.*" (sic). Dessa maneira, mulher, álcool e festa parecem se misturar, compondo uma tríade que tende a funcionar como uma "tentação aos prazeres da carne". Esta, por sua vez, acaba por exercer uma função de justificar a conduta do homem, colocando-a como inevitável diante da dificuldade ou impossibilidade de resistir a tal "pecado". Nesse sentido, o discurso religioso, em seu imperativo de controle sobre os riscos do pecado parece dar lugar às possibilidades de vivências de prazeres corporais.

Parece, dessa maneira, tratar-se de uma "tentação boa", visto que a promessa a Deus, apesar de sinalizar para a importância da religião na vida cotidiana de algumas pessoas – por exemplo, na relação com o que se entendem como "vícios" – na música, parece trazer humor à questão para, como contraponto, falar da centralidade de beber para homens. Seguindo essa compreensão, parar de beber pode significar uma incapacidade de aprender a beber, fazendo uma boa equação entre riscos e prazeres. O risco da "tentação", no entanto, quando se consegue essa equação, pode ser vivido como prazer. Assim, o marcador religião pode se interseccionar com gênero de maneiras diferentes quanto às expectativas em relação às mulheres e aos homens.

Arrisco pensar essas possibilidades de experiências com o risco em aproximação ao que Spink (2012) chamou de *risco-aventura*. Esse campo discursivo se caracteriza por uma positividade à ideia de risco, pela qual "correr riscos" se coloca como "prática necessária para alcançar determinados ganhos. Nessa perspectiva, a relevância está na satisfação subjetiva – inclusive na modalidade das emoções radicais – e não em uma lista predefinida de efeitos indesejáveis" (SPINK, 2012, p.46). No caso, prazeres correlatos ao beber, desde estar junto com as/os amigas/os no tempo livre, em atividades que proporcionam diversão, aos efeitos simbólicos e fisiológicos do consumo de álcool, e vivências afetivo-sexuais relacionadas a essas situações. As referências à diversão, à adrenalina e à instiga, como contraponto à "morgação" quando não se tem bebidas nas festas, caracterizam justamente essa dimensão positiva da aventura, que traz como correlatos as ideias de liberdade, superação de limites e emoção (SPINK, 2012).

Charlii compartilhou com o grupo uma experiência que julgo poder ser pensada a partir da noção do risco como aventura. Estava em uma festa e foi com uma menina para um quarto da casa, o qual não tinha porta. Ele e ela haviam bebido. Charlii contou: "*A gente tava lá, no maior amasso, naquele... gostoso, sem roupa já... aí entrou um monte de gente no quarto e pegou nós.*" (sic). Ele disse que colocou a culpa no álcool, mas que, de fato, tinham sido ambos, ele e a menina, responsáveis pela situação. No momento, nenhum dos dois sentiram vergonha porque, como disse, o álcool altera a adrenalina e a personalidade. No entanto, afirmou que no dia seguinte, depois de ter passado o efeito da bebida, sentiu-se muito envergonhado, assim como a jovem[37].

O consumo do álcool pode, em si, ser fonte de prazer, como "*se soltar, se libertar, ficar diferente... poder mostrar um lado da pessoa que normalmente não mostra*", como afirmou Gustavo, além de também funcionar como uma espécie de aditivo para o flerte, a paquera, o ficar, e para a transa, mediando ou facilitando vivências de prazeres sexuais. Na situação contada por Charlii, a aventura envolveu estar vulnerável à ação do outro, que decidiu invadir o quarto como forma de brincadeira, gozação. Desse modo, apesar da aventura ser, justamente, o risco de algo poder ser bom ou ruim, seus resultados ou efeitos não estão, necessariamente, alinhados com o prazer, podendo haver aí também sentimentos e emoções outros, a exemplo da vergonha, mencionada pelo jovem.

Ao mesmo tempo que "se soltar", "se libertar" foram trazidos como prazeres vivenciados por homens na relação com o consumo de bebidas alcoólicas, a possibilidade de ficar mais afoito[38] foi associada à ideia de risco como perigo, como possível envolvimento em brigas e mortes, por exemplo, por causa de traições. Além disso, acidentes de carros e motos

[37] É possível conjecturar que os efeitos dessa situação, vivenciados por Charlii e pela jovem, sua parceira nessa ocasião, tenham sido diferenciados, uma vez que ter a sexualidade tornada pública, em geral, é algo muito mais problemático para mulheres do que para homens, em termos de ter sua moral e honra socialmente questionadas. Casos desse tipo têm sido frequentes ultimamente, em que vídeos e/ou fotos de (jovens) mulheres em experiências privadas de sexualidade com parceiros ganham a cena pública através de postagens na Internet. Essa questão, denominada como *sexting*, tem sido objeto de pesquisas em países como os Estados Unidos, Inglaterra e Austrália. Trata-se de casos de violências de gênero, que, inclusive, já chegaram a provocar a morte de jovens mulheres, que cometeram suicídio. Em relação a isso, destaco peça publicitária veiculada pelo Ministério da Justiça no início do mês de fevereiro de 2015, parte integrante da campanha de prevenção do abuso de álcool, cujo objetivo é alertar as/os jovens para os riscos de tal prática relativa ao beber. Na peça intitulada "Bebeu, perdeu", duas jovens riem de uma terceira que, triste, olha seu celular. A mensagem na tela do aparelho diz: "Bebeu demais e esqueceu o que fez? Seus amigos vão te lembrar por muito tempo". Depois de muitas críticas, a peça foi retirada da página do Ministério no Facebook, por ser acusada de veicular conteúdo machista, como noticiou "O Globo" em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2015/02/ministerio-da-justica-tira-do-ar-publicidade-acusada-de-machista.html>.

[38] O mesmo que corajoso.

foram mencionados como possibilidade de colocar outras pessoas em risco, além de si mesmo. Assim, a cultura patriarcal também coloca homens em risco, ainda que não sejam os mesmos, ou da mesma forma, vivenciados por mulheres.

Sobre isso, Charlii disse que quando sai para beber com amigos chama cinco, dos quais três sabem dirigir, de modo que negociam quem vai ficar sem beber naquele dia para dirigir, forma de minimizar os riscos. No entanto, o mesmo jovem falou de uma ocasião curiosa. Um grupo de amigos, que saiu em um carro do centro do Cabo de Santo Agostinho para beber em Pontes dos Carvalhos (distrito de Cabo de Santo Agostinho), precisou decidir quem iria dirigir de volta para casa: Charlii, que não havia bebido e tinha pouca experiência em dirigir, além de ser menor de idade e não possuir habilitação para tal; ou, outro jovem, com permissão legal para dirigir e experiência nessa atividade, mas que havia bebido. Charlli disse que convenceu o grupo que o melhor seria que ele levasse o carro, e contou como foi essa experiência:

> *Eu não sei dirigir muito não, mas eu consegui trazer a galera de Pontes dos Carvalho até a 55 aqui. Tipo, o povo falando no pé do ouvido... Um dizia, acelera mais, acelera menos... Eu fui... até chegar em casa. Eu tava bom, né. Eu não sabia muito dirigir, tipo, pegar uma BR dessa aqui. Eu pego, assim... o caminho de casa, por ali... Mas eu nunca me garanti de pegar assim, a BR.*[...] *Porque, vê, se um cara viesse bebo, dentro daquele coisa, num horário daquele... todo mundo ali, eu acho que todo mundo ali tinha morrido, todo mundo.*

Entre os riscos relativos à inexperiência na direção e, por outro lado, dirigir sob o efeito de álcool, este último foi avaliado pelo grupo de amigos como potencialmente mais danoso. É possível que regulamentações da "Lei seca"[39] tenham perpassado essa avaliação de riscos realizada pelos jovens, na medida em que estabelece como crime, sujeito a diferentes possibilidades de penas, o ato de dirigir sob efeito alcoólico. Pode-se pensar que a percepção e a avaliação de riscos pelos jovens – quer dizer, perceber-se em risco, assim como, avaliar os "níveis" deste, relativos a diferentes situações – estariam relacionadas, de alguma forma, com o que se constrói socialmente como risco, neste caso, mediante a Política Nacional de Trânsito (2004). Trata-se do risco entendido em associação à noção de probabilidade de ocorrência de algum fato, o qual se julga como ruim, negativo (acidentes de trânsito); uma forma de, a partir

[39] Forma pela qual foi apelidada a Lei Nº 11.705, de 19 de junho de 2008, que, segundo sua própria redação, "altera dispositivos da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997, que institui o Código de Trânsito Brasileiro, com a finalidade de estabelecer alcoolemia 0 (zero) e de impor penalidades mais severas para o condutor que dirigir sob a influência do álcool, e da Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996, que dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumígeros, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal, para obrigar os estabelecimentos comerciais em que se vendem ou oferecem bebidas alcoólicas a estampar, no recinto, aviso de que constitui crime dirigir sob a influência de álcool.".

de cálculos estatísticos, estabelecer “medidas coletivas destinadas a gerenciar a distribuição e o movimeno das pessoas nos espaços físicos e sociais” (SPINK, 2012, p.46).

5.4 Entre a busca por prazeres e a vivência de desprazeres: a conviência com o risco

Na tentativa de sistematizar prazeres e riscos discutidos até aqui, relativos ao consumo alcoólico a partir das músicas trabalhadas e das cenas construídas pelos grupos de jovens, tem-se o seguinte (Quadro 3):

CONSUMO DE ÁLCOOL			
PRAZERES		**RISCOS**	
Mulheres	**Homens**	**Mulheres**	**Homens**
- Atitude para paquerar; - Vivência livre da sexualidade.	- Soltar-se; - Libertar-se; - Mostrar-se de forma não convencional; - Sentir-se diferente.	- Cair e se machucar; - Ser xingada, ficar mal falada; - Vivência “sem critérios” da sexualidade; - Sequestro; - Estupro; - Morte.	- Ficar afoito; - Envolvimento em brigas; - Fazer coisas que não deve; - Colocar-se, e ao outro, em risco; - Acidentes de trânsito; - Morte.

Quadro 3: Prazeres e riscos relacionados a práticas de consumo de álcool, para mulheres e homens.

Diante do que foi trabalhado nesse capítulo, percebo como podem ser variados os significados de prazeres e riscos trazidos pelas/os jovens. A depender de suas inserções, na relação com marcadores sociais, prazeres e riscos serão avaliados de maneiras distintas, tendo também diferentes pesos na orientação/regulação de práticas relativas ao consumo alcoólico.

Ao que percebo, riscos e prazeres estão envolvidos com a gestão do beber, para o que a questão do limite importa sobremaneira. Esta envolve uma complexidade, relacionando-se com diferentes variáveis, tais como: o que se bebe e em que quantidade, onde se bebe e com quem, quais os efeitos da bebida, por exemplo. A combinação de elementos como estes vai circunscrever as experiências etílicas em uma referência valorizada do beber, o “saber beber”. Aquelas experiências que não couberem nesta referência, vão compor um grupo relativo às experiências “mal sucedidas”, associadas à vivência de problemas. Assim, o “problema” é algo caracterizado somente *a posteriori*, podendo, no entanto, ser evitado.

Nesse sentido é que a ideia de risco perpassa as práticas de consumo de bebidas como um potencial que lhes é correlato. É também em referência à gestão do (limite de) beber que se caracterizam o risco, a vulnerabilidade e o prazer: “passar do limite” seria uma via possível, mas não a única, para “estar em risco”. Estar em risco, como trazido pelo grupo, a partir da noção de perigo, implica em estar vulnerável; quer dizer, estar à mercê do outro, parceira/o ou não, no sentido de um estar na dependência do outro, e, ao mesmo tempo, estar exposta/o a algum mal que aquele lhe possa fazer, ou, ainda, que possa ocorrer de modo mais amplo em um determinado espaço-tempo relativo às circunstâncias do beber.

Assim, risco e vulnerabilidade são elementos que podem caracterizar as experiências de jovens relativas ao álcool como situações derivadas do consumo; e não como características prévias, que as/os definem de antemão. As noções de risco e vulnerabilidade aqui trabalhadas foram entendidas como efeitos possíveis do consumo. Dessa maneira é que também as noções de riscos, problemas e danos relacionadas às práticas de consumo alcoólico precisam ser sempre avaliadas também de modo contextual.

Significados polissêmicos caracterizam diferentes noções de risco, assim como diferentes percepções de quando se está em risco; e ainda, se o risco vai poder ser vivido como perigo e/ou como prazer. É o caso do marcador religião, considerando-se sobretudo as religiões cristãs evangélicas, que tendem a circunscrever o consumo de álcool a partir da noção do vício, como um pecado, que precisa ser evitado por se constituir em risco para o projeto de salvação para a vida eterna. Por sua vez, marcadores sociais de gênero, na relação com posicionamentos sexuais, orientam, por exemplo, o que vai ser significado como risco e problema nas experiências com álcool a partir de diferentes códigos de moralidade e expectativas sociais em relação a mulheres e homens.

Mulheres e homens vivenciam prazeres em suas performances de gênero, mediadas pelo consumo alcoólico, como foi trazido pelos grupos a partir das encenações. Sentir-se desinibida/o, como efeito do álcool, implica no modo como as/os jovens performam lugares de mulheres e homens. Sentirem-se “livres” para se colocarem de forma mais ativa nas experiências de paqueras, por exemplo, pode funcionar como signos de poder às jovens, no sentido da capacidade de atração e sedução do outro, como, talvez, prazer em subverter expectativas sociais de gênero e colocar-se de modo mais ativo, diante dos e em coerência com seus desejos.

Referentes à autonomia podem caracterizar essa posição, de modo que estas jovens podem se ver assumindo outros lugares, que não aqueles estereotipados relativos às mulheres –

a exemplo do lugar da passividade, da reserva e do comedimento. Por outro lado, o homem que "se solta" e "se liberta" quando bebe parece atualizar potências segundo estereótipos de masculinidade: o "cara desenrolado", que tem dinheiro para beber, que sabe beber – ou seja, não se deixa ser "dominado" pela bebida – além do possível efeito de desinibição para assumir a iniciativa na paquera.

A percepção de riscos é orientada por valores e códigos morais, a exemplo daqueles relativos a padrões hegemônicos de gênero e sexualidade. Por exemplo, para as jovens, ao mesmo tempo que a liberdade relativa às experiências afetivo-sexuais foi significada como prazer, foram mencionados os riscos de se tornar mal falada na comunidade, ser sequestrada e estuprada justamente sob o rótulo e os estigmas que essa liberdade assumem para as mulheres em sociedades patricarcais.

Processos de culpabilização das mulheres, vítimas na realidade dessas violências, são frequentes como uma espécie de "preço" supostamente por elas assumido e pago por uma "escolha" de "se colocar" em situação de vulnerabilização, quer dizer, por embriagar-se, descumprindo regras relativas aos modos de ser mulher. Trata-se do que Tacinara Nogueira de Queiroz e Luís Felipe Rios (2013), chamam atenção para a violência que, em geral de maneira implícita, marcam trajetórias de subjetividades de mulheres. Violências de gênero que, de tão naturalizadas, tornam-se difíceis de serem percebidas por elas próprias em seu cotidiano, e que têm sua atualização no controle de suas práticas sexuais, na intersecção dos regimes de controle da família, da comunidade e da religião de modos mais contundentes[40]. Como afirmam, "A mulher é tida como culpada, até que se prove o contrário, sendo essa violência institucionalizada e incorporada [muitas vezes] pelas próprias mulheres" (QUEIROZ; RIOS, 2013, p. 320).

Por outro lado, os riscos mencionados pelo grupo relativos aos homens, tais como, "ficar afoito", o envolvimento em situações de disputas, como formas de ter coragem para desafiar o perigo e sobressair-se, são elementos que, novamente, dizem respeito aos estereótipos de masculinidade. Estes podem ser atualizados/reforçados por práticas de consumo de álcool, balizados pelo desafio de se controlar diante da bebida. Um bom desempenho nesse desafio pode caracterizar experiências prazerosas de consumo, ao passo que um desempenho não tão

[40] O que não quer dizer que as jovens não experimentem outras prerrogativas sobre sexualidade, ainda que valorizadas negativamente nesses espaços de sociabilidade, como é trabalhado pela autora e pelo autor na referida produção, como sugere seu título: "Ninguém é de ferro frente aos prazeres da carne: Organização da Sexualidade entre Mulheres Jovens de um Bairro Popular do Recife" (QUEIROZ; RIOS, 2013).

satisfatório pode resultar em questinamento quanto ao lugar de masculinidade conferido ao sujeito.

Chama atenção o fato de que, quando os homens bebem, a masculinidade parece estar em pauta por dois viéses. Por um lado, “ter que” beber para atingir um determinado estado, que é coerente com estereótipos referentes ao “ser homem”; por outro, afirmar-se no/do lugar de masculinidade pelo controle de si perante a bebida. Pelo primeiro viés, uma possibilidade de afirmação da masculinidade se faz expondo-se, assujeitando-se à bebida. Já no segundo, parece ser mediante o poder sobre a bebida, que se processa tal afirmação, por uma via histórica, que coloca o controle e a racionalidade como faces da mesma moeda, apregoando-a aos homens, como aqueles que conseguem controlar os próprios instintos.

Como afirma Mary Jane Spink (2000, p.160), “os riscos não são conceitos abstratos; são fenômenos socialmente situados, definidos no âmbito de uma formação social específica, de um determinado grupo [...] e por pessoas que têm uma trajetória específica”. Eles precisam ser compreendidos a partir de valores, sendo, portanto, moralizados e politizados (SPINK, 2000; LUPTON, 2000; JEOLÁS, 2007). Sobre corpos politizados incidem diferentes noções de risco, e, como consequência, diferentes possibilidades de vivências de prazeres, como acontece sobre corpos de mulheres e homens jovens. Articulam-se práticas sociais como “de risco”, como o consumo de bebidas alcoólicas, a depender de valores e marcações sociais. Na intersecção destas, encontram-se as/os jovens: corpos marcados pela condição juvenil, além das marcas de gênero, sexualidade e território.

Controles relativos à sexualidade acabam por funcionar também como importantes mecanismos de regulação sobre à relação jovens-álcool: controles em torno do beber funcionam a partir de/como regulações do corpo e da sexualidade das/os jovens. É interessante essa consideração, uma vez que Foucault (2005 [1999]) situa a sexualidade numa encruzilhada. Encontra-se entre o controle disciplinar do corpo-organismo, individualizante, na relação com instituições e formas permanentes de vigilância; e, processos biológicos amplos que concernem ao corpo-população, pelos quais a sexualidade se insere e adquire efeitos em termos mais globais. Nesse sentido, o saber da medicina precisa ser considerado em suas vias de intervenção, como um saber-poder atuante sobre o organismo e sobre a população, em seus processos (sócio)biológicos – pela produção de efeitos disciplinares e regulamentadores (FOUCAULT, 2005 [1999]).

Aos discursos dos riscos, articulam-se mecanismos de controle destes, quer pela via da disciplina dos corpos, como as práticas de (auto)cuidado, quer pelos dispositivos de segurança

como estratégias do governo de populações. É o que acontece, por exemplo, com os discursos que têm incidido sobre a/o jovens, como política de governo, posicionando-a/o como "agente estratégico de desenvolvimento", significativos, sobretudo, na região Suape.

Incidem efeitos dos discursos da promoção de saúde sobre prática juvenis, especificamente, quanto ao consumo de álcool. Estas/es são chamadas/os a gerenciar – assim como as famílias e a comunidade, ainda que por diferentes formas – a relação risco-práticas de (auto)cuidado como estratégias de ação de "políticas da vida", estratégias políticas de "fazer viver" (FERREIRA NETO; KIND, 2010). As práticas de (auto)cuidado pressupõem a (auto)vigilância e a (auto)disciplina, tendo em vista que o álcool se coloca, discursivamente, como concorrente à saúde e à qualidade de vida (FIORE, 2008), aspectos considerados fundamentais para avaliação do desenvolvimento social em um dado território.

Apesar dessas considerações, os riscos podem também ser significados como prazer e vividos a partir desse referente. Trata-se do que Deborah Lupton (2000) caracterizou como a oportunidade da incerteza ou uma prazerosa sensação de perigo, em que se sente que qualquer coisa é possível de acontecer; ou seja, o prazer de se sentir em risco. Segundo a autora, relativamente ao álcool, por exemplo, "efeitos fisiológicos são interpretados como falta de controle", o que seria acompanhado de uma sensação de libertação existencial do eu através da incerteza (LUPTON, 2000, p.39). O risco vivido como prazer, como aventura, consiste no risco desejado, prazeroso também, justamente, por fazer tensão com o perigo. A autora ressalta, no entanto, que efeitos e sensações do prazer dessa libertação são, muitas vezes, mais temidos do que bem vindos para as mulheres, diante do risco de serem reconhecidas como sexualmente disponíveis.

Apesar e a despeito dos discursos sobre risco, é possível afirmar que o consumo de bebidas alcoólicas, para mulheres e homens jovens que bebem, quer como motivações, quer como efeitos, é significado, sobretudo talvez, pela *busca por prazer*, por exemplo, em sensações corpóreas, como entorpecimento[41] e vertigem[42], e alterações de estados de consciência. Envolve, além disso, a busca pela própria sociabilidade, pelo prolongamento das oportunidades de estar junto com outras/os jovens. Como disseram, se não tem bebida, "a festa morga e a

[41] Segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2.0.1, entorpecimento quer dizer "ato ou efeito de entorpecer(-se)", sendo o torpor definido como um "sentimento caracterizado pela diminuição da sensibilidade e do movimento" do corpo.

[42] "Sensação de movimento oscilatório ou giratório do próprio corpo ou do entorno com relação ao corpo; tontura" (Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2.0.1).

gente vai logo para casa". Práticas de consumo alcoólico se convertem, portanto, em uma espécie de autorização ao excitamento, caracterizando potencialmente momentos de felicidade, como definiu Charlii:

> *Um momento de felicidade como se chama, né... Assim, como se diz, um momento de felicidade. É a mesma coisa, quando você tem um momento de felicidade, que você vai pra um piquenique, você vai à praia. Você tem aquele momento de felicidade porque você vai tá com seus amigos. Mas ali, você come, você bebe, você toma banho... A mesma coisa... uma festa. Você vai ali pra tá feliz, né, pra rir, pra mangar, tal, pa, pra...paquerar... Mas tudo isso traz felicidade pra pessoa. Um toco que a pessoa leva, o outro manga. É isso... Tudo isso traz felicidade, né. O cara chegar lá e dizer 'ei gatinha, você não é sol, mas ilumina meu caminho; e ela 'e daí?'. Aí, o cara...* [faz um gesto com a mão, indicando um movimento do rapaz se sair, se retirar da cena] (sic).

Ao passo que se multiplicam os discursos sobre riscos, assim como são percebidas as intersecções juventude-álcool, jovem-homem-álcool, jovem-mulher-álcool, por exemplo, multiplicam-se também as estratégias de controle dos mesmos, bem como as possibilidades de resistência, ou efeitos de resistência, segundo possibilidades de rupturas com ou borramentos do que está instituído – ainda que novos efeitos do controle venham a agir aí. Nessas tramas discursivas, entre "discursos e práticas, saberes e poderes, atravessados, concomitantemente, por dimensões regulatórias e disciplinares, e dimensões participativas e emancipatórias" (FERREIRA NETO; KIND, 2010, p.44) também se colocam as tensões entre beber e não beber. Tensões entre possibilidades de relações e práticas de controle e de liberdade – entendida no campo da resistência, como a possibilidade de operar com uma determinada perspectiva contra submissão; "uma prática ético-política de invenção de novos modos de subjetivação, novas formas de coexistência" (FERREIRA NETO; KIND, 2010) – como formas de conduta, "o ato de conduzir os outros; maneira de si comportar em um campo mais ou menos aberto de possibilidades" (MENEZES, 2002), e contra conduta, como forças que resistem aos procedimentos de controle. Trata-se de uma questão política, portanto, o que se estabelece e se percebe como riscos e prazeres, a possibilidade de compreensão de ambos como opostos ainda que correlatos, bem como o que se preconiza em termos de suas gestões, sobre o que pesam valores sociais, históricos e culturais.

Para pensar a relação risco-prazer, importou, sobremaneira, o marcador social gênero em articulação com o marcador referente ao posicionamento sexual. Ainda que o risco, no caso dos jovens, seja associado ao perigo, como nas possibilidades de beber e se envolver em situações de violência, parece prevalecer, enquanto discursos circulantes sobre o consumo de álcool, as possibilidades de prazer existentes no universo das bebidas, nas festas, nos shows,

nos momentos de lazer com amigas/amigos. Trata-se de risco vivenciado a partir da aventura, na relação com o prazer. Já para as jovens, parece circular de maneira mais contundente o discurso que coloca a possibilidade do perigo como consequência imediata dos prazeres. Ainda que não se possam negar experiências do risco como perigo para os jovens, e do risco como aventura e prazer para as jovens, parece, em alguma medida, fazer sentido a distinção discursiva quanto ao gênero: segundo a tríade *beber-vivência sexual-prazer* para eles, e *beber-vivência sexual-perigo* para elas.

No tocante aos aspectos das relações grupais em articulação à perspectiva da pesquisa-intervenção, aponto para as dificuldades dos jovens em tensionar a ideia do "corno" como um forte xingamento para homens, o que, em última análise, pauta-se em uma lógica discriminatória em relação às mulheres quanto ao número de seus parceiros sexuais. De modo semelhante, também foi difícil, com os jovens do grupo, tentar desestabilizar a lógica de que o homem que "dá em cima" de mulher bêbada, não estaria "se aproveitando" desta, mas, somente agindo de acordo com o que estaria posto e seria esperado: ao homem caberia a postura ativa, na situação da paquera, segundo uma concepção "naturalizada" e normatizada das relações afetivo-(hetero)sexuais.

Destaco o posicionamento das jovens que compuseram o grupo da segunda cena. Saory, Raiane e Andréa insistiam em questionar, visibilizar e criticar posicionamentos e relações de gêneros desiguais, em que as mulheres tendem a ocupar um lugar subalterno em relação aos homens em termos de acesso e garantia de direitos, sobretudo de direitos sexuais. Em vários momentos, as jovens, sobretudo Saory e Andréa entraram em embates com Emanoel e Charlii, reivindicando o direito de mulheres terem quantos parceiros quiserem sem precisar correr o risco de serem discriminadas por causa disso.

Emanoel, único jovem que era integrante do Ação Juvenil, em geral permanecia calado diante dos questionamentos das jovens. Esse tipo de reivindicação parecia ser-lhe algo novo, que tensionava, na medida em que se anunciavam outras possibilidades de pensar sobre relações sociais entre homens e mulheres. O seu retorno nesse último encontro, bem como seu comentário final, avaliando de modo positivo sua participação nessa experiência apontam para o aspecto potente dessa ação, como o desejo de retornar e participar, tomar parte em processos de reflexão-ação em torno de relações cotidianas e das desigualdades pelas quais aquelas tendem a se pautar e atualizar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"... às vezes terminamos porque é um bom momento,
porque não é possível avançar muito mais ou
porque os caminhos estão fechados"

Peter Spink

Considero que esse é um momento muito mais de síntese do que de conclusão ou fechamento da discussão. Síntese do que busquei construir com as/os interlocutoras/es, também a partir dos encontros teóricos que me foram possíveis no processo de construção deste trabalho. Retomando as inquietações iniciais, fui impulsionada por uma curiosidade relativa ao consumo de álcool por jovens, sobretudo na sua relação com os discursos que o circunscrevem a partir do "excesso" e do "problema".

Refletir sobre significados que jovens da região Suape – juventude em uma condição específica de desenvolvimento – atribuem ao consumo de bebidas alcoólicas, da forma como compreendi a questão, implicou tentar trilhar caminhos no intuito de buscar visibilizar outras faces do assunto, diferentes experiências de jovens com o álcool. Nesse sentido é que visualizo o *prazer*, ou sua possibilidade, como fio condutor das reflexões aqui construídas: o prazer do encontro, da sociabilidade e do lazer, tempo-espaço onde é possível vivenciar o prazer de "estar junto". Assim, o prazer foi visto como possibilidade, motivação e efeito na relação com o consumo do álcool por jovens.

Como prática coletiva, o beber foi trazido a partir dos contextos da família e do grupo de amigas/os, destacando-se aí o marcador geracional para compreender diferenças entre ambos os contextos. Diante das hierarquias geracionais que marcam as relações familiares, o grupo de amigas/os se apresenta como um espaço de sociabilidade no qual são potencializados o lazer e a diversão. O álcool, para aquelas/es que bebem, caracteriza-se aí como um extensor das relações do tempo em que se está junto entre pares, espaço-tempo em que são possibilitadas experimentações de si mais distantes dos olhos vigilantes de familiares e de adultos da comunidade.

As distinções público-privado também se colocaram nas formas de beber das/os jovens. Bebe-se junto à família no espaço privado da casa, e bebe-se com o grupo de amigas/os em espaços públicos, tais como praças e "festas de rua", mas também no privado, quando na

ausência de familiares e responsáveis. Nesse sentido, os marcadores território e geração parecem se interseccionar para qualificar contextos mais ou menos interessantes e divertidos para as/os jovens. Uma marcação socioeconômica delineia lugares das cidades que são menos acessados por elas/eles para meios/fins de sociabilidade e lazer, a exemplo de restaurantes e pizzarias, o que se coloca de modo mais acentuado para algumas/ns jovens, indicando diferenças intragrupais mesmo no que poderia se entender como um grupo de jovens de "camadas populares". Além disso, o território se presentifica no estigma relativo aos "baianos", em que as bebidas parecem ser compreendidas como um mote para "comportamentos violentos" relacionados, de forma estereotipada, aos homens recém-chegados nas cidades em virtude do "desenvolvimento".

Destaco o marcador religião como uma novidade do campo, no sentido de que não havia sido elencado *a priori* como um marcador com o qual eu trabalharia a questão do consumo de bebidas alcoólicas, tendo-se apresentado, no entanto, de maneira central para pensar o não beber. Como via de controle do corpo, a religião emergiu como forma de controle das "tentações da carne", pelo destaque dos riscos envolvidos nos prazeres do corpo, mediante restrição ou mesmo prescrição do não uso de bebidas, para mulheres e homens. Essa questão aponta para o lugar central da sexualidade nas experiências juvenis relativas ao álcool, as quais, segundo a referência religiosa cristã, precisam ser evitadas para a realização do projeto de salvação à vida eterna.

Como trazido também pelo grupo, vivências afetivo-sexuais que compõem cenas em cenários de consumo de bebidas alcoólicas, a exemplo de festas em casas de amigas/os, shows, e brincadeiras, como o jogo "Verdade ou Consequência". Trata-se de situações nas quais, pela mediação do álcool – pela ingestão e/ou por seus efeitos simbólicos contextuais de relaxamento e evocação para o prazer – parecem criar condições que tendem a facilitar experimentações/experiências afetivo-sexuais, trazendo, mais uma vez, o prazer como via de compreensão do consumo de álcool por jovens.

O marcador gênero, de maneira bastante significativa, vem a reboque desses aspectos relativos à sexualidade para falar sobre e regular posicionamentos sexuais, quer dizer, formas de vivenciar a sexualidade, de mulheres e homens jovens. Tem-se um exemplo disso nas significações de prazeres e riscos relativos ao consumo de bebidas alcoólicas. De acordo com o que foi visto sobre tais significações, discursos sobre o risco compreendido a partir da positividade e da potencialidade do prazer da aventura, tendem a pesar mais em relação às experiências dos jovens com o álcool, ao passo que sobre as experiências das jovens – enquanto

narrativas, formas de contá-las e compreendê-las – parecem incidir de maneiras mais contundentes os discursos que relacionam o risco ao perigo.

Aqui, pesa o controle sobre o corpo e a sexualidade das mulheres, sobretudo de mulheres jovens, "casadouras", como sugere – pela indicação das consequências do "descontrole" – a imagem da "mulher bêbada" em peça em barro de artesão caruaruense, trazida na introdução. Essas questões pesam em termos de modelos de masculinidade e feminilidade. Ainda que os sujeitos, nas suas vidas cotidianas, não correspondam a tais modelos em sua forma absoluta, eles funcionam como ordenadores simbólicos úteis para refletir sobre a complexidade das relações sociais (TONELI, 2004).

Riscos e prazeres, definidos de forma fluida em contextos relacionais caracterizam, ao meu ver, o que seria a aventura de se colocar exposta/o ao outro, quer dizer de estar vulnerável ao outro (CAVARERO; BUTLER, 2007), o que pode significar uma oportunidade de incerteza em que é possível experimentar uma prazerosa sensação de risco; oportunidades do sujeito se experimentar e se conhecer em diferentes situações. Tem-se, aí, uma condição de reciprocidade de estar exposta/o ao outro e de ser o outro a quem este se expõe e, no entanto, de vivências de efeitos distintos derivados dessa exposição para mulheres e homens: estes, que parecem "exibir masculinidade" na gestão do consumo; aquelas, que podem ficar "mal faladas".

No discurso trazido pelas jovens nas rodas de conversa, parece haver uma reivindicação, também por parte de jovens evangélicas que não bebem, por Direitos Sexuais, pelo direito de mulheres jovens poderem vivenciar a sexualidade da forma como desejarem, sem sofrer violências nem discriminações por isso. No entanto, parece haver um paradoxo entre a noção de Direitos Sexuais e a forma como a/o jovem/adolescente é visto socialmente, em geral a partir dos referentes da imaturidade e irresponsabilidade, os quais a/o posiciona como incapaz de se autogovernar, de cuidar de si de forma autônoma e racional, como pressupõe o discurso liberal que ancora a noção de direitos (TONELI, 2004). Essa parece ser uma luta enfrentada no cotidiano das/os jovens, luta que se faz nas tensões de intersecções entre geração, sexualidade/posicionamento sexual e gênero, tendo em vista que parece se intensificar para as jovens mulheres.

Arrisco dizer que o que está em questão, antes do "problema do álcool", parece ser o "problema" da sexualidade das mulheres. Nesse sentido, julgo ser pertinente a pergunta: "E as jovens, cujas experiências etílicas/sexuais borram essas normas de gênero?". Quais seriam seus efeitos? Quais estratégias são por elas utilizadas? Seriam formas de resistências postas em ação?

A que e por quais vias? São indagações, dentre tantas outras possíveis, que se colocam nesse momento, e que abrem novos caminhos e possibilidades de Diálogos.

A escrita que ora ensaiei se fez a partir do movimento de (re)contar narrativas das/os jovens, tecidas nos espaços-tempos das rodas de conversa. Narrativas aparentemente pouco visibilizadas no campo relativo às discussões sobre o consumo de álcool na Psicologia. Neste caso, seja talvez contar, e não "recontar". Nesse movimento, no entanto, re-textualizar o outro, como fala Peter Spink (2003), é algo inegável. Entre rodas, conversamos em grupo, e agora, apresentei o que me foi possível falar sobre esses encontros.

Reconheço o lugar da representação, como trabalhado por Spivak (2010). Aqui, representação se refere ao lugar ocupado pela/pelo intelectual na construção de conhecimento: o lugar inevitável de representar o outro. Visibilizo tal lugar como forma também de me responsabilizar pelas narrativas que apresento à minha leitora e ao meu leitor. Neste trabalho, não apresentei a voz das/os jovens, mas a voz das/os jovens em mim. Admito, por fim – e como forma de continuar o diálogo – a própria condição de vulnerabilidade dos encontros humanos e, assim, desta pesquisa: empreendimento tecido de maneira relacional, entre encontros e desencontros, a partir de possibilidades de *inter-invenção*.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wndel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. Em: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da juventude brasileira*: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2005, p.37-72.

ABRAMOVAY, Miriam; WAISELFISZ, Júlio Jacobo; ANDRADE, Carla Coelho; RUA, Maria das Graças. *Gangues, galeras, chegados e rappers*: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília, Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Secretaria de Turismo e Lazer do Distrito Federal e Garamond, 1999.

ADRIÃO, Karla Galvão. Perspectivas feministas na interface com o processo de pesquisa-Intervenção-pesquisa com grupos no campo. *Psi. labrys, études féministes/estudos feministas,* julho/dezembro 2014. Disponível em: <http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys26/psy/KARLA.htm>. Acesso em 20 dez. 2014.

ALCÂNTARA JÚNIOR, José. O conceito de sociabilidade em George Simmel. *Ciências Humanas em Revista,* v.3, n.2, 2005.

ALMEIDA, N. O. G. L; CASTRO, M. G.; MIRANDA, M. B. S. Juventude, gênero, família e sexualidade. Combinando tradição e modernidade. Em: BORGES, A.; CASTRO, M. G. (orgs). *Família, gênero e* gerações: Desafios para as Políticas Sociais. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 45-110.

ANDRADE, Renata Candido de et al. Prevalência de transtornos psiquiátricos em jovens infratores na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): estudo de gênero e relação com a gravidade do delito. *Ciênc. saúde coletiva*, vol.16, no.4, p. 2179-2188, 2011.

ARAUJO DE MORAIS, Normanda; RAFFAELLI, Marcela; KOLLER, Silvia Helena. Adolescentes em situação de vulnerabilidade social e o continuum risco-proteção. *Avances em Psicologia Latinoamericana,* v.30, n.1, p.118-137, 2012.

ARCARO, Rosevane; GONÇALVES, Teresinha Maria. Identidade de lugar: um estudo sobre um grupo de moradores atingidos por barragens no município de Timbé do Sul, Santa Catarina. *RA'EGA*, v. 25, p. 38-63, 2012.

ARTIGAS, José Henrique Artigas de. Mesa Redonda (Apresentação Oral) intitulada:O Projeto de Suape e suas relações econômicas e socioambientais. Em: *65ª Reunião Anualda SBPC* – Recife, PE – julho/2013.

AYRES, José Ricardo de C. Mesquita et al. O risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. Em: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; MINAYO, Maria Cecília de Souza; AKERMAN, Marco; DRUMOND Júnior, Marcos; CARVALHO, Yara Maria de. *Tratado de saúde coletiva*. Rio de Janeiro: Hucitec; Fiocruz, 2006. p.375-417. (Saúde em debate, 170). Disponível em: <http://sesi.webensino.com.br/sistema/webensino/aulas/12442_1777/risco_vul.pdf>. Acesso em 13 fev. 2015.

AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. *Revista Estudos Feministas*, n.18, v.1, p. 175-188, 2010.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado:* o mito do amor materno; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, 370 p.

BECKER, Howard. *Outsiders:* estudos de sociologia do desvio. Tradução Maria Luiza X. de Borges. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008 [1928].

BEIRAS, Adriano; NUERNBERG, Adriano; ADRIÃO, Karla. Estudos de gênero na psicologia brasileira – perspectivas e atuações da terceira geração. Em: Athenea Digital, v.12, n. 3, p. 213-224, 2012.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* (26), 2006 [1996], p.329-376.

BRASIL ARAUJO, Renata; DE ALENCAR OLIVEIRA, Maria Maria; CEMI, Jeferson. Desenvolvimento de role-playing para prevenção e tratamento da dependência de drogas na adolescência. *Psicologia: Teoria e* Pesquisa, v.27, n.3, p.347-355, 2011.

BRASIL. Decreto nº. 6.117 de 23 de maio de 2007. Aprova a Política Nacional sobre o Álcool, dispõem sobre as medidas para redução do uso indevido de álcool e sua associação com a violência e criminalidade e dá outras providências. *Diário Oficial da União.* Brasília: 2007.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. *A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas*/Ministério da Saúde. 2.ed. rev. ampl.– Brasília: Ministério da Saúde, 64 p., 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde/Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Pesquisa Nacional de Saúde Escolar*. Rio de Janeiro. 2009.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". Em: LOURO, Guacira Lopes (org). *O Corpo educado* – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade***.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Alessandra Costa. O CAPS AD e o atendimento aos adolescentes usuários de drogas ilícitas em Juiz de Fora/MG. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 179p., 2010.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Em: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (orgs). *Racismos Contemporâneos.* Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

CASSAB, Maria Aparecida; CASSAB, Clarice. Juventude: técnica e território. Em: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008. p. 244-266.

CASTRO, Lucia Rabello de. Juventude e Socialização Política: atualizando o debate. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 25, n. 4, p. 479-487, 2009.

CASTRO, Marta de Lima; CUNHA, Sergio Souza da; SOUZA, Delma P. Oliveira de. Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT. *Revista de Saúde Pública*, v.45, n.6, p.1054-1061, 2011.

CAVARERO, Adriana; BUTLER, Judith. Condição humana contra "natureza". *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 647-662, setembro-dezembro, 2007.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; DESOUSA, Diogo Araujo; MELO NETO, Othon Cardoso de. Sexualidade do trabalhador na construção civil: percepções sobre a exploração sexual de crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.25, n.3, p. 578-588, 2012.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

CORRÊA, Sonia; PETCHESKY, Rosalind. Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.6 (1/2), p. 147-177, 1996.

COSTA, Letícia Graziela da. *A rede de apoio social e afetiva de jovens em situação de vulnerabilidade social e o uso de drogas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Psicologia. 93p, 2009.

DAYRELL, Joarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação* v.24, p. 40-52, 2003.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. (orgs) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.* Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira; DALBOSCO, Carla. A política e a legislação brasileira sobre drogas. Em: BRASIL. Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias.* 5ª ed. Brasília: SENAD, p.216-234, 2013.

DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira; STEMPLIUK, Vladimir de Andrade; BARROSO, Lúcia Pereira (orgs). *Relatório Brasileiro sobre Drogas*. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília: SENAD. 2009.

FERREIRA NETO, João Leite; KIND, Luciana. Promoção da saúde: uma discussão teórico-metodológica a partir de Foucault. Em: LIMA, Elizabeth Araújo; FEREIRA NETO, João Leite; ARAGON, Luís Eduardo. *Subjetividade contemporânea*: desafios teóricos e metodológicos. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2010, p. 43-60.

FERREIRA, Pedro Moura. Delinquência juvenil, família e escola. *Análise Social*, v. XXXII (143), p. 913-124, 1997.

FIORE, Maurício. Prazer e risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de "drogas". Em: LABATE, Beatriz Caiuby [et al.] (orgs). *Drogas e cultura*: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 141-153.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade (entrevista com H. Becker, R. Fomet-Betancaurt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984). Em: *Ditos & Escritos V* – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 99-116.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. Em: _____. 1926-1984. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1876); tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1999]. – (Coleção tópicos)

FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Poder. Em: *Ditos e Escritos V*: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003.

FRANÇA, Jacira. "SIMMEL, George. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006, 118 páginas." *Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE*, v.13, n.2, p.207-211. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/35750956/George-Simmel. Acesso em 16 mar. 2014.

FRANCH, Mónica. Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 240p., 2000.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 70 p., 2007. (Coleção Passo-a-passo; 80).

GERGEN, Kenneth J. A Psicologia Social como História. *Psicologia & Sociedade*, v.20, n.3, p. 475-484, 2008.

GOLDMAN, M. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 149-153, 2005.

GOLVEIA, Valdiney; PIMENTEL, Carlos Eduardo; LEITE, Paula Rachel Louro; ALBUQUERQUE, Juliana Rodrigues de; COSTA, Thiago Araújo Bezerra da. Escala de atitudes frente ao uso de álcool: descrevendo seus parâmetros psicométricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.29, n.4, p.672-685, 2009.

GROSSI, Miriam. Na busca do "outro", encontra-se a "si mesmo": repensando o trabalho de campo a partir da subjetividade do(a) antropólogo(a). *Trabalho de Campo e Subjetividade*. Florianópolis, n. 1, p. 07-18, 1992.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? Em: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2005, p. 149-175.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* v.5, p.07-41, 1995.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista de Estudos Feministas*, n.1, CIEC/ECO/UFRJ, primeiro semestre, p.7-31, 1993.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. Em: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado* – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 113-118.

IPEA, 2010. *Perspectivas do desenvolvimento brasileiro*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea, 145 p., 2010. (Série Eixos Estratégicos do Desenvolvimento Brasileiro, Livro 10).

JANSEN, Karen; MONDIN, Thaíse; ORES, Liliane da Costa; SOUZA, Luciano Dias de Mattos; KONRADT, Caroline Elizabeth; PINHEIRO, Ricardo Tavares; SILVA, Ricardo Azevedo da. Transtornos mentais comuns e qualidade de vida em jovens: uma amostra populacional de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v.27, n.3, p.440-448, 2011.

JEOLÁS, Leila Sollberger. O Diálogo Interdisciplinar na Abordagem dos Riscos: limites e possibilidades. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.19, n.1, p.9-21, 2010.

JEOLÁS, Leila Sollberger. *Práticas de risco nas comunidades on-line sobre velocidade:* entre o prazer e o medo, s/a, 2007. Disponível em: <http://conferencias.iscte.pt/viewpaper.php?id=37&cf=3>. Acesso em: 13 fev. 2015.

LACOMBE, Andrea. Ler[se] nas entrelinhas. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

LEMOS, Kleuber Moreira; NEVES, Nedy Maria Branco Cerqueira; KUWANO, AndréYoichi; TEDESQUI, Gustavo; BITENCOURT, Almir Galvão Vieira; NEVES Flávia Branco Cerqueira Serra; GUIMARÃES, Adréia Nunes; REBELLO, Andrea; BACELLAR, Fernanda; LIMA, Mônica MOTTA. *Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). Revista de Psiquiatria Clínica*, v.34, n.3, p.118-124, 2007.

LONGHI, Marcia Reis. Viajando em seu cenário: reconhecimento e consideração a partir de trajetórias de rapazes de grupos populares do Recife. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Antropologia. 256 f., 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46, p. 201-218, dez, 2007.

LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. *Educação & Realidade*, n.25, v.2, p,15-48, 2000.

MALHEIROS, João Carlos de Meneses. *Percursos "de dentro" e "de fora": juventudes, bares e escola*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas, Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, 172p., 2012.

MALTA, Deborah Carvalho; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros; PORTO, Denise Lopes; DUARTE, Eliane Aparecida; SARDINHA, Luciana Monteiro; BARRETO, Sandhi Maria; MORAIS NETO, Otaliba Libânio de. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.14, n.1, p.136-146, 2011.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n.3, p. 483-505, setembro-dezembro, 2005.

MARÍN-LEÓN, Leticia; OLIVEIRA, Helenice Bosco de; BOTEGA, Neury José. Mortalidade por dependência de álcool no Brasil: 1998 - 2002. *Psicologia em Estudo*, v.12, n.1, p.115-121, 2007.

MARLATT, G. A. Harm Reduction: come as you are. *Addictive Behaviors*, v. 21, n. 6, p. 779-788, 1996.

MAYORGA, Claudia; CASTRO, Lucia Rabello de; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Apresemtação: a participação social e política juvenil como questão. Em: _____ (orgs). *Juventude e a experiência da política no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

MAYORGA, Claudia; PINTO, Geíse Pinheiro. Juventudes: a pluralização da experiência ou a invisibilidade das relações de poder. Em: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de (orgs). *JUBRA*: territórios interculturais de juventude. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 101-114.

MCCARTHY, Julie; GALVÃO, Karla. Projeto Artpad: um recurso para teatro, participação e desenvolvimento. [S. l.]: Centre for applied theatre research, 2001.

MENEZES, Jaileila de Araújo. Cuidado de si e gestão da vida: da ética grega ao biopoder (cuidado de si e gestão da vida). *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v. 14, n.2, p. 95-109, 2002.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, S F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.35-42, 1998.

MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (orgs). *Gênero e drogas*: *contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI (Série Homens e Políticas Públicas). 2011.

MORAES, Maristela; Gênero e usos de drogas: por que é importante articular esses temas? MORAES, Maristela; CASTRO, Ricardo; PETUCO, Dênis. (orgs). *Gênero e drogas*: *contribuições para uma atenção integral à saúde*. Recife: Instituto PAPAI (Série Homens e Políticas Públicas). 2011, p. 15-20.

MORENO, Rafael Souza; VENTURA, Renato Nabas; BRÊTAS, José Roberto da Silva. O uso de álcool e tabaco por adolescentes do município de Embu, São Paulo, Brasil. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v.44, n.4, p. 969-977, 2010.

MOYA, Josefa Gómez. Mujeres y uso del alcohol en las sociedades contemporâneas. *Revista Española de Drogodependencias*, v. 35, n.3, p. 273-284, 2010.

NASCIMENTO, Andréa dos Santos; MACEDO, Davi Manzini; RAFALSKI, Julia Carolina; ABREU, Lorena Dias de; LIMA, Mayara Gama de. Álcool, direção automotiva e o Programa Vida Urgente na visão de jovens voluntários. *Psico-USF (Impr.)*, v.16, n.2, p. 233-240, 2011.

NASCIMENTO, Maria Anezilany Gomes do; SILVA, Cícero Nilton Moreira da. Rodas de Conversa e oficinas Temáticas: Experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em Geografia. Em: *10° Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia*, Porto Alegre, 2009.

NICASTRI, Sérgio. Drogas: classificação e efeitos no organismo. Em: BRASIL. Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias.* 5ª ed. Brasília: SENAD, 2013, p.18-41.

NOGUEIRA, Conceição. A teoria da interseccionalidade nos estudos de género e sexualidades: condições de produção de "novas possibilidades" no projeto de uma psicologia

feminista crítica. Em: ZANELLA, A. V.; BRIZOLA, A. L. C.; GESSER, M. *Práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos*. Santa Catarina: ABRAPSO, 2013, p. 227-248.

NUCCI, Guilherme de Souza. *Crimes contra a dignidade sexual*: comentários à Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

OLIVEIRA, Mariana Lins de. *A gestão dos riscos nas políticas de juventude:* um estudo a partir dos egressos do ProJovem. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 156 p., 2011. (Coleção Teses e Dissertações).

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. 2. ed. Lisboa : INCM, 2003.

PALUDO, Simone dos Santos; SCHIRÒ, Eva Diniz Bensaja dei. Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v.17, n.3, p. 397-404, 2012.

PARKER, Richard. Corpos e prazeres. Em: _____. Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo, 1991.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. Juventudes rurais nos pequenos municípios do Nordeste do Brasil. Uma breve reflexão acerca do desenvolvimento rural. Em: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de (orgs). *JUBRA*: territórios interculturais de juventude. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 325-341.

PECHANSKY, Flavio; SZOBOT, Claudia Maciel; SCIVOLETTO, Sandra. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol.26, supl.1, p. 14-17, 2004.

PERALVA, Angelina. *Violência e Democracia*: Paradoxo Brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes; SUDBRACK, Maria Fátima Oliver. Drogadição e atos infracionais na voz do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.24, n.2, p. 151-159, 2008.

PINSKY, Ilana; JUNDI, Sami A. R. J. El. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol.30, n.4, p.362-374, 2008.

PINSKY, Ilana; LABOUVIE, Erich; LARANJEIRA, Ronaldo. *Disposição e alternativas ao dirigir alcoolizado entre jovens paulistanos*. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v.26, n.4, p.234-24, 2004.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e* Cultura, v.11, n.2, jul/dez, p.263-274, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. Em: COSTA, Claudia de Lima; SHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, 240 p.

PLEYERS, Geoffrey. Prefácio. Em: MAYORGA, Claudia; CASTRO, Lucia Rebello de; PRADO, Marco Aurélio Maximo (orgs). *Juventude e a experiência da política no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Estudos Feministas*, v. 15, n. 1, p. 45-66, 2007.

QUADROS, Marion Teodósio; MENEZES, Josineide. A abordagem de direitos sexuais e direitos reprodutivos na escola. Em: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio (orgs). *Gênero, diversidade e desigualdades na educação***.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

QUEIROZ, Tacinara Nogueira de; Rios, Luís Felipe. Ninguém é de ferro frente aos prazeres da carne: Organização da Sexualidade entre Mulheres Jovens de um Bairro Popular do Recife. Em: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de (Orgs). *JUBRA*: territórios interculturais de juventude. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 309-321.

RIOS, Luís Felipe et al. Rumo à adultez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. Cad. CEDES, Campinas, v. 22, n. 57, ago. 2002.

RIOS, Luís Felipe. Entrevista sobre AIDS e sexualidade, concedida à Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. 2012. Disponível em: <http://www.sbmt.org.br/site/corpo_texto/157/>. Acesso em: 14 nov. 2012.

RIOS, Luís Felipe. *Formulário de apresentação de projetos – Desenvolvimento e Cidadania Petrobras*. Referente ao projeto desenvolvido pelo Departamento de Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFPE, Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape, 2010.

ROCHA,' Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.23, n.4, p. 64-73, 2003.

RODRIGO, Jiménez M. L.; ORDAZ, Guzmán R. Género y usos de drogas: dimensiones de análisis e intersección con otros ejes de desigualdad. *Oñati Socio-legal Series* [online], 2 (6), 77-96, 2012. Disponível em: < http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2111917>. Acesso em 13 fev. 2015.

RODRIGUES, Celeste de Souza; MALTA, Deborah Carvalho; GODINHO, Tatau; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros; SILVA, Marta Maria Alves da; SILVA, Rurany Ester. Acidentes e violências entre mulheres atendidas em Serviços de Emergência Sentinela - Brasil, 2009. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.17, n.9, p.2319-2329, 2012.

ROMERA, Liana Abrão. *Juventude, lazer e uso abusivo de álcool*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, 163p., 2008.

SANCHEZ, Zila van der Meer; NAPPO, Solange Aparecida. Seqüência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. *Revista de Saúde Pública*, v.36, n.4, p.420-430, 2002.

SANTANA, Carolina Carvalho Silva. *Perfil sociodemográfico e do consumo de substâncias psicoativas dos adolescentes e adultos jovens atendidos no CAPS ad, Feira de Santana/Bahia*. Dissertação (Mestrado em Medicina Preventiva) - Universidade de São Paulo, 251p., 2009.

SCOTT, Joan. Experiência. Em: SILVA, Alcione Leite et al. (Orgs). *Falas de gênero*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 1999, p.21-55.

SCOTT, Parry; SANTOS, Dayse Amâncio dos; SOUZA, Rosangela Silva de; ACIOLY, Rafael de Freitas. *Patrilocalidade precarizada:* práticas parentais e gravidez na adolescência no Porto de Suape. Trabalho apresentado na XV Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais – Pré-Alas, Brasil, no GT Gênero, Política, feminismos e desenvolvimento, de 04 a 07 de setembro, em Teresina, 2012.

SHUÑA, Rocio del Pilar Bravo. Diálogos sobre sexualidade com as/os adolescentes/jovens de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca – PE. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Psicologia, 163 f., 2014.

SILVA, Cinthia de Oliveira. *"Deus rechaça o pecado, mas acolhe o pecador". Religiosidade e HIV/AIDS: um estudo de caso sobre a resposta evangélica a epidemia em Recife.* Recife, 2011. 100 páginas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós–Graduação em Psicologia, 2011.

SILVA, Luiz Henrique Prado da; BORBA, Letícia de Oliveira; PAES, Marcio Roberto; GUIMARÃES, Andréa Noremberg; MANTOVANI, Maria de Fátima; MAFTUM, Mariluci Alves. Perfil dos dependentes químicos atendidos em uma unidade de reabilitação de um hospital psiquiátrico. *Escola Anna Nery*, vol.14, n.3, p.585-590, 2010.

SILVEIRA, Camila Magalhães; SILVEIRA Clóvis Castanho; SILVA, Janaina Guzzardi da; SILVEIRA, Lígia Magalhães; ANDRADE, Arthur Guerra de; ANDRADE, Laura Helena Silveira Guerra de. Epidemiologia do beber pesado e beber pesado episódico no Brasil: uma revisão sistemática de literatura. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v.35, n.1, p.31-38, 2008.

SILVEIRA, Camila Magalhães. Padrões de consumo do álcool na população brasileira. Em: BRASIL. Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias.* 5ª ed. Brasília: SENAD, 2013 p.77-93.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. Em: MORAES FILHO, Evaristo de (org). *Georg Simmel*: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Col. Grandes Cientistas Sociais, vol, 34).

SIMOES, Júlio Assis; FRANCA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*. 2010, n.35, pp. 37-78.

SIMÕES, Júlio. Prefácio. Em: LABATE, Beatriz; GOULART, Sandra; FIORE, Maurício; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique (orgs). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. EDUFBA: Salvador, p.13-22, 2008.

SORTE, Nadir Ferreira Boa. O imaginário do adolescente sobre o consumo do álcool e o processo de construção de identidades – implicação para a educação e prevenção. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, 133p., 1998.

SOUZA, Leyllyanne Bezerra de; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. *A representação social do álcool entre jovens*. Em: XIX Congresso de Iniciação Científica da UFPE, 2010, Recife. Anais do XIX Conic, 2011.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; DESLANDES, Suely Ferreira; GARNELO, Luiza. Modos de vida e modos de beber de jovens indígenas em um contexto de transformações. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.15, n.3, p.709-716, 2010.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; GARNELO, Luiza. Quando, como e o que se bebe: o processo de alcoolização entre populações indígenas do alto Rio Negro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v.23, n.7, p.1640-1648, 2007.

SPINK, Mary Jane. Aventura, liberdade, desafios, emoção: os tons do apelo ao consumo do risco-aventura. *Revista de Ciências Sociais*, n. 37, p. 45-65, out. de 2012.

SPINK, Mary Jane. Contornos do risco na modernidade reflexiva: contribuições da Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, n.12, v.112, p.156-173; jan/dez. 2000.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, v. 15, n.2, p. 18-42, jul./dez, 2003.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Andréia Fernandes; ALIANE, Poliana Patrício; RIBEIRO, Luiz Claudio; RONZANI, Telmo Mota. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Goianá, MG. *Estudos Psicológicos (Natal)*, v.14, n.1, p.51-57, 2009.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Direitos sexuais e reprodutivos: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da Psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. *Psicologia & Sociedade*, n.16, v.1, p.151-160, 2004.

TORNQUIST, Carmen Susana. Vicissitudes da subjetividade: auto-controle, auto-exorcismo e liminaridade na antropologia dos movimentos sociais. Em: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (orgs). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Santa Cruz: EdUNISC; Florianópolis: Editora Mulheres, p.41-72, 2006.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. Em: NUNES, Edson. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahzar, p. 123-132, 1978.

VENDRAME, Alan; PINSKY, Ilana; FARIA, Roberta; SILVA, Roberta. Apreciação de propagandas de cerveja por adolescentes: relações com a exposição prévia às mesmas e o consumo de álcool. *Cadernos de Saúde Pública*, v.25, n.2, p.359-365, 2009.

VIANNA, Hermano. (Org). *Galeras cariocas*: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 17-57.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. Em: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado* – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 37-82.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas; 2006. 370 p., 2006.

ZANELLA, Eduardo. Não dá para sair do morro: pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP*, v.18, n.1, p.155-173, 2011.

ZANELLA, Eduardo. Proibido pra chato: etnografia sobre o consumo de bebidas alcoólicas em um “bar de bairro”. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ciências Sociais, Antropologia. 76 f., 2010.

ZANELLO, Valeska; BUKOWITZ, Bruna; COELHO, Elisa. Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem, gênero e poder. *Interacções*, n.17, p. 151-169, 2011.

ZANELLO, Valeska; GOMES, Tatiana. Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade. *Caderno Espaço Feminino*, v. 23, n. 1/2, p. 265-280, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – 1ª RODA DE CONVERSA

Sociabilidade e Consumo de álcool

(03.06.2014)

Objetivo: refletir sobre o consumo de álcool como prática de sociabilidade entre jovens.

Proposta para o grupo: pensar sobre os espaços em que circulamos no nosso dia a dia, as pessoas que encontramos e o que fazemos aí.

1° MOMENTO: Aquecimento "**O que você está fazendo?**" (participantes: 5+; foco: médio; duração: 10 min)

Todos ficam de pé em um círculo.

Um voluntário começa a fazer mímica de uma atividade habitual de quando está em um grupo de amig@s (ex.: andar de skate, conversar na praça...).

A pessoa a sua direita o pergunta: "O que você está fazendo?".

O voluntário continua fazendo a sua mímica, mas diz estar fazendo **outra coisa** (ex.: estou lendo um livro).

A pessoa que perguntou começa a fazer a mímica da ação que escutou (neste caso, lendo um livro).

O jogo continua com a pessoa à sua direita perguntando "O que você está fazendo?".

!!! Frisar que as atividade (da mímica e as faladas) devem se referir às atividades que costumam fazer quando estão em **grupo de amig@s**.

2° MOMENTO: Circular pela sala e se agrupar no centro de acordo com as perguntas. Enquanto estiverem andando pela sala, a música estará tocando. Quando for dado o comando, a música deve parar e os participantes só devem sair de suas posições quando a música voltar a tocar. (Não aconteceu como proposto)

Tirar fotos de cada formação (enquadrando o grupo e quem ficou de fora.)

- Quem gosta de viajar?
- Quem gosta de comer?
- Quem é jovem?
- Quem gosta de dormir?
- Quem gosta de festa?
- Quem gosta de futebol?
- Quem não vai torcer na Copa?

- Quem gosta de ir à escola?
- Quem gosta de passear?
- Quem não gosta de ouvir música?
- Quem gosta de dançar?
- Quem gosta de usar a internet? / Quem gosta de jogos on line?

3° MOMENTO: Colocar as tarjetas espalhadas no chão (família, escola, grupo de amig@s, comunidade, igreja, trabalho/estágio). Em cada espaço, haverá um cartaz com pincéis atômicos. Os participantes devem se agrupar nos espaços correspondentes, a partir de cada pergunta.

Pensando no cotidiano de vocês, em quais espaços vocês estão com mais frequência?

Escrever nos cartazes:
O que vocês encontram nesses lugares?
Em quais lugares vocês mais gostam de estar?
O que vocês encontram nesses lugares?
Tem algum(s) lugar(s) que vocês gostariam de estar mais?
O que vocês gostariam de fazer (mais) nesses lugares?

Pensando nesses espaços e as experiências de vocês, onde vocês encontram **bebidas alcoólicas**? (se for em todos/muitos dos lugares, escolher aquele mais representativo – onde mais encontram)
Escrever nos cartazes:
Normalmente, quando tem bebida, tem mais o quê?

4° MOMENTO: Conversa

(Atentar para os marcadores de GERAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADE**)**

Trazer os cartazes para o centro da roda.
Retomar os lugares onde estão com mais frequência. Onde e o que fazem?
Retomar os lugares onde mais gostam de estar. *Por que* gostam de estar aí? *O que* tem/fazem de legal? *Quem* encontram nesses espaços?
Retomar lugares que gostariam de estar mais. Onde? Por quê? O que gostariam de fazer? Com quem?

Onde estão as bebidas alcoólicas?
Tentar perceber se **diferentes espaços** trazem **diferentes associações/significados para a bebida!**

Quem bebe, é nesses lugares onde bebem? Se não, onde?
Como é que acontece, em geral?
Com quem estão? Quando (dias, horários)? Bebem o quê? O que rola mais? Quanto bebem? (quantidade)
E quem não bebe? Encontra bebida em algum lugar?
Como é? Quem está junto? Quem bebe? O que rola mais, além do beber?

Pensando nas **motivações**. Quem bebe, bebe *por quê*? Bebe *para quê*? / O que significa beber?

Pensar: Se situações diferentes trazem diferenças nos padrões do consumo (em *como* se bebe)? (ex. final de semana, show, festa de casamento/formatura, "dor de cotovelo"…). Problematizar questões de gênero e sexualidade.

E pensando em quem não bebe, não bebe por quê? O que significa não beber?
Como é ser jovem e beber? E ser jovem e não beber? (questões de aquisição da bebida, proibição/permissão/incentivo). Problematizar também gênero e sexualidade.

5° MOMENTO: retornos sobre o encontro de hoje e propostas para o encontro da quinta.

LANCHE COLETIVO

APÊNDICE B – 2ª RODA DE CONVERSA

Prazeres e Riscos no uso de álcool

(10.06.2014)

Objetivo: Refletir sobre...

Repercussões dos discursos de **prazer/risco** nas práticas de consumo de álcool por jovens (gênero e interseccionalidades);
Marcações de **gênero** envolvidas nas vivências de usos de bebidas (interseccionalidades).

AQUECIMENTO (15 min): Compartilhar objetivos da pesquisa, as discussões anteriores.

Técnica de associação livre em grupo "**beber é...**".

MOMENTO 2: Compartilhar o objetivo do dia.

Divisão em dois/três grupos. Cada grupo fica responsável por um vídeo clipe. Todos os grupos, no entanto, assistem aos três.

Exibição dos três videoclipes (**20 min**): 1. Ela tá beba doida (Gaby Amarantos); 2. Só vou beber mais hoje (Humberto & Ronaldo).

Discussão sobre cada vídeo em pequenos grupos (**30-40 min**). A atividade consiste em dar continuidade à história da música/clipe (**teatro** – **improviso: Ensaio 10 min**), desconstruindo preconceitos e ideias machistas que possam perceber em cada uma.

Questões para discussão em cada vídeo:

1. Ela tá beba doida:

- Mulher bêbada = vai para cima da mesa? E o homem bêbado?
- Mulher bêbada = mulher doida? (Como? Por quê?)
- Mulher com o touro, levanta o vestido – discutir ideia de que "cu de bêbado não tem dono"
- Desenho do homem: interessado no corpo da mulher (seios); foge da responsabilidade da gravidez.
- Qual(s) atitude(s), em geral, de homens em relação a uma mulher bêbada? E das mulheres?
- O que acontece/pode acontecer com essa mulher jovem, que mistura tudo e vai para cima da mesa; que fica "beba doida"?
- **Prazeres** em beber e ficar "beba doida".
- Tem algum **risco** para essa jovem? Quando? Como? Por quê?

2. Só vou beber mais hoje:

- Parar de beber: dá ou não dá? Por quê? (É um homem que canta! O que significa beber para um homem jovem? E parar de beber? E para uma mulher jovem?)
- Festa = beber? E se faltar/não tiver bebida?
- Apelidos: pinguço, pé de cana. Quais são os apelidos para as mulheres? Têm o mesmo peso? Por quê?
- "O negócio aqui tá pegando fogo": o que isso quer dizer sobre a festa?
- Por que tantas mulheres (todas sensuais)?

- Prazeres de beber para um homem jovem?
- Tem riscos? Quais? / “Faz mal?” (Quando? Como? Por quê?)
- Por que parar de beber? (O cantor fez uma promessa a deus para parar de beber!)

MOMENTO 3 (até 30 min): Apresentação de cada história. Cada grupo explica os preconceitos/machismos que mudaram na continuação da sua história.

Perguntar sobre os prazeres e riscos relacionados ao beber em cada história.

ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES E CONFRATERNIZAÇÃO – Pizzaria.

APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA

Escola José Rodrigues de Carvalho.
Rua 52, S/N - COHAB, Cabo de Santo Agostinho - PE, CEP: 54525-600.
(81) 3521-2079

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro que a Escola José Rodrigues de Carvalho tem conhecimento e apoia a realização do projeto de pesquisa da mestranda Leyllyanne Bezerra de Souza, intitulada "Significados atribuídos por jovens da região Suape-PE ao consumo de bebidas alcoólicas", que se integra ao programa Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape, desenvolvido pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob coordenação do Professor Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento, do Departamento de Psicologia.

Recife, 03 de junho de 2015.

_____

ANEXOS

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RODAS DE CONVERSA

Caro participante,

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape, um estudo sobre desenvolvimento social e promoção da saúde na região de Suape, realizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob coordenação dos Professores Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento e Dr. Benedito Medrado, do Departamento de Psicologia e Dra. Juliane FeixPeruzzo do Departamento de Serviço Social da UFPE.

O objetivo deste estudo é conhecer as opiniões, conhecimentos e atitudes de pessoas que residem ou trabalham na região de Suape sobre temas concernentes à saúde sexual e reprodutiva, uso abusivo de álcool e outras drogas, violência sexual e de gênero e sobre a própria presença do projeto no município.

Sua forma de participação consiste em permitir que as discussões durante as atividades da formação integrante da Ação Juvenil sejam relatadas pelos monitores para fins da pesquisa. Não será cobrado nada pela sua participação; não estão previstos ressarcimentos.

Consideramos que algumas questões discutidas durante as oficinas são íntimas e pessoais, sendo garantido aos participantes a liberdade de não se posicionar sobre elas, interromper a sua participação, bem como retirar seu consentimento, em qualquer momento do processo. Ainda assim, caso a sua participaçãovenha a causar algum transtorno, poderá solicitar encaminhamento para a Clínica Psicológica da UFPE. Ressaltamos também que a apresentação dos resultados cuidará para preservar a identidade dos depoentes

Muitas pessoas se sentem beneficiadas em possibilitar informações que possam ajudar a melhor entender aspectos relacionados à promoção da saúde. Do mesmo modo, participar das oficinas, conduzida por profissionais que lidam com questões referentes aos temas do projeto, é um benefício direto pela participação.

Desde já agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com o responsável principal Luis Felipe Rios do Nascimento, telefone (81) 2126.8270. O referido professor será responsável pela guarda dos dados da pesquisa, os quais ficarão arquivados no Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana, localizado no Departamento de Psicologia da UFPE.

Após ter sido esclarecido(a) sobre as informações acima, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

Local, data:

Nome e assinatura do pesquisador:

_____

* * *

Declaro que entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, minha forma de participação, riscos e benefícios de minha participação. Eu li e compreendi este termo de consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local, data

Nome e assinatura do entrevistado:

_____

Nome e assinatura de testemunha 1:

_____

Nome e assinatura de testemunha 2:

_____

Responsável legal e local onde serão arquivados os dados da pesquisa: Prof. Luis Felipe Rios do Nascimento - Endereço: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 9º. Andar, Cidade Universitária. Recife/PE - Telefones p/contato: 2126.8270 Comitê de ética responsável: Avenida da Engenharia, S/N - 1º andar, CEP: 50740-600, Cidade Universitária Recife - PE, Brasil. Telefone/Fax do CEP: (81) 2126-8588 - E-mail do CEP: cepccs@ufpe.br

ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu,_____, responsável por _____, autorizo-o (a) a participar das oficinas realizadas pelo Projeto Diálogos para o Desenvolvimento Social de Suape- UFPE. Estou ciente de que estas oficinas trabalham saúde sexual e reprodutiva, uso abusivo de álcool e outras drogas, violência sexual e de gênero e sobre a própria presença do projeto no município de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca através de atividades lúdicas, vídeos e debates e que tais atividades ocorreram nos dias nos dias 29/Maio, 05/Junho, 07/Junho e 11/Junho, das 11h às 17h.

Autorizo o (a) participante a ser filmado e fotografado durante as oficinas, (desde que o (a) mesmo(a) esteja de acordo) para fins de registros e utilização em oficinas/formações.

- o Sim
- o Não

_____

(Assinatura do responsável)